

D.O. *Leitura*

o 1 • Número 9 • São Paulo, fevereiro de 1983

Leitura

Ano 1 • Número 9 • São Paulo, fevereiro de 1983

PANORAMA DO CONTO PAULISTA



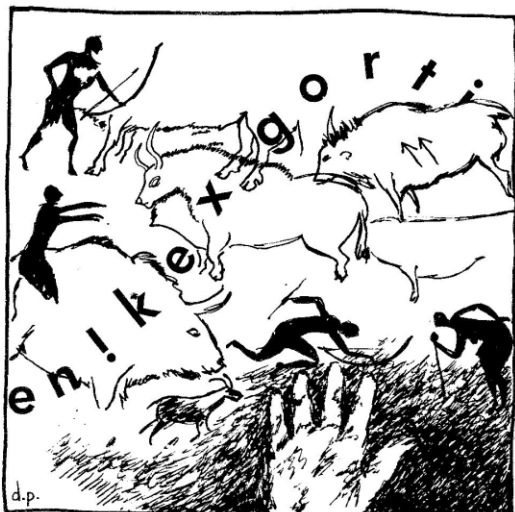
A presente edição, voltada para o propósito de oferecer uma visão panorâmica do conto paulista, terá agora, além dos números mensalmente encartados nos diversos Diários Oficiais, um expressivo acréscimo de 208.000 exemplares, estes destinados aos estudantes que integram a Rede Oficial do Ensino do Segundo Grau da Capital e da Grande São Paulo. Um acontecimento sem precedentes em nossa vida literária, de acentuados reflexos educacionais, tornado possível graças à ação conjugada da Imprensa Oficial e da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Ao promover este lançamento, a Imprensa Oficial vence nova etapa no seu plano de difusão

da cultura, mas desta vez o faz, de maneira singular, pela abrangência da iniciativa que coloca duas centenas de milhares de jovens em contato com um dos gêneros literários mais difíceis de todos os tempos.

É nossa esperança que, dado o critério que presidiu à seleção dos contos, possa esta coletânea estimular ou criar no aluno o gosto pela leitura e, ao chegar às mãos dos professores, venha a se converter num instrumento de freqüente manuseio pelo inusitado valor pedagógico que encerra, em consonância com os princípios regeneradores da educação.

O CONTO EM HISTÓRIAS

RUY MARCUCCI



"ERA UMA VEZ..."
Quem não conhece o efeito mágico dessas palavras, por mais tempo que já tenha passado desde que elas foram ditas à criança que já fômos? Há sempre uma pessoa que ficou associada àquele momento, uma figura de mulher, uma cabeça branca, uma voz suave e pausada, um vulto recostado no escuro de nossa infância. Em todas as línguas do mundo existe uma expressão como essa, uma promessa e um começo de estória, um convi e a fantasia que é mais que um prazer porque é uma necessidade humana. A narrativa contada em torno da fogueira foi o primeiro passatempo da humanidade em épocas imemoriais, mas não foi apenas isso: as aventuras de indivíduos e de grupos revelaram os primeiros heróis e falaram dos primeiros estadistas. As estórias primitivas começaram a escrever a História e, modernamente, com o avanço da pedagogia, a narrativa, bem manejada, se insere

na aula como um instrumento de atração, que ilustra o pensamento do expositor e esclarece o conteúdo da lição.

O conto, a historieta, a fábula têm acompanhado o desenvolvimento da cultura porque se acham em correspondência com uma solicitação natural do espírito humano sempre envolvido na fantasia e na curiosidade.

Desenhos toscamente dispostos em série, encontrados em inúmeras grutas da Ásia ou em furnas da França e da Espanha, são esboços de contos, já anteriormente relatados à grei, apresentando as aventuras do homem primitivo que se refugiava no fundo das cavernas a fim de escapar aos animais que rugiam, ameaçadores, lá fora.

De qualquer forma, parece que o homem sempre teve necessidade de transmitir o seu caso — o couso do nosso caipira — e isso ocorre antes mesmo que surja a escrita. Quem é Tirésias, o sublime cego da Tebas antiga, senão um contador de histórias —

por extensão dos contos? Não são contos, típicos contos, os dos **Mil e Uma Noites**, do mundo árabe de Harum-Al-Rachid, o Magnífico, em que se fundem a crueldade dos poderosos e a esperteza e os ardis dos fracos, e nos quais a malícia das escravas aponta na remota direção das mulheres emancipadas dos nossos dias? Antes disso, com predecessores em toda a Mesopotâmia, na Índia e no Egito, têm lugar nesta sinopse a lembrança das parábolas de Jesus, que são, a rigor, contos curtos, tão comunicativos que permitiram a rápida expansão de um pensamento filosófico que se tornou suporte de uma religião dominadora.

Nos rapsodos gregos, em Demóstenes, na **Bíblia**, a onipresença do conto — sempre a onipresença do conto. No **Velho Testamento**, é conto o conflito entre Esaú e Jacó, este último um emulo do velho Ulysses, cuja virtude, típica daqueles tempos, não era a latina da coragem, do vigor físico e da devoção a Roma, mas a capacidade de

enganar o próximo. Conto, e dos mais belos, é o episódio de Rute. E é conto o encontro de Salomão com a rainha de Sabá, e o epitalâmio consequente (embora não assente) do **Cântico dos Cânticos**. A própria história de Noé, que emerge do limbo folclórico mesopotâmico, é um autêntico conto e, curiosamente, encontra símile em várias outras civilizações, com inusitado sabor arquetípico.

A narrativa curta, isso que depois foi chamado conto, teria nascido no Egito. A **História de Dois Irmãos** talvez seja a estorinha mais antiga que se conhece, datando provavelmente do século XIV a.C., e tendo sido aproveitada parcialmente como tema do **Antigo Testamento**, que a recontou no drama vivido por José naquele país. Mas conto, conto como conhecemos, veio muito depois. A palavra pode ter vindo do latim *computum*, cálculo, ou do grego *kóntos*, pontade-lança, ou ainda do latim *commentum*, invenção.

Em civilizações mais próximas



de nós, a arte de contar transparece, com todo vigor, nos rapsodos gregos e dela se valeu, certamente, Demóstenes (o ponto mais alto da oratória de todos os tempos) ao perceber que os jurados não se interessavam pelo seu arrazoado, que decidia sobre a vida de um ateniense. Maliciosamente, então, sussurrou-lhes o conto de um homem que se deitou à sombra de um cavalo. Tão logo veio o dono e lhe solicitou pagamento, pois o animal, sendo seu, também era ele proprietário da sombra... Estabeleceu-se entre os atenienses vigoroso debate de que se valeu Demóstenes para restaurar a atenção perdida.

Séculos após, na França medieval, irrompem os *fabliaux*, (de fable, fábula) na boca dos *troubadours* que, de castelo em castelo, apresentavam narrativas, caracterizadas pela brevidade e um toque de malícia, nas quais se retratavam os variados acontecimentos das aldeias, as desventuras amorosas dos moleiros e artesãos e a perfídia feminina triunfante sobre o outro sexo, através de engenhosos artifícios.

Em Portugal, o mais antigo

Bem posteriormente coube a Balzac conferir ao conto o timbre de nobreza literária. Em Guy de Maupassant o gênero assume forma definitiva ainda não superada. Na tentativa de explicá-lo a um discípulo, Maupassant quis mostrar que a sua elaboração partia da verificação da vida e de uma razoável capacidade de surpreendê-la nos seus aspectos interessantes e vivazes. Depois, bastaria encontrar um bom começo e desfecho.

— E o meio, mestre?

— Ah! aí é que entra o artista.

A explicação vale como uma *boutade*, que deixa o aprendiz no ar, sob o efeito atordoante da frase feita. Na realidade o processo é mais complexo. E o tamanho do conto, o processo de sua elaboração, o conteúdo, o rigor do começo, meio e fim?

A regra possivelmente consiste na ausência de qualquer regra rígida. Quanto à sua extensão, por exemplo, o contista americano William Saroyan nos oferece um conto de menos de três linhas — uma *short-short-story* — que se resume nisto: "O padre voltou-se para o homem que o apunhalara nas costas, examinou-lhe cuidadosa-



d.p. 83

sobre a arte de contar ganhe contornos de uma história), afinal o que é o conto?

Mário de Andrade dizia *molecamente* que conto é tudo aquilo que o autor deseja que seja. Quando Mário cunhou tal frase, já o conto não era mais o que pretendiam Valdomiro, Lobato e Antônimo de Alcântara Machado. Nem, a rigor, ele mesmo o fazia. Os pós-modernos e os *meninos* de 45 corimbavam como contos as suas crônicas, *manchas*, devaneios e até pinceladas rápidas para pôr de pé uma personagem. Já não era comum um conto com começo, meio e fim. Ninguém estava preocupado em contar uma história como as que mais tarde faria Guimarães Rosa que, de resto, foi, na década dos 50, com outra linguagem, o autor de um retorno ao passado dos *causos*. Enfim, vinte anos depois de 22, caiu-se numa doce anarquia planejada, em que o autor, despoliciado, dizia que era conto o que, vinte ou trinta anos antes, não seria mais do que uma crônica, uma página de memória, um lance de vida.

Como se constata, não sendo fácil definir o que seja um conto ou estabelecer regras para sua estrutura, preferimos o caminho da exposição descompromissada entregando a conclusão a quem lê, numa repetição dos poetas simbolistas que deixavam pelo menos um terço do poema a cargo da imaginação dos leitores. Parafraseando um dos nossos melhores escritores, aqui exercemos tão só o papel de porteiro loquaz ante um auditório de mais de 200.000 jovens que frequentam as nossas escolas. Agora, pois, os mestres vão desfilir e a aula começa.

Ruy Marculci, editor do D.O. Leitura. Jornalista, professor e advogado. Autor de livro de reportagens, em que entrevista e interpreta figuras experientes da filosofia oriental.



d.p. 83

fabliau (ou arremedo dele) vem do ano 1350, no momento em que a língua portuguesa, na península ibérica, oscilava entre as derradeiras influências do latim popular *sermo plebeius* e aquele falado pelos soldados, *sermo castrensis*. Em D. Ramiro ou a *Lenda Gaia*, o rei se deixa tomar pela *fermosura* de uma moura, irmã de Alboazer Alboçadam, "o que *conquereu* (conquistou) a terra no tempo do rei Rodrigo. A moura fez *enfinta* (fingimento) que o amava muito e mandou-lhe dizer que o queria ver, por se haver de conhecer com ele, *por as* (pelas) amizades serem muito firmes". E a narração segue, na linguagem deliciosa do português nascente.

Tudo, entretanto, representava uma tentativa para atingir o conto, que só veio a ter forma definitiva com o genial Boccaccio, principalmente no *Decameron*, obra marcada pela aguda observação da realidade e também por um certo apetite feroz e alegre da carne verde do cotidiano.

mente a cara e, morrendo, disse: "Por que me matas? Não te fiz nenhum favor".

Quanto ao processo de criação, autores como Alberto Moravia proclamam que o contista não deve perder o controle sobre a história (à maneira de Dickens que soluçava nos momentos em que uma de suas personagens morria). Saltando para a nossa realidade, Lobato, bem ao contrário, se confessa um prisioneiro de Emília, sempre a conduzir as suas mãos para um desfecho imprevisto. "Contos são *bernes*" — também dizia. A gente pega os germes aqui e ali e eles ficam germinando em nossos misteriosos subconscientes". E que dizer deste contista contemporâneo que à hora das refeições fixa o olhar vagamente num ponto qualquer para surpresa da filha menor: "Papai está doente?" "Não" — tranquilizava a mãe — "ele está escrevendo".

Mas, após esta digressão propositadamente entremeadas de episódios (de modo que uma exposição



d.p. 83

FUJIE

JOÃO ANTÔNIO

Nem tu, mulher, ser vegetal, dona do abismo, que queres como as plantas, imovelmente e nunca saciada.

Tu que carregas no meio de ti o vórtice supremo da paixão.

O Dia da Criação
Vinícius de Moraes

Alteração na vida. Meus olhos tristes.

Para mim, moleque da Penha, um dos amigos de meu pai largou aquele entusiasmo:

— Este menino é um touro. Se eu fosse você, Antônio, botava ele num esporte.

E Antônio, meu pai, adorava lutas. Comprou-me quimono, me levou ao barbeiro que eu andava cabeludo que nem urso, me enfiou umas idéias na cabeça de moleque, me carregou

para a academia de judô. Tombos tremendos. Suei feito boi ladrão. Dolorido, quebrado. Moleque, botei a boca no mundo numa revolta danada. O tal judô não me servia. Desistiria.

— Que nada! Desistir nada! É só para você não ficar mole.

Lamos às provas lá no Pacaembu, na Lapa, na academia da Rua Quintino Bocaiuva. Sempre conhecíamos gente nova. Assim, eu achei muito amigo. Entre judocas, camaradagem. Muito bom o convívio com japoneses cá de São Paulo. Sujeitos dóceis, cordatos, bem-educados a ponto de parecerem moças. E quem as vê não avalia o que podem na briga...

Academia, disputa, camaradagem, mais coisas. Lá na Liberdade achei o ótimo Toshitaro. Nunca vi ninguém como. Costu-

mo dizer que o sujeito que não se der com Toshitaro não presta. Ou não conhece Toshi.

Eu nunca havia sentido nada pelas coisas do Japão. Levou-me a beber sakê nos restaurantes da Liberdade, mostrou-me cinema. Depois gravuras, depois pinturas, tatuagens. Fui atingindo a dimensão mística de todas aquelas belezas. Percebi, por exemplo, que naquelas mulheres passivas e tímidas e afáveis, mexendo-se dentro de quimonos enormes, quase aos pulinhos, e que o cinema me trazia entre neve e casas do Japão, morava um mundo diferente de sensualidade. Poesia naquelas coisas.

Gostei. Como quem descobre uma maravilha, gostei. Não me arredava daqueles ambientes. Gostei demais. Judô, folclore japonês, depois teatro, fotografia.



Aquilo, sim, meu Deus, era um mundo!

À mesa, papai se admirava com meus entusiasmos. Gostava — rapazola, eu já era faixa vermelha.

Toshitaro, com cinco anos à minha frente, me levava pela mão direita ao judô. Esquecia a condição de faixa preta e o 3.º dan, me dava o lado direito na luta. Dava tudo. Sujeito espetacular, enorme no tatami e fora dele. Aprendi mais com Toshi do que com os três professores que já tive. Só me abro mesmo é com meu pai — eu penso que é defeito de criação. Fico gostando de uma coisa e não digo a ninguém. Assim como, quando me encho demasiado com um aborrecimento e a raiva cresce, me tranco num lugar e choro que nem criança. Pois um dia falávamos. Uma patricinha de Toshi nos cumprimentou, passando. Grandiosa!

— Você viu? Parece que suas maçãs do rosto são de pêssego.

Toshitaro ria. Ria. — E você já sabe tudo o que é bom...

★

Agora, íntimos. Eu não sei se estou certo — mas dois sujeitos ganham mesmo intimidade, quando entra mulher na história. Vinha à minha casa, ia à casa dele. Amigão. Unha e carne.

Dezesseis anos. O ginásio acabado. A boa vida acabada. Precisava trabalhar. Gente pobre, é is-

to. Bom. Olhei para a minha perspectiva e vi que minha vida iria se complicar. Que é que eu sabia fazer? Lutar judô, declinar latim com lerdeza, tipar redações, tentar fotografias em dias de sol? Isto e mais outras coisas que não resolveriam nada. Afóra... Minha vida se complicaria. À noite, escola — que eu queria continuar estudos. Baiente, durante o dia. Por aí, nesses pensamentos, me lembrei de Toshitaro. Que seu pai era fotógrafo. O estúdio de seu Teikam. Toshi duro no tatami, tão bom na vida! Estava empregado. Revelar negativos, ajeitar fotos, aprender trabalhar com lente e luz, me virar na vida, que diabo!

Promoção para papai nos Correios e Telégrafos, e se negociou um apartamento na Liberdade. Pagaria aos poucos, como toda compra que arranja. Ah, papai e sua conversa...

Para mim, uma sopa. O estúdio de seu Teikam, meu trabalho, a quinze minutos do apartamento. A escola no centro da cidade. E judô onde eu quisesse. Tinha Toshitaro bem perto de mim.

★

Quatro datas quase coincidentes: a primeira barba, dezoito anos, casamento de Toshi, minha faixa marrom.

Fizeram lua-de-mel numa estação de águas.

Toshitaro casado. Papai engordando. Minha barba





crescendo, pedindo segunda raspagem. Três semanas sem ver Toshi e eu fiquei vazio. Zanzei pelas ruas da Liberdade como um errado. Necessário não se ter alguém, para entender a valia. Uma falta danada. E a Física e a Química na escola, como duas pragas, a exigirem tudo. Dureza.

Começava a compreender que eu me completava em Toshi. Tudo de meu. Uma chapa sem a opinião dele... Passeio sem Toshi, a mesma coisa. Teatro também, saké também, tudo valendo nada.

Voltaram. Dupliquei a amizade. Interrumpi economias, e presenteiei com o que pude. Toshi, que o casamento não o ausentou de nada! Unha e carne, ainda. Nossas coisas iam bem.

★

Por que diabo há de sempre entrar mulher na história?

Meus olhos tristes. Meus olhos já viajam pouco para ela. E cada vez que se arriscam é um estremecimento, atrapalhado sem jeito. Não fiz nada, eu não pedi nada! Eu só queria a camaradagem de Toshi. Será que aquela mulher não entende?

Se vou à varanda do laboratório de revelação. Cada vez que preciso de alguma coisa. Cada vez que me faltam fósforos. É ela que vem. Que me procura à toa, por banalidades. Chego-se, tira-me o cigarro da boca, acende-o e

recoloca-o na minha boca. Numa insolência que dá vontade de bater. E quando olho para aquela janela... São os seus olhos que estão me comendo, pedindo.

Medo. Meus olhos viajam pouco.

Aquela mulher vai matar uma amizade de anos, coisa intocável. Como a cara de um homem. Porque eu acabo dando o fora, caindo no mundo, já me chega o que aconteceu. Horrível, esta situação. Não agüento. Será que não está contente com o que tem? Outro Toshi não existe. Tão forte. Bom. Homem se atilando cada vez mais em tudo o que faz. Por que diabo houve de se meter comigo?

E eu que não procurei nada... Está certo que sou maluco por ela. Fui, ideal de beleza de todas as graças que vejo nas coisas do Japão. Que me surgiu a eclodir como o máximo. É verdade. Entretanto, nunca disse nada, nunca nem ao de leve um gesto inusitado que demonstrasse. Sempre eu a tapar tudo.

O diabo é que vivo agitado, as idéias coladas nela, nos braços, nas ancas, não sei. Impossível desgrudar. Olhei para aqueles cabelos, dei com o corpo inteiro. Desejei. Sonhei. Com os olhos de Fuijé, sonhei, com a boca, com Fuijé inteira. Disse seu nome lá sei quantas vezes, rabisquei-o em todos os papéis, dez, vinte, um milhão de vezes. Amassei-os. Fiz tudo de novo. Os olhos rasgados me pedindo, me comendo.

Quando em quando, ninguém nos vendo, leva minhas mãos a seus peitos para sentir o calor. Beijei seu retrato que eu havia fotografado e chorei que nem moleque!

Primeiro abalo na minha vida. Mas eu não disse nada.

Fuijé, Fuijé que insiste há meses. Que tenta, que procura, que espera. Eu, tímido, abobalhado. O calor que se emana dos seios me dá vontade... Fazer uma maluqueira à frente de todos. Escorregando-me das conversas, dos encontros de olhos. Penso no café que fui. E em Toshi. Minha vontade é não voltar ao estúdio de seu Teikam. Tomar sumiço da Liberdade. Fazer uma asneira tremenda.

Eu vivo é tanto. Fuijé me passando bilhetes sorrateiros, quentes ainda de seu seio, escrevendo coisas. A solidão das noites em que Toshiro vai à academia com o pai, me pedindo, me lacrando de bobo! Sozinhos, mostra-me a língua, numa provocação a que não resisto. Diabo de mulher maluca! Depois, toco-me o braço tão de mansinho. Uma ternura que me agita. Encolho-me, esgueiro-me. Humilhado e pequeno.

Se eu quisesse, lhe diria desaforos tremendos... Mas nunca tive coragem.

★

Ontem. Meio hora boboando sem nexa pela Rua Galvão

Bueno. Como um zonzó. Matara as aulas, vejamos onde cheguei. Olhei para os cartazes do Niterói, entrei. Não suportei o filme dez minutos. Lássidão. Minha cabeça molhada pela chuva. A capa pesava, nos ombros pesava. Enfiar a mão no bolso, adivinhei o bilhete. Um arrojo maluco me passou pela cabeça.

Como um mecanismo vadio, me arrastei lento até a Avenida Liberdade. Ajeitei-me num tamborete de bar, pedi conhaque. Fazia muito calor e chovia. Moscas agitavam-se. Mas só havia no ar o corpo de Fuijé que eu adoro. Dali eu via o luminoso de seu Teikam e adivinhava o quarto dela. Fumei muito olhando para o luminoso. Bondes que vão para o outro lado da cidade rangiam-me na cabeça. Adoraria estar longe! Dei de cara com um conhecido me ofertando café.

Fechei os olhos. Os seios quentes. Os olhos rasgados me surgiram, tomando conta das moscas e dos bondes e de mim; me argui pesadamente. Oito horas. Noite tão quente, chata! Fiquei virando um infinito de coisas na cabeça, com angústia. Uma depressão tremenda. Tinha a cabeça molhada, mas suave na testa. Luzes iam, sumiam na avenida. O luminoso de seu Teikam brilhava, se apagava, brilhava. Tive a impressão de que ele sabia o que se passava comigo. Zonzó, cominho para ele, lá quase chorando. Os autos me espirravam água da chuva.

Eu a enlaçei.

— Nega, benzinho...

Lá fora, a chuva fazia festa no telhado. No quarto algumas moscas estavam numa agitação irritante. Eu só sabia que estava fazendo uma canalhice. Ia chover mais, ia chover muito. Era chuva que Deus mandava. Eu fazia um esforço para me agarrar à idéia de que não era culpado. Culpada era a avenida, era a noite, era a chuva, era qualquer coisa. Ralhou comigo:

— Eu não sou negra.

— É só carinho que eu estou fazendo.

Chuva lá fora, zoeira de moscas atribuladas. Dentro do quarto, amor.

José Antônio, escritor, jornalista e conferencista. Autor dos livros de contos *Malaguetta*, *Perus* e *Bacanaço*, *Dedo Duro* e outros. Prêmios: Fábulo Prado, da União Brasileira de Escritores e Jabuti (revelação de autor e melhor livro de contos) e da APCA. Yvete Ka, pintora e ilustradora. Apresentou seus trabalhos no Musée du Grand Palais, de Paris e no Salão de Arte Contemporânea de Lyon, onde obteve o grande prêmio de Artes Gráficas. Menção especial de Juri na XVII Exposição Palme d'Or.

ANTES DO BAILE VERDE

LYGIA FAGUNDES TELLES

O RANCHO AZUL E BRANCO desfilava com seus passistas vestidos à Luís XV e sua porta-estandarte de peruca prateada em forma de pirâmide, os cachos desabados na testa, a cauda do vestido de cetim arrastando-se enxovalhada pelo asfalto. O negro da bamba fez uma profunda reverência diante das duas mulheres debruçadas na janela e prosseguiu com seu chapéu de três bicos, fazendo flutuar a capa encharcada de suor.

— Ele gostou de você — disse a jovem, voltando-se para o mulher que ainda aplaudia. — O cumprimento foi na sua direção, viu que chique?

A preta deu uma risadinha. — Meu homem é mil vezes mais bonito, pelo menos na minha opinião. E já deve estar chegando, ficou de me pegar às dez na esquina. Se me atraso, ele começa a encher a caveira e pronto, não sai mais nada.

A jovem tomou-a pelo braço e arrastou-a até a mesa de cabecei-

ra. O quarto estava revolvido como se um ladrão tivesse passado por ali e despejado caixas e gavetas.

— Estou atrasadíssima, Lul! Essa fantasia é fogo... Tenha paciência, mas você vai me ajudar um pouquinho.

— Mas você ainda não acabou?

Sentando-se na cama, a jovem abriu sobre os joelhos o saiotê verde. Usava biquíni e meias rendadas também verdes.

— Acabei o que, falta preparar tudo isto ainda, olha aí... Fui inventar um raio de pierrette difícil!

A preta aproximou-se, alisando com as mãos o quimono de seda brilhante. Espetado na carapinha trazia um crânio de papel-crepom vermelho. Sentou-se ao lado da moça.

— O Raimundo já deve estar chegando, ele fica uma onça se me atraso. A gente vai ver os ranchos, hoje quero ver todos.

— Tem tempo, sossega — ata-

liou a jovem. Afastou os cabelos que lhe caíam nos olhos. Levantou o abajur que tombou na mesinha. — Não sei como fui me atrasar desse jeito.

— Mas não posso perder o desfile, viu, Tatissa? Tudo, menos perder o desfile!

— E quem está dizendo que você vai perder?

A mulher enfiou o dedo no pote de colo e baixou-o de leve nas lantejoulas do pires. Em seguida, levou o dedo até o saiotê e ali deixou as lantejoulas formando uma constelação desordenada. Colheu uma lantejoulas que escapara e delicadamente tocou com ela na cola. Depositou-a no saiotê, fixando-a com pequenos movimentos circulares.

— Mas se tiver que pregar as lantejoulas em todo o saiotê...

— Já começou a queixar-se?

Achei que dava tempo e agora não posso largar a coisa pela metade, vê se entende! Você ajudando vai num instante, já me pinte, olha aí, que tal minha co-

ra? Você nem disse nada, sua bruxa! Hein?... Que tal?

A mulher sorriu.

Ficou bonito, Tatissa. Com o cabelo assim verde, você está parecendo uma alcachofra, tão gozada. Não gosto de desse verde na unha, fica esquisito.

Num movimento brusco, a jovem levantou a cabeça para respirar melhor. Passou o dorso da mão na face afoqueada.

— Mas as unhas é que dão a nota, sua tanta. É um baile verde, as fantasias têm que ser verdes, tudo verde. Mas não precisa ficar me alhanda, vamos, não pare, pode falar, mas vá trabalhando. Falta mais da metade, Lul!

— Estou sem óculos, não enxergo direito sem os óculos.

— Não faz mal — disse a jovem, limpando no lençol o excesso de colo que lhe escorreu pelo dedo. — Vá grudando de qualquer jeito que lá dentro ninguém vai reparar, vai ter gente à beça. O que está me endoidando é este calor, não agüento mais, tenho a

impressão de que estou me derretendo, você não sente? Calor bárbaro!

A mulher tentou prender o crânio que resvalara para o pescoço. Franziu a testa e baixou o tom de voz.

— Estive lá.

— E daí?

— Ele está morrendo.

Um carro passou na rua, buzinando freneticamente. Alguns meninos puseram-se a cantar aos gritos, o compasso marcado pelas batidas numa frigideira: A coroa do rei não é de ouro nem de prata...

— Parece que estou num forno — gemeu a jovem, dilatando as narinas porejadas de suor. — Se soubesse, teria inventado uma fantasia mais leve.

— Mais leve do que isso? Você está quase nua, Tatissa. Eu ia com o minha havaiana, mas só porque aparece um pedaço da coxa o Raimundo implica. Imagine você então...

Com a ponta da unha, Tatissa



colheu uma lanterna que se en-
dara na renda da meia.
Deixou-a cair na pequena conste-
lação que ia armando na barra
do saio e ficou raspando pensa-
tivamente um pingo ressequido
de cola que lhe caíra no joelho.
Vagava o olhar pelos objetos,
sem fixar-se em nenhum. Falou
num tom sombrio:

— Você acha, Lu?
— Acha o quê?
— Que ele está morrendo?
— Ah, está, sim. Conheço bem
isso, já vi um monte de gente
morrendo, agora já sei como é. Ele
não passa desta noite.

— Mas você já se enganou
uma vez, lembra? Disse que ele
ia morrer, que estava nas últi-
mas... E no dia seguinte ele já pe-
dio leite, radiante.

— Radiante? — espantou-se a
empregada. Fechou num muxoxo
os lábios pintados de vermelha-
violeta. — E depois, eu não disse
não senhora que ele ia morrer,
eu disse que ele estava ruim, foi
o que eu disse. Mas hoje é dife-
rente, Tatiso. Espiei do porta,
nem precisei entrar para ver que
ele está morrendo.

— Mas quando foi lá ele estava
dormindo tão calmo, Lu.

— Aquilo não é sono. É outra
coisa.

Afastando bruscamente o saio-
te aberto nas joelhas, a jovem
levantou-se. Foi até a mesa, pe-
gou a garrafa de uísque e procu-
rou um copo em meio da desor-
dem das frascas e caixas. Açou-

o debaixo da esponja de armi-
nha. Soprou o fundo cheio de pó-
de-arroz e bebeu em largos ga-
les, apertando os maxilares. Res-
pirou de boca aberta. Dirigiu-se à
preta.

— Quer?
— Tomei muita cerveja, se mi-
tura dá ânimo.

A jovem despejou mais uísque
no copo.

— Minha pintura não está der-
retendo? Veja se o verde dos
olhos não borrou... Nunca trans-
pirei tanto, sinto o sangue ferver.

E nessa correria... Também não
sei por que essa invenção de saio-
te bordado, as lanterinhas
vão se desgrudar todas no aperto.
É o pior é que não posso capi-
char, com o pensamento no Rai-
mundo lá na esquina...

— Você é chata, não Lu? Mil
vezes fica repetindo a mesma
coisa, taque-taque-taque! Esse
cara não pode esperar um
pouco?

A mulher não respondeu. Ou-
via com expressão deliciada a
música de um bloco que passava
já longínqua. Cantarolou em fal-
sete: *Acabou chorando... acabou
chorando...*

— No outro carnaval entrei
num bloco de sujas e me diverti
de grande. Meu sapato até desman-
chou de tanto que dancei.

— E eu no cama, padre de gri-
pe, lembra? Neste quero me es-
baldar.

— E seu pai?

Lentamente a jovem foi lim-
pando na lenço as pontas dos
dedos esbranquiçados de cola. To-
mou um gole de uísque. Voltou a
afundar o dedo no pote.

— Você quer que eu fique aqui
chorando, não é isso que você
quer? Quer que eu cubra a cabe-
ça com cinza e fique de joelhos
rezando, não é isso que você está
querendo? — Ficou olhando para
o ponto do dedo coberto de lan-
terinhas. Foi deixando no saio-
te o dedal cintilante. — Que é que eu
posso fazer? Não sou Deus, sou?
Então? Se ele está pior, que culpa
tenho eu?

— Não estou dizendo que você
é culpada, Tatiso. Não tenho na-
da com isso, ele é seu pai, não
meu. Faça o que bem entender.

— Mas você começa a dizer
que ele está morrendo!

— Pois está mesmo.

— Está nadando! Também espiei,
ele está dormindo, ninguém mor-
re dormindo daquele jeito.

— Então não está.

A jovem foi até a janela e ote-
neou a face ao céu roxo. Na cal-
çada, um bando de merlines brin-
cava com biscoitos de plástico em
formato de banana, esguichando
água um na cara do outro. Inter-
romperam a brincadeira para
vair um homem que passou ves-
tido de mulher, pisando para fora
nos sapatos de saltos altíssimos.
"Minha lindura, vem comigo, mi-
nha lindura!" — gritou o mole-
que maior, correndo atrás do ho-
mem. Ela assistiu à cena com in-
diferença. Puxou com força as
meias presas aos elásticos do bi-
quini.

— Estou transpirando feito um
cavalo. Juro que, se não tivesse
me pintado, metia-me agora num
chuveiro, basteira a gente se pin-
ta antes.

— E eu não agüento mais de
sede — resmungou a empregada,
arregando as mangas do
quimono. — Ali uma cerveja
bem geladinha. Gosto mesmo é
de cerveja, mas o Raimundo pre-
fere cachocha. No ano passado,
ele ficou de porre os três dias, fui
sozinha no desfile. Tinha um car-
ro que foi o mais bonito de todos,
representava um mar. Você pre-
cisava ver aquele monte de se-
reios enrolados em pérolas. Tinha
pescador, tinha pirata, tinha pol-
vo, tinha tudo! Bem lá em cima,
dentro de uma concha abrindo e

fechando, a rainha do mar cobri-
ta de jóias...

— Você já se enganou uma vez
— atalhou a jovem. — Ele não
pode estar morrendo, não pode.
Também estive lá antes de você,
ele estava dormindo tão sossega-
do. E hoje cedo até me reconhe-
ceu, ficou me olhando, me
olhando e depois sorriu. Você está
bem, papai?, perguntei e ele
não respondeu, mas vi que en-
tendeu perfeitamente o que eu
disei.

— Ele se fez de forte, coitado.

— De forte, como?

— Sabe que você tem o seu
baile, não quer atrapalhar.

— Ih, como é difícil conversar
com gente ignorante — explodiu
a jovem, atirando o chão as rou-
pas amontoadas na cama. Revis-
tou as bolsas de uma calça com-
prida. — Você pegou meu cigar-
ro?

— Tenho minha marca, não
preciso dos seus.

Escuta, Luzinha, escuta —
começou ela, ajeitando a flor na
carapinha da mulher. — Eu não
estou inventando, tenho certeza
de que ainda hoje cedo ele me
reconheceu. Acho que nessa hora
sentiu alguma dor, porque uma
lágrima foi escorrendo daquele
lado paralisado. Nunca vi ele
chorar daquele lado, nunca. Cho-
rou só daquele lado, uma lágrima
tão escura...

— Ele estava se despedindo.

— Lá vem você de novo, mer-
da! Pare de bancar o corvo, até
parece que você quer que seja
hoje. Por que tem que repetir is-
so, por quê?

— Você mesma pergunta e não
quer que eu responda. Não vou
mentir, Tatiso.

A jovem espiei debaixo da ca-
ma. Puxou um pé de sapato.
Agachou-se mais, roçando os ca-
belos verdes no chão. Levantou-
se, olhou em redor. Foi-se ajei-
tando devagarinho diante da
preta. Apanhou o pote de cola.

— E se você desse um pulo lá
só para ver?

— Mas você quer ou não que
eu acabe isto? — a mulher ge-
meu exasperada, abrindo e fe-
chando os dedos ressequidos de
cola. — O Raimundo tem ódio de
esperar, hoje ainda opanho!

A jovem levantou-se. Fungou,
andando rápida num andar de bi-
cho na jaula. Chutou um sapato
que encontrou no caminho.

Aquele médico miserável.
Tudo culpa daquela bicha. Eu
bem disse que não podia ficar
com ele aqui em casa, eu disse
que não sei tratar de doente, não
tenho jeito, não posso! Se você
fosse boazinha, você me ajuda-
va, mas você não passa de uma
egoísta, uma chata que não quer
saber de nada. Sua egoísta!

— Mas, Tatiso, ele não é meu
pai, não tenho nada com isso, até
que tenho ajudado muito, sim se-
nhora, como não? Todos esses
meses que é que tem agüenta-
do o tranco? Não me queixo, por-
que ele é muito bom, coitado.

Mas tenha a santa paciência, ho-
je não! Até que estou fazendo
muito aqui plantada quando de-
vio estar na rua.

Com um gesto fatigado, a jo-
vem abriu a porta do armário.
Olhou-se no espelho. Beliscou a
cintura.

— Engordei, Lu.

— Você, gorda? Mas você é só
ossa, menina. Seu namorado não
tem onde pegar. Ou tem?

Ele ensaiou com os quadris um
movimento lascivo. Riu. Os olhos
animaram-se:

— Lu, Lu, pelo amor de Deus,
acabe logo, que à meia-noite ele
vem me buscar. Mandou fazer
um pierrô verde.

Também já me fantasiiei de
pierrô. Mas faz tempo.

Vem num Tufão, viu que chi-
que?

— Que é isso?

— É um carro muito bacano,

vermelho. Mas não fique aí me
olhando, depressa, Lu, você não
vê que... — Passou ansiosamente
a mão no pescoço. — Lu, Lu, por
que ele não ficou no hospital?!

Estava tão bem no hospital... —
Hospital de graça é assim
mesmo, Tatiso. Eles não podem
ficar a vida inteira com um doen-
te, que não resolve, tem doente
esperando até na calçada.

Há meses que venho pen-
sando nesse baile. Ele viveu ses-
senta e seis anos. Não podia vi-
ver mais um dia?

A preta sacudiu o saio-
te e examinou-o a uma certa distân-
cia. Abriu-o de novo no colo e
inclinou-se para o pires de lan-
terinhas.

Faltou só um pedaço.

— Um dia mais...

Vem me ajudar, Tatiso, nós
duas pregando vai num instante.

Agora ambos trabalhavam
num ritmo acelerado, as mãos in-
do e vindo do pote de cola ao pi-
res e do pires ao saio-
te, curva co-
mo uma asa verde, pesada de
lanterinhas.

— Hoje o Raimundo me mata
— começou a mulher, grudando
as lanterinhas meio ao acaso.
Passou o dorso da mão na testa
molhada. Ficou com a mão para-
da no ar. — Você não ouviu?

A jovem demorou para respon-
der.

— O quê?

— Parece que ouvi um gemido.
Ele baixou o olhar.

— Foi na rua.

Inclinaram as cabeças irmanas
sob a luz amarela do abajur.

— Escuta, Lu, se você pudesse
ficar hoje, só hoje — começou
ela num tom manso. Apressou-
se: — Eu te daria meu vestido
branco, aquele meu branco, sabe
qual é? É também os sapatos, es-
tão novos ainda, você sabe que
eles estão novos. Você pode sair
amanhã, você pode sair todos os
dias, mas pelo amor de Deus, Lu,
fica hoje!

A empregada empertigou-se,
triumfante.

— Custou, Tatiso, custou. Des-
de o começo eu já estava espe-
rando. Ah, mas hoje nem que me
matasse eu ficava, hoje não. — O
crânio caiu enquanto ela sa-
cudia a cabeça. Prendeu-o com
um grampo que abriu entre os
dentes. — Perder esse desfile?

Nunca! Já fiz muito — acrescen-
tou, sacudindo o saio-
te. — Pronto,
pode vestir. Está um serviço
porco, mas ninguém vai reparar.

— Eu podia te dar o casaco azul
— murmurou a jovem, limpando
os dedos no lençol.

Nem que fosse para ficar
com meu pai eu ficava, ouviu is-
so, Tatiso? Nem com meu pai, ho-
je não.

Levantando-se de um salto, a
moça foi até a garrafa e bebeu
de olhos fechados mais alguns
goles. Vestiu o saio-
te.

— Brrrr! Esse uísque é uma
bom-ba — resmungou,
aproximando-se do espelho. —
Anda, venha aqui me abotoar,
não precisa ficar aí com essa ca-
ra. Sua chata.

A mulher bateu os dedos por
entre o tule.

— Não acho os colchetes...

A jovem ficou diante do espe-
lho, as pernas abertas, a cabeça
levantada. Olhou para a mulher,
através do espelho:

— Morrendo coisa nenhuma,
Lu. Você estava sem os olhos
quando entrou no quarto, não es-
tava? Então não viu direito, ele
estava dormindo.

— Pode ser que me enganasse
mesmo...

— Claro que se enganou. Ele
estava dormindo.

A mulher franziu a testa, enxu-
gando na manga do quimono o
 suor do queixo. Repetiu como um
eco:

— Estava dormindo, sim.

— Depressa, Lu, faz uma hora

que você está com esses colche-
tes!

— Pronto — disse a outra, bai-
xinho, enquanto recuava até a
porta. — Você não precisa mais
de mim, não é?

— Espera! — ordenou a moça,
perfumando-se rapidamente. Re-
tocou os lábios, atirou o pincel ao
lado do vidro destapado. — Já
estou pronta, vamos descer jun-
tos.

— Tenho que ir, Tatiso!

— Espera, já disse que estou
pronta — repetiu, baixando a
voz. — Só vou pegar a bolsa...

— Você vai deixar a voz acesa?
— Melhor, não? A casa fica
mais alegre assim.

No topo da escada ficaram
mais juntas. Olharam na mesma
direção: o porta estava fechado.
Imóveis como se tivessem sido
petrificadas na fuga, as duas mu-
lheres ficaram ouvindo o relógio
da sala. Foi a preta quem primei-
ro se moveu. A voz era um sopra-
o: Quer ir dar uma espiada, Ta-
tiso?

— Vá você, Lu...

Trocaram um rápido olhar. Ba-
gas de suor escorriam pelas têm-
poras verdes da jovem, um suor
turvo como o sumo de uma casca
de limão. O som prolongado de
uma buzina foi-se fragmentando
lá fora. Subiu poderoso o som do
relógio. Brandamente a empre-
gada despendeu-se da mão da
jovem. Foi descendo a escada na
ponta dos pés. Abriu a porta da
rua.

— Lu! Lu! — a jovem chamou
num sobressalto. Continha-se pa-
ra não gritar. — Espera aí, já vou
indo...

E, apoiando-se ao corrimão,
colada a ele, desceu precipitada-
mente. Quando bateu a porta
atrás de si, rolaram pela escada
algumas lanterinhas verdes na
mesma direção, como se quises-
sem alcançá-la.

Lygia Fagundes Telles, contista e ro-
manicista. Prêmios: Afonso Arinos da
Academia Brasileira de Letras, Jabuti
da Câmara Brasileira do Livro, Gui-
lhermes Rosa, Ficção APCA, Pen Club
do Brasil. Membro da Academia Pau-
lista de Letras. ★ Marcelo Grass-
mann, desenhista e gravador. Prê-
mios: Melhor Desenhista Nacional
(V Bial de São Paulo); Prêmio de
Desenho da Bienal de Paris; Melhor
Gravador Nacional da III Bienal de
São Paulo.

O REVOLTADO ROBESPIERRE

ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Todos os dias úteis às dez e meia toma o bonde no Largo de Santa Cecília encrencando com o motorneiro.

— Quando a gente levanta o guarda-chuva é para você parar essa joça! Ouviu, sua besta?

Gosta de todos aqueles olhares fixos nele. Tira o chapéu. Passa a mão pela cabeleira leonina. Enche as bochechas e dá um sopro comprido. Paga a passagem com dez mil-réis. Exige o troco imediatamente.

— Não quero saber de conversa, seu galego. Passe já o troco. E dinheiro limpo, entendeu? Bom.

Retém o condutor com um gesto e verifica sossegadamente o troco.

— O quê? Retrato de Artur Bernardes? Deus me livre e guarde! Arranje outra nota.

Levanta-se para dar um jeito na cinta, chupa o cigarro (Sudan Ovais

por causa dos cheques), examina todos os bancos, vira-que-vira, começa:

— Isto até parece serviço do governo!

Pausa. Sacudida na cabeleira leonina. Conclui:

— O que vale é que os homens um dia voltam...

Primeiro sorriso aparentemente sibilino. Posseio da mão direita na barba escanhada. Será espinha? Tira o espelhinho do bolso. É espinha sim. Porcaria. Segundo sorriso mais ou menos sibilino. Cara de nojo.

— Não sei que raio de cheiro tem este Largo do Arouche, safal!

Vira a aliança no seu vizinho. Essa operação deixa-o meditabundo por uns instantes. Finca o olhar de sobranceiras unidas no cavalheiro da esquerda. Esperando. O cavalheiro afinal percebe a insistência. É agora:

— Perdão. O senhor

leu a última tabela do Matadouro? Viu o preço da carne de leitão por exemplo? Cinco ou seis ou não sei quantos mil-réis o quilo!

Não espera resposta. Não precisa de resposta. Berra no ouvido do velho da direita:

— É como estou-lhe contando: o quilo!

Quase despenca do bonde para ver uma costureirinha na Rua do Arouche. As pernas magras encolhem-se assustadas.

— O cavalheiro queira ter a bondade de me desculpar. São os malditos solavancos desta geringonça. Um dia cai aos pedaços.

Dá um tabefe no queixo mas que dê mosca? Tira um palito do bolso, raspa o primeiro molar superior direito (se duvidarem muito é fibra de manga), olha a ponta do palito, chupa o dente com a ponta da língua

(tô! tô!), um a um percorre os anúncios do bonde. Ritmando a leitura com a cabeça. Aplicadamente. Raio de italiano para falar alto. Falta de educação é coisa que a gente percebe logo. Não tem que ver. O do Odol já leu. Estava começando o da Casa Vencedora. Isso de preço do custo só engana os trouxas.

— Ô estupidez! O senhor já reparou naquele anúncio ali? Bem em cima da mulher de chapéu verde. CONCERTA-SE MÁQUINAS DE ESCRIVER. Concerta-SE máquinaSSS! Fan-tás-tico! Eu não pretendo por duzentos réis condução e ainda por cima trechos seletos de Camilo ou outro qualquer autor de peso, é verdade... Mas enfim...

É preciso um fecho erudito e interessante ao mesmo tempo.

— Mas enfim...

A mão procura inutilmente no ar dando voltinhas.

— Mas enfim... Seu Serafin...

Fica nisso mesmo. Acerta o cebolão com o relógio do Largo do Municipal. Esfrega as mãos. O guarda-chuva cai. Ergue-o sem jeito. Enfia a cartolinha lutando com as melenas. Previne os vizinhos:

— Este viaduto é uma fábrica de constipações. De constipações só? De pneumonias mesmo. Duplas!

Silêncio. Mas eloquente. Palito de fósforo é bom para limpar o ouvido. Descobre-se diante da Igreja de Santo Antônio.

— Não está vendo, seu animal, que a mulher não se sentou ainda? Aprenda a tratar melhor os passageiros! Tenha educação!

Cumprimenta rasgadamente o doutor Indalécio Filho, subinspetor das bombas de gasolina, que passa no seu Marmon oficial e não o vê. Depois anota apressadamente o número do automóvel no verso de uma cautela do Monte de Socorro do Estado.

— O povo que sue para pagar o luxo dos afilhados do governo!

Aproveite, pessoal! Vá mamando no Tesouro enquanto o povo não se levanta e manda vocês todos... nada! Mas isto um dia acaba.

Terceiro sorriso nada sibilino. Passa para a ponta. Confirma para os escritórios da I.R.F. Mata-razzo:

— Ora se acabou!

Outro cigarro. Apalpa todos os bolsos. Acende o do vizinho. E dá de limpar as unhas com o canivete de madrepérola. Na esquina da Rua Anchieta por pouco não arrebeta o cordão da campainha. Estende a destra espalmada para o companheiro de viagem:

— Natanael Robespierre dos Anjos, um seu criado.

Desce no Largo do Tesouro. Faz a sua fezinha no Chalé Presidencial (centenas invertidas). Atravessa de guarda-chuva feito espingarda o Largo do Palácio.

E todos os dias úteis às onze horas menos cinco minutos entra com o pé direito na Secretaria dos Negócios de Agricultura e Comércio onde há vinte e dois anos ajuda a administrar o Estado (essa nação dentro da nação) com as suas luzes de terceiro escrivão por concurso não falando na carta de um republicano histórico.



Antônio de Alcântara Machado (SP, 1901-Rio, 1935) como autor modernista preocupou-se com a figura do imigrante italiano, descrevendo seus tipos e costumes. Retrato o filho do imigrante na sua integração social, colhendo flagrantes, expressos por meio dos diálogos curtos. Estilo quase sempre telegráfico. Entre suas obras, *Pathé Baby* (1926), *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927) e *Laranja de Chile* (1928). ✱ Rodolfo Zallo, ilustrador de livros didáticos. Especialista em "comics", trabalhando no Brasil e no Exterior.



DR. POR CORRESPONDÊNCIA

MARCOS REY

Minha casa (falo dum tempo muito distante) por muitos anos serviu de hospedaria a parentes, quase desconhecidos, que vinham do interior visitar ou tentar a vida na capital. Uns se alojavam em casa porque não encontravam vagas nos hotéis, alguns por não gostarem deles e outros porque confessavam preferir o convívio familiar. Primo Emílio estava entre estes. Na carta em que nos preveniu de sua vinda, esclareceu que tinha meios para alugar um belo apartamento no centro ou uma casa confortável num bairro tranquilo, mas temia magoar nosso espírito de hospitalidade. "Morro de saudade", terminava a carta.

Nunca um carteiro trouxe uma carta tão surpreendente para minha família. É que Emílio era um primo distante, fora de circulação e completamente esquecido. Eu só o conhecia através dum relevo dele, já amarelado, num álbum de família. O Emílio, com uma palheta na cabeça, gravata-borboleta, num jardim público, diante duma jaula de macacos. Bela chapal.

A carta chegou às onze; ao meio-dia o Emílio apareceu a campainha de casa com sua mala e sua simpatia. Certamente não usava mais palheta, mas a pretíssima gravata-borboleta estava lá, enfeitando seu afinado pescoço.

— Eh, gente! Aqui estou eu, o Emílio!

Primo Emílio era um homem de estatura mediana, o corpo cilíndrico, o rosto oval e pequeno. Jovem era no espírito, pois dos lados seus cabelos já embranqueciam. Tinha que pintá-los

mensalmente, como fiquei sabendo depois. Fumava como um possesso, cigarros Petit Lindrino, e cuspiu com frequência, sem ver onde. Quando estava satisfeito, esfregava as mãos; riamos muito desse costume. E gostava de dizer "Ora, muito bem!" mesmo quando as coisas não iam bem.

No dia da chegada, durante todo o almoço, só falou duma coisa: sua aversão aos hotéis e da multidão de insetos que torturava suas noites de solidão e insônia. Mamãe, comovida, quase derramou uma lágrima, enquanto primo Emílio fazia uma confissão:

— Mas já fui um ingrato, tia. Que se danem os parentes, dizia. Verdade, eu era assim. Porém o sofrimento me ensinou a estimar os parentes e a rezar para que nunca lhes falte saúde e dinheiro.

— Já não só minha mãe, todos ficaram comovidos.

— Você traz algum plano de interior? — perguntou meu pai.

— Vou construir edifícios. Sabiam que São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo?

— Empreiteiro?

— Empreiteiro, eu? Arquitetol!

— E o diploma?

— Vou receber em dezembro, se passar nos exames.

— Em que faculdade você estuda, Emílio?

— Numa faculdade do Rio de Janeiro.

— Como é possível, se você não mora lá?

— Al ele fez uma pausa inteligente e revelou:

— Vou me formar por correspondência. — E ante a incredulidade geral, prosseguiu: — Hoje em dia apenas os incapazes é

que vão à escola. Estamos no século XX, sabem? Tudo agora é muito prático. Por isso inventaram esses cursos. Tenho um amigo que estuda até cirurgia por correspondência...

Meu pai ponderou: — Você entregaria sua barriga a um cirurgião que tivesse se formado por correspondência?

— Entregava. Acho...

Primo Emílio, justiça se lhe faça, não ficou parado. Levantava cedo, tomava seu café com leite e saía às pressas para a rua. Voltava, às vezes, meio hora depois. No jantar, era o primeiro a chegar à mesa. Em seguida, tornava a sair com a mesma pressa, e o colado ficava fora até alta madrugada. Imaginávamos que, mesmo ante de receber o diploma, já se lançara ao trabalho de construir, ele que odiava perder tempo.

Certo dia, no almoço, primo Emílio anunciou:

— Começo amanhã.

— Onde vai ser seu primeiro edifício? — indagou mamãe.

— Edifício? Do que está falando, tia?

— Não vai ser seu construtor?

Primo Emílio riu a valer, sacudindo a cabeça.

— Já há construtores demais.

— Então o que vai fazer?

— Quis saber meu pai.

Primo Emílio foi para seu quarto, o das fundas, donde tivemos que desalojar a empregada, e voltou triunfante com diversos pacotes que colocou sobre a mesa. Era como se trouxera ouro em pó, pois os pacotes continham pó, como logo nos mostrou.

— Este, sim, é um grande negócio.

— Que negócio?

— Vou fabricar bebidas.

— Bebidas?

— Este pó amarelado é o uísque escocês. Este é um vermute muito saboroso. Este outro é vinho do Rio Grande. Bebidas finas daqueles que se fabricavam antes da guerra. Aqui está o melhor negócio do mundo!

— E a destilaria? Vai precisar de uma, não?

Bobagem!

Apenas na manhã seguinte, que era de sábado, conhecemos com detalhes os planos industriais do primo Emílio. Ele tinha razão, não precisava de destilaria. Bastavam pó, álcool e água. E mais outra coisa: a banheira velha, há anos aposentada num canto do quintal. Esfregando as mãos, com muito otimismo, e nomeando-me seu assistente, partiu para o trabalho. Assim que a liquidou ganhou cores, pegou uma colher de madeira, mergulhou-a na banheira e levou-a à boca. Retirou-a apressadamente.

— Mais pó! — exclamou.

Dei-lhe outro pacote, que imediatamente Emílio despejou na banheira.

O líquido que era azul ficou esverdeado, depois foi amarelado e por fim virou roxo.

— Belo cor! — admirou-se meu primo.

A segunda etapa foi encher as garrafas. Primo Emílio comprara algumas dúzias de garrafas vazias. Ajudei-o, interessado, nessa tarefa. Mas o seu dia não acabou aí. Falavam os rótulos. Tinha um maço deles, coloridos, vistosos, escritos em inglês. Professoralmente, Emílio ensinou-me o sentido de algumas palavras, como *made, finest, scotland* e muitas outras. Sua pronúncia provavelmente não era boa, mas ele estava muito feliz.

Por dois meses ajudei primo Emílio a fabricar as bebidas e a encher as garrafas, como também a colar os rótulos. Às vezes surgia uma cor lida confusa que ninguém em casa conseguia distinguir; aí o Emílio colava nas garrafas o rótulo do "Rum das Antilhas". Essa bebida tinha muita saída como verifiquei mais tarde. Primo Emílio, pelo menos a princípio, deu sorte como industrial. A banheira estava sempre cheia e ele comprou centenas de garrafas vazias. Lembro que até pagou a meu pai o aluguel do quarto das fundas, o que causou a todos incrível surpresa. Aos domingos trazia à mesa um garrafão de vinho, não de sua fabricação, mas comprado num dos empórios do bairro. Renovou o guarda-roupa e deu de sair todas as noites, muito perfumado, com as mãos boquiabertas.

Certo dia, primo Emílio declarou:

— Vou mudar. Estou pensando em comprar uma casa nas Perdizes. Mas leva a banheira. Pago um conto por ela.

— Por um conto você pode comprar algumas banheiras novas — disse meu pai.

— Eu sei, mas sou muito grato a essa banheira. Disse um conto. Pago já.

— Já?

— Quero dizer, amanhã.

Na manhã seguinte dois homens de chapéu apareceram em casa. Primo Emílio foi recebê-los de braços abertos. Mas não eram compradores. Ambos mostraram um distintivo na parte traseira da lapela e levaram o industrial, juntamente com um maço de rótulos de "Rum das Antilhas".

Durante três dias primo Emílio permaneceu na Polícia, dando explicações. Consta que o delegado simpatizou com ele, como todo mundo, e o deixou ir em liberdade com a promessa de que nunca mais fabricaria bebidas nacionais ou estrangeiras. Primo Emílio voltou para casa, mas não derrotado, como supinhamos. Era um homem otimista e cheio de idéias.

— Eu dou um jeito — garantiu à mesa, ajeitando a gravata. Neste mundo só não vence quem não quer.

Em seguida, foi ao quintal e olhou demoradamente a banheira.

— Vou vendê-la para o ferro velho — disse meu pai.

— Eu disse que comprou a banheira e não voltei atrás.

— Para fabricar bebidas? Isso, não!

— Tive outra idéia — comunicou misteriosamente, antes de internar-se no quarto para meditar.

No dia seguinte, primo Emílio saiu cedo para comprar um fole. Eu disse um fole. Quando lhe perguntaram para que queria aquilo, não respondeu. O certo é que estava em plena ação. Meu pai descobriu que ele mandara fazer uma grande placa de três metros de comprimento por dois de largura. A banheira arrastou para seu quarto, depois de fazer nela alguns consertos. Andou verificando o encaimento da casa e, sem nenhuma consulta, mandou ladrilhar parte de seu modesto quarto, ao mesmo tempo que trocava os vidros da janela por outros espessos e escuros. Para finalizar, descobriu uma tipografia no bairro e encomendou milhares de impressos.

Todos em casa andávamos preocupados com essa movimentação, mas não foi preciso obrigá-lo a falar.

— Agora já posso me abrir, sócio — disse ele a meu pai.

— O que está querendo dizer?

— Preste atenção, sócio.

Antes me explique por que está me chamando de sócio?

— Vou explicar.

Quando ia explicar, tocaram a campainha. Eram carregadores trazendo a referida placa de três metros por dois. Fomos todos para a porta, curiosos, sabendo que ela explicaria tudo. Foi com assombro que meu pai leu: "AO SULTÃO DOS BANHOS TURCOS".

— Reumatismo, artrismo, doenças da coluna, paralisias em geral — Duchas quentes e frias, segundo o moderníssimo processo Emílio.

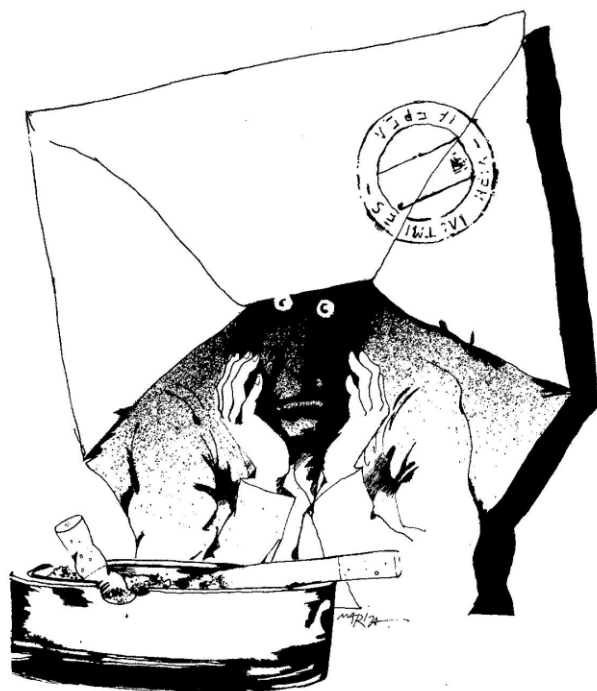
Podem pregar a placa na fachada ordenou Emílio aos carregadores. E voltando-se a meu pai: — Pode dar uma gorjeta a eles, sócio?

De volta à mesa, alegre e realizado, mas ainda com apetite, Emílio falou dos milagres que os banhos turcos realizam na cura das doenças da circulação. Os extremos, o quente e o frio, têm tirado da cama pessoas entredadas há anos. Ele lera tudo a respeito e não tinha dúvidas. Quanto ao processo Emílio, reconhecia que não passava dum charme, algo diferente, um sopro de ar frio na espinha, aplicado com o fole, que, se não fizesse bem, mal também não fazia.

— Mas você pretende atender a seus clientes no quintinho do fundo? — indagou minha mãe.

— Os doentes não querem comodidade, querem a cura.

— Você já fez alguma experiência?



— Eu não, mas os turcos fizeram antes de mim. Séculos de experiência. Vocês já viram algum turco reumático? Digam lá. Já viram?

— Não lembro — admitiu meu pai.

— Então. Se tivesse visto, não esqueceria.

Meu pai ainda resistia à sociedade, a despeito do dinheiro que podia ganhar com a casa de banhos.

E a licença, Emílio? Tem licença para abrir o estabelecimento?

Primo Emílio levantou-se em meio à sobremesa, lembrando-se que precisava passar na tipografia, para apanhar os reclames, como dizia, para distribuí-los pelas casas do bairro. Emílio sempre acreditou muito na publicidade e foi a primeira pessoa que ouviu dizer que "a propaganda é a alma do negócio".

Assim que primo Emílio saiu, fui à porta ver mais demoradamente a placa, que causava estranheza aos vizinhos, mesmo porque a falta de água era o grande problema da rua. À tarde ele voltava, já tendo distribuído a maior parte dos seus folhetos. Devia estar entusiasmado, pois não o viro ainda fumar charuto, o que ele fazia gloriosamente.

Na manhã seguinte, ao contrário do seu hábito, Emílio levantou cedo e pôs-se a andar pela casa, talvez à espera do primeiro cliente. Esperou em vão o dia todo, passeando, impaciente. Dois dias mais tarde resolveu sair, lembrando que o dono do armazém arrastava penosamente uma perna. Tentou convencê-lo a um tratamento de doze banhos. Embora cada banho fosse baratíssimo, o homem preferiu continuar com sua perna paraplégica. Soube-me que o Emílio teve uma briga feia com ele e que só não o esmurrou, para convencê-lo, porque devia uma continha.

Nenhum cliente apareceu na primeira semana. Na segunda apareceu um, mas este mudou de ideia e não veio. Emílio ficou produzindo jato de ar frio na espinha. Ao completar-se o mês já estavam todos certos de que o empreendimento de Emílio fracassara. Ele até já cuidava da retirada da tabuleta, quando um carro parou diante de casa e dele desceu sua grande esperança.

Desceu não, foi descido. O que eu vi foi um velhinho, carregado pelos braços robustos de dois netos. Largaram-no numa poltrona da sala, o ancão segurando na mão trêmula um dos folhetos do Emílio.

— Por favor, quero ver o dr. Emílio.

Minha mãe, assustada com o estado do enfermo, e para evitar complicações, ia dizendo que o dr. Emílio fora viajar, quando ele irrompeu na sala com um sorriso capaz de incutir confiança e certeza de cura em todos os paraplégicos do mundo.

— Aqui estou eu! — exclamou, como se dissesse: aqui está a salvação. — Qual é seu caso? Ah, as pernas! Arregace as calças para examiná-lo.

O exame foi breve.

— O que acha do caso, doutor?

— É sopal.

— Sopal?

— Sopal.

Em seguida, carregando-o pelos braços, Emílio levou o cliente ao quarto dos fundos, que se luminou e grunhiu durante todo o trajeto. Na sala, à espera, ficaram os netos, meu pai e minha

mãe que rezava disfarçadamente. Eu fui até o quarto, perto do quarto, pois com meus doze anos era o único na família que acreditava nos milagres que o Emílio podia realizar com os banhos, o vapor e o fole.

No começo o velhinho parecia estar resistindo bem ao sacrifício. A água quente talvez o confortasse. Mas as coisas pioraram quando chegou do armazém aquela imensa pedra de gelo. Então o idoso cliente passou a gemer cada vez mais alto. Um dos netos bateu à porta, assustado, mas Emílio respondeu que "era assim mesmo e que tudo corria bem". No entanto, os gemidos transformaram-se em gritos na aplicação da ducha de ar frio na espinha. Pensei que o velho batera os botos, esticaria as anelas, iria para o beleléu. E parece que era essa a impressão de todos, inclusive da vizinhança.

Quando o ambulância chegou, o cliente do Emílio não gritava nem gemia mais, porém estava rígido e gelado. O primo, ainda segurando o fole, garantia aos netos do infeliz que ele resistiria melhor ao segundo banho. E no meio de ilustres paraplégicos que, dizia, frequentavam com bons resultados a sua clínica. Mas eles não quiseram ouvir nada, e, além de não pagar o banho, ainda insultaram o primo Emílio.

— É o que dá quando se lida com ignorantes — lamentou o súlho dos banhos turcos. — Mas se quiserem voltar, que não contem mais comigo!

Nunca vi ninguém mais triste que o primo Emílio como no dia em que retiraram a tabuleta da frente de casa. O mundo desabava para ele, sua última esperança que naufragava. Desiludido, arrumou as malas para voltar ao interior, mas não voltou. Ficou por lá, tentando bolar novas ideias, fundindo a cuca o dia inteiro. Cansado de sua presença, minha mãe lhe pediu a cama, pois a empregada não queria dormir mais no divã. Ele devolveu a cama.

— Não faz mal, durmo na banheira.

Devia gostar dela, já que já me levantava antes do meio-dia.

Lembro que foi nas vésperas do Natal, o primo já muito desmoralizado na família, quando chegou pelo correio um cartucho envolto em papel de seda. Ei, que o recebi do carteiro, fui ao seu quarto. O primo roncava dentro da banheira, vestindo algo que já fora um pijama. Como não tinha mais dinheiro para pintar os cabelos, eles haviam embranquecido. Noite que sua velha palheta servia agora de cinzeiro. E a inseparável gravata não tinha mais cor, como o "Rum das Antilhas".

Acordei o primo com dificuldade, e entreguei-lhe o cartucho. Emílio, ainda sonolento, preferiu dormir mais, antes de abri-lo. Ia-me nos sentar à mesa para o almoço quando ele surgiu impetuosamente na sala sorrindo histericamente a brandir o cartucho no ar.

— O meu diploma! Possei nos exames! Sou doutor! Ouviram? Sou doutor!

Era um belíssimo e solene diploma, nitidamente impresso, escrito com letras góticas, selado, carimbado e cheio de assinaturas dos dois lados.

— Vejam, está tudo em ordem — disse o primo. — Dentro da lei, como sempre exige as coisas.

Meu pai, que não levava o pri-

mo a sério, teve que dar a mão à palmatória.

É mesmo um futuro esse Emílio! Doutor por correspondência! Quem diria?

— E me formei com boa nota! Nove e meio.

— Nove e meio é nota e mais alguma coisa, homem!

A alegria do Emílio fez daquele Natal uma data inesquecível. Correu ao mercado e encomendou um peru com dinheiro que meu pai lhe adiantou, o que não tirava o valor do presente. Fez mais: em nossa conta comprou enfeites natalinos e armou uma belíssima árvore num canto da sala. Nem Papai Noel movimentou-se tanto quanto o Emílio naqueles dias. Quanto ao diploma, mandou fazer uma sólida moldura dourada e dependurou-o no corredor para que todos o vissem, quando passassem. A mesma tipografia que imprimiu os volantes de propaganda do "súlho dos banhos turcos" rodou mil cartões de visita: "Dr. Emílio de tal, arquiteto".

Aquele resto de ano, passou-o fazendo planos, diante duma prancheta de arquiteto que minha mãe lhe deu. Achava-se com fôlego suficiente para revolucionar a arquitetura e ganhar rios de dinheiro. Alguns desses projetos explicou em detalhes, entre eles o de um imenso hospital para a classe média que ele considerava a grande injustiça. Na festinha de fim de ano, à meia-noite, enquanto as crianças, na rua, martelavam os postes e as sirenes tocavam, fez solenemente uma revelação íntima e comovida: primo Emílio ia casar.

— Vocês ignoram, mas há vinte anos sou noivo duma boa moça lá de minha cidade. Suponho que ela esteja um pouco cansada de esperar, mas agora que o dinheiro vai vir, quero casar-me com ela. É a hora de criar juízo!

Essa revelação arrancou lágrimas da família e convenceu meu pai a ir comprar das pressas mais algumas garrafas de vinho porque o momento exigia.

Nos primeiros dias de janeiro, primo Emílio já com um anelão de doutor no dedo, aconteceu aquilo. Isto é, uma notícia no jornal, na última página, dedicada ao noticiário policial. A notícia aludia a uma verdadeira fábrica de diplomas do curso superior, localizada no Rio de Janeiro, cujo reitor já se encontrava nas grades. Vinha depois uma lista de diplomandos que haviam caído no conto, incluindo o nome do primo Emílio.

Meu primo foi o último em casa a ler a notícia. Ninguém tinha coragem de mostrar-lhe o jornal. Mas era necessário, antes que ele se empregasse como arquiteto numa construtora e acabasse preso também. Emílio bateu os olhos na página, entendeu e caiu sentido. Permaneceu algum tempo mudo e surdo às palavras de consolo que a família lhe dirigia. Depois, levantou-se e foi para o quarto dos fundos.

— Será que ele vai se matar?

— receu minha mãe.

Aliás, era esse o temor de todos. Mas ele não se matou. Tendo encontrado no quarto um resto de pó colorido e uma garrafa de álcool, fabricou em pouco tempo uma quantidade de bebida capaz de abater o efeito desejado. Ao voltar para a sala, onde todos o esperavam, suas pernas cambaleavam e sua cabeça parecia dar giros. Quisemos que sentasse, mas preferiu circular em torno da mesa. Numas das voltas, perdeu o



equilíbrio e caiu. Ameaçou vomitar, já sentado no divã. Pusemos um jornal no chão. Ao ver o jornal, não quis mais vomitar. Pediu café. Veio o café, não o tomou. Deu um pontapé na prancheta.

— Adeus, vou embora — disse.

— Você não pode andar assim pela rua — ponderaram.

— Nada mais me segura aqui. Volto para o interior e me caso com Joaquina.

Joaquina? Só então soubemos o nome da paciente noiva.

— Fique — pediu meu pai.

— Não fico — respondeu, decidido, arrotando o inconfundível "Rum das Antilhas".

— Fique ao menos até amanhã.

— Até amanhã?

— Amanhã você já pode ir.

Emílio concentrou-se para sair de sua indecisão. Depois dum longo silêncio, resolveu:

— Já que insistem, hoje fico, amanhã eu parto.

Primo Emílio era homem de palavra: ficou. Apenas esqueceu da segunda parte da promessa. Não pariu no dia seguinte porque choveu muito. Mas cinco anos depois ele fazia os malos e dizia o seu adeus. Soubemos, mais tarde, que a tal Joaquina já estava casada quando ele chegou ao interior. Ingrato. O mundo é assim mesmo.

Marcos Rey, jornalista, roteirista de televisão, autor, entre outros livros, de *Pêndulo da Noite* (contos), *Opera de Sábão*, *Café na Cama*. ✱ Morais Dias Costa, desenhista e ilustrador. Participante de diversas exposições, alua, desde 1979, na Folha de S. Paulo.

NÃO ME CHAME DE ELECTRA

MÁRIO DONATO

— Mamãe, você não queria falar comigo? Faz mais de meia hora que estou sentada na beira da sua cama e você ainda não abriu a boca. Afinal, que quer de mim? Por que você está tão mortificada? Você deitou tardíssimo. Bebeu. Ou não quer que se fale nisso? O pai ainda não telefonou. Ele tinha prometido telefonar? Não telefonou. Você quer alguma coisa? Uisque, não. Já chega o que você bebeu ontem de noite. Quer uma laranja? Por que essa cara de vômito? De qualquer forma, não fique posando de vítima, mãezinha. Vítima é o que você nunca foi. Ou será que foi, afinal? Vítima de sua cara bonita, do seu corpo enxuto... (Não, não precisa se levantar.) Vítima, principalmente, de sua má educação, vítima da vovó imbecil, que só viveu pra endusar a filhinha do coração! Eu me lembro do ódio com que a vovó olhava pra nós, que tínhamos ameaçado destruir a beleza do corpo da filhinha! Enfim, Adélia, você se divertiu o tempo todo. Nós não. Nem o pai. Não, não adianta protestar. Embora meio desti-

gado como ele é, o velho sempre foi carinhoso com todos nós. Com você, principalmente. Mas, e você? Você sempre posando de vedete, de gênio incompreendido, fingindo distância, a Greta Garbo: "I want to be alone..." Mas não foi só isso. Você o traiu várias vezes. Não? Ora, eu sei. Com o melhor amigo dele, o Alvim. Com o Olival também. E agora? Bem, quem é agora? Não me diga que é aquele rapazinho que veio aqui com o Silico, é? Você é incorrigível, Adélia! Tem razão o pai quando diz que não se pode trazer homem pr'esta casa! Não, Adélia, não me chame de Electra. Não tenho nenhum apego neurótico ao pai. Não acho que ele seja um galã nem pretendo casar-me com algum sujeito que se pareça com ele. Aliás, não me identifique com ele nem com você. Desculpe, mãezinha, não digo pra insultar, mas acho vocês dois tão terrivelmente lamentáveis, tão errados a respeito de si mesmos... Vocês são dois pais de fundir a cuca de qualquer Freud! Vamos, vamos, mãezinha, não insista nesse ar de

vítima! Ao contrário, você foi o nosso algoz. Do pai, meu e do Silico. No caso do Armando, por exemplo, se houve um culpado, foi você, unicamente você. Você quis ser a sogra fascinante, a sedutora, a irresistível. Deu tamanha confusão, que sabemos o que aconteceu: tive de romper com ele e mandá-lo embora. Sofri muito com a separação. Bem que eu gostava do Armando! Mas não podia ser, não podia com ele olhando as suas pernas o tempo todo, pernas que, aliás, você exibia sob qualquer pretexto, pernas que você lhe metia pelos olhos... Ainda não me animei a arranjar outro namorado, apesar dos meus 27 anos. Pelo menos com você por perto, não. Com o coitado do Silico, você também foi a culpada. Você, como mãe, nunca nos deu a menor bola. Você nos pariu por acaso, à traição. Nós não fomos um parto: fomos uma dor de barriga. Você nos defecou e nos largou nas mãos das empregadas. Mas bastou que o Silico arranjasse aquela garota, aquela babinha da Alice, pra você começar a posar de mãe-do-ano,

amorosa, cheia de dengues, Silico pra cá, Silico pra lá, beijinhos... E o coitado do mano perdeu o rebolado, pensou até que podia dispensar a namorada porque tinha reencontrado a mãe! Agora, você nem sequer lhe dá os bons-dias, dá? Assim, Adélia, como é possível ser a seu favor? Você, com os anos, se tornou uma mulher azeda e frívola. Quando nós éramos crianças, você era apenas frívola. Agora, além de frívola, também azeda. Compreende-se: os anos passam... Você diz que não lhe temos respeito. Mas como ter respeito por você? Como ter por você o respeito antigo que os filhos tinham pelos pais antigos? Algumas vezes o Silico e eu tivemos um lar à velha moda, com carinho, segurança, respeito? Jamais. Você queria viver a sua vida. Era você entrando e saindo, vindo duma festa e indo pra outra, batendo portas, deixando todas as gavetas abertas, com todas as luzes acesas, como se fosse sócia da Light, berrando ordens, encharcando-se de uisque, namorando homens, mandando a babá trancar-nos no

quarto... Você, alguma vez, foi dar-nos boa-noite quando já estávamos deitados, beijar-nos a testa, ajeitar o cobertor? Beijou-nos alguma vez? Se nos beijou, foi distraída, pensando em outros beijos menos inocentes... Desculpe, mãezinha, mas você sempre foi péssima. Como esposa, como mãe e como amiga. Sim, também como amiga, não adianta protestar. Pra você, nenhuma prestava. O mínimo que você dizia delas é que eram todas prostitutas. E com duas delas pelo menos a prostituta foi você. Você mesma é que me contou, numa hora de bebedeira. Isso, você foi péssima. E o que você pensa, afinal, que é? Você sempre dispôs de todas como se fosse a Rainha de Sabá, a Imperatriz de todas as Rússias! Você nunca levou a sério o sentimento das pessoas. Pra você, todos, sempre, estiveram no mundo unicamente pra lhe dar prazer. E o resultado é esse que você está tendo agora. O pai telefonou? Não. O Silico está arrumando as malas. Eu vou fazer a mesmo. Todos nós estamos cansados de ser a paisagem pra você, Adélia. Sei,





sei. Você já está dizendo que é uma coladinha, que vamos abandoná-la, que sempre foi assim. Mas é mentira, e você sabe disso. De tanto repetir a cena, ficou gasta, não comove mais. Quantas vezes você se atirou em prantos sobre a cama, obrigando todos a pedir-lhe perdão por uma falta que você é quem tinha cometido? Como é que você acha que nos entreolhamos depois? Não repita isso agora.

Começaríamos a rir, a rir... Bem, Adélia, está na hora de fechormos as malas. Aqui está o meu novo endereço. Não me chame à toa: só pra jogar a sério. E olhe, se você tiver um pingão de juízo nessa cabecinha bonita, só tem uma coisa a fazer: chamar o pai e pedir perdão. Conforme-se com os seus cinquenta anos. Não? As operações plásticas só esticam por fora... Faça vida nova com o pai. Ele é um bom

sujeito. Olhe que ele, com o bom visual que tem, pode arranjar um brotinho por aí... Não, não chore. Não resolve mais nada. Vou lhe preparar um drinque. Uísque? Puro com gelo, já sei. Mas só uma dose, ouviu? Depois se levante e trate de arrumar uma cara de mãe-de-família pra quebrar a barra. O telefone está tocando. Deve ser o pai. Você tem muita sorte. Meta os peitos, velhinha!

Mário Donato, jornalista, romancista, membro da Academia Paulista de Letras. Autor de *Presença de Anita* e outras obras. ✱ Jayme Cordeiro, desenhista, pintor e ilustrador. Autor da coleção *Curso Prático de Desenho Artístico*, em 4.ª edição. Prêmio Jabuti de melhor capa. Artista convidado pela Unesco para elaboração de trabalho em defesa da saúde universal.

TRISTE MOÇA HELIODORA

HELENÁ SILVEIRA

Heliodora, quando viu a dona da pensão onde morava Felício, abriu contra os seios os braços e os rainúnculos, numa hesitação tímida.

— O que quer, moça?
— Quería que a senhora me desse licença de entrar no quarto do Felício e botar lá estas flores...

A matrona fechou a cara e ficou a aquilatar a moça, sopesando-lhe a possível honestidade pelo aspecto do vestuário, pelo formato do rosto e pelos seios, também submergidos nas flores. A análise pareceu não lhe dizer nada de preciso, pois que continuou silenciosa e aborrecidamente indecisa. Heliodora semelhou ler-lhe o pensamento, já que deixou cair um — “eu sou noiva dele, vamos nós casar no mês que vem”, com uma castidade de quem sai de um banho frio. A senhora, aí, apaziguou-se, disse que “pois não, moça, pode entrar” e apontou a porta ao fundo do corredor: “A do lado esquerdo, não do direito”. Heliodora deslizou pelo soalho, as flores fazendo proa ao corpo. Escutava o próprio coração bater e parecia amedrontada da ousadia de seu gesto.

Mergulhou na penumbra do quarto, as pálpebras palpitando sobre as pupilas engrandecidas como as das aves noturnas. “Então é aqui? É aqui que ele dorme?” Mirou enternecidamente o promontório alvo da cama, avolumando-se, cortando falias de escuridão. Foi até a janela, abriu as venezianas, debruçou-se sobre a rua quieta do bairro. Fazia um ano que estava noiva de Felício e nunca pensara em visitá-lo em seu quarto de pensão. Não sabe explicar por que a idéia de lhe levar flores durante a ausência e dispô-las em vasos veio-lhe naquela manhã, com tanta força que, da idéia à ação, foi tempo curto. Logo depois do almoço, adquirira os ramos na barraca da praça, tomara o bonde e ali estava agora, a olhar a paisagem que ele devia olhar, logo de manhãzinha, quando inda entontecido de sono. — “Coitado!” — Sempre que pensava em Felício, ela dizia coitado. — Decerto era pelo jeito dele, modesto, acomodado. Jeito que tinham os mocinhos que iam morrer no fundo do submarino ou no avião de bombardeio, nas fitas de cinema. — “Coitado!” — continuou — sem ter quem tome conta das roupas nem da comida! É tão bom de boca! Tudo o que come acho gostoso. A mãe dissera-lhe, um dia, que moço assim, que come em pensão ou restaurante, acaba com úlcera no estômago.

Mas, reagiu ao agora, imaginando que, em pouco tempo, quem cozinhasse para Felício seria ela. O casamento estava próximo e, pensando nisso, Heliodora voltou-se de costas para a janela e fitou a

cama coberta por colcha barata, com lençóis encardidos e um travesseiro estropiado e bombo, sem fronha, a deixar aparecer suas vísceras de pona. Aproximou-se do leito e, só então, se lembrou das flores que havia deixado sobre a cama. Inútil procurar um vaso apropriado na pobreza do quarto. Tomou dois copos que estavam numa prateleirinha de mármore rachado, encheu-os d’água, na torneira da pia escantilhada.

Pobre pia! Era mesmo uma pia para Felício, que não gostava de se queixar de coisa nenhuma! Foi arrumando as flores com unção enamorada. Não era moça de muitas extravagâncias. Sabia que não era bonita, que era um pouco gorda demais. Tinha um senso muito grande do ridículo, para jamais deixar-se levar por transportes que não assentavam nem a seu físico, nem ao seu moral de menina educada em colégio de freiras. Noivavam em frente dos pais, na saleta. Felício chegava depois do jantar, às quintas e sábados. Domingo, às vezes, participava do ajantarado. E tudo corria de modo puro, ascético, sem suspiros nem derramamentos, com certa docura que não estava nem nele, nem nela, mas era uma consequência dos dois a um tempo, comportadamente sentados no sofá. Agora, estava no quarto dele. Aqui, ele dormia. Aqui sonhava. À beira dessa cama, se despia... Fora um pouco estouvada em vir, assim sozinha, sem companhia de irmã nem de prima. Entretanto, de modo algum ele poderia vir àquela hora. Estava na repartição. Quando chegasse, havia de ver as flores, logo, da porta. Disporia um ramo na cama, outro sobre o criado-mudo. Assim fez e se pôs a admirar as cores de cores muito nítidas entre a folhagem dos melindres. Felício haveria de sentir o coração aquecido, logo ao entrar no quarto! Começou a andar de um lado para outro. Pegou na pilama atirado sobre a cadeira única. Falta o botão do meio e as mangas estavam puidas e tombavam com a tristeza de um corpo enforcado. Tudo era tão melancólico entre aquelas paredes nuas! Do lado oposto em que estava a cama havia pequena mesa, que parecia servir de escrivaninha. Abelrou-se dela, pegou um volume de lombada comida por traças — “Manual do apicultor”. Ao lado viu um tinteiro, uma caneta com a inscrição — “Saudades de Coxambu”, um bloco de papel e um caderninho fulvo, ficou a olhar aquilo, comovida e consternada, tamborilando os dedos na mesa, pensando no noivo sempre tão coitado mesmo: “Ele vive aqui. Ele mora aqui, numa solidão quase miserável...” E os olhos escorriam pelo soalho nodoso, lastimando, iam depois ganhar fôlego nas flores

que formavam pequenas ilhas de suntuosidade no aposento. Tomou sem sentir o caderninho fulvo. Abriu, viu escrito: “Natalia de Amoedo — Avenida Paulista, 400 — Encontro às seis da tarde em baixo da pérgola do parque.” Ia fechando, quando a ganhou um sobresalto: Santo Deus, que seria aquilo? Naturalmente, anotação para algum amigo! Febril, virou a página, leu: “Pedir a Eliana de Castro Rios que ponha o vestido verde para ir à ‘boite’ hoje. Telefone 55314.”

Como um sonho ruim e pesado, foi vendendo outros nomes de mulher e outros endereços: Rua Aníllhas, Avenida Brasil, Avenida Higienópolis, Rua Estados Unidos, Rua Colômbia, Rua Guadalupe, Avenida Rebouças, e um amontoado de Eneidas, Marias Helenas, Saritas, todas residentes nos bairros mais ricos de São Paulo, todas aprazadas para coquetéis e ceias, velejar em Santo Amaro no barco do amigo Freddy, fim de semana em São Vicente para um “passoio no iate de Gastão, aquele boá-bola”. À Heliodora, semelhou que era seu próprio coração que se debruçava nas páginas, que lia e se ensopava de um ciúme verde com gosto de fel, que lhe fazia brotar suor entre as sobrancelhas, na juntura do nariz. Perdeu a noção do tempo. Se não fossem passos ouvidos no corredor, ela, decerto, ficaria ali indefinidamente. Mas os passos chamaram-na à realidade. E se fosse Felício? Não, não era. Deveria ser o vizinho do quarto. A moça, sem refletir mais, deitou o caderninho fulvo na bolsa, foi saindo. No saguão ouviu a voz da matrona: — Quer deixar algum recado?

Ela quis responder, mas como achar voz? Olhou a mulher apenas, com olhar sumido de afogado e foi saindo depressa para a rua quieta. Andou a esmo e, quando deu acordo de si, estava dentro de um taxi, o chofre esperando: — Para onde, madama?

Revolve o caderninho, nervosa, deita o endereço, nem sabe de que jeito: — Avenida Paulista, 400.

Atrás das grades do palacete, atende-a um mordomo: — Dona Natália? Está no Guarujá.

E, rodando para o Jardim América, ouve que dona Eliana está no Rio e, em Higienópolis, sabe que dona Sarita está na Europa. Continua a seguir seu roteiro infame. Suspira com certo alívio quando um criado lhe diz para passar à pequena sala azul, porque “madama vai atendê-la dentro de poucos minutos”.

Ao se defrontar com Moema de Alcântara e Castilho, tuteia, acha-se horrível, gorda, ante aquela criatura de longas mãos que parece um sopro vai derrubar. Evidentemente, é uma carne alimentada a champagne e “patê de

foie gras” francês. Heliodora sente-se grosseira e miserável, baixa os olhos e diz:

— Eu sou a noiva de Felício! Espera a resposta como um boi aguarda a cutelo, e como nem um nem outro vem, como a vida não lhe termina de um golpe, levanta os olhos, com lentidão, mirando primeiro os sapatos, depois o longo traje da “hotesse” — tal vinha nas revistas mundanas. A “hotesse” fitava-a com um rosto egípcio e longínquo, uma das sobranceiras a se erguer, imperceptivelmente.

Eu sou a noiva de Felício! Da casa entre léguas do Pacoambu à pensão, Heliodora vai a pé, perdendo-se em voltas, subindo colinas cheias de palacetes desabrochados, descendo ladeiras e, alçando para frente, para trás, para direita, para esquerda, a paisagem que vê é o rosto de Moema de Alcântara e Castilho e o som que ouve é seu riso em três notas:

— Minha pobre menina, isto é por demais ridículo! Nunca vi esse homem! Não tenho a mínima idéia de quem seja! Vê a si própria, cada trêmula, estendendo o caderninho à mulher assexuada e sem idade e, depois, como em pesadelo terrível, ouve o comentário:

— Agora já sei! Trata-se, sem dúvida, daquele indivíduo cacete que ora me telefona, ora telefona à Natália ou Sarita, ou mesmo à Maria Helena! Diz que se chama Felício, sim, é verdade, e conversa conosco, descrevendo-nos os vestidos que usamos em coquetéis ou recepções! Fica íntimo e, quando não se tem nada que fazer, diverte-nos um bocadinho. Sim, porque é um cafajeste, o pobre desse rapaz desconhecido. Um cafajeste!

Heliodora vai ao encontro de Felício, pelas ruas do Pacoambu. Flores não fazem mais proa a seu corpo, proa são seus seios anelantes. Volta à pensão. Não pode esperar pela visita à noite. É preciso que o veja, nesse momento, mesmo que aquela situação insólita seja explicada. Atira o caderninho fulvo quase no rosto do noivo, quando este abre a porta do quarto e aí vê a sua expressão mudar, as feições adquirindo um jeito astucioso e displacente, tão diverso de seu modo eterno:

— Heliodora, é preciso que você perdoe essas coisas! Eu lhe sou fiel. Juro que sou! Entretanto, essas senhoras é que me procuram... Não sei por que, mas o fato é que eu “fui” muito sucesso” com as mulheres. Vivo tendo de inventar coisas para me descartar delas, porque o meu amor é só por você!

Heliodora ouve sua própria voz, muito paciente, explicando a entrevista com Moema de Alcântara e Castilho e vê o rosto de Felício como que ser chupado interiormente. Tudo aquilo é tão doloroso! Ele vol-



ta de novo a ser coitado, tão coitado! Ela tem vontade de niná-lo pelo que ele vai dizendo:

— Minha noiva, eu sou um frouxo! Um pobre coitado de um frouxo! Minha vida foi sempre um miserê danado. Por isso, sempre vivi sonhando com riquezas e com essas mulheres de crônicas sociais. Seguiu as vidas delas nas revistas e nas colunas mundanas. Sabia os vestidos que punham num coquetel do Automóvel Clube e via de longe, da arquibancada geral, quando elas passeavam no prado. Já quei em tarde de corridas. De tanto esperar, de tanto ler sobre elas, era como se fossem minhas conhecidas. Às vezes, de sonhar, parecia até um romance que eu estava escrevendo...

Um suspiro subiu do peito de Felício, tão magoado que Heliodora se pôs a chorar mui mansamente. Ele continuou a pôr em pedaços o próprio peito:

— Telefonava para elas, sim! Via que me faziam de palhaço, mas o que eu queria era, de certo modo, poder penetrar naquele mundo tão fabuloso! Tornava apontamentos neste pobre caderninho, como se eu fosse um grã-fino e tivesse muitos compromissos...

Nesse ponto, Heliodora quis falar e não pôde, fez apenas um gesto brando como a se apontar a si própria. O rapaz compreendeu, porque parou de se purgar, mirou-a, gorda e fiel, à sua frente, os flancos ansiosos... E teve uma vontade desumana de comunicar-lhe sua degradação, aquele nojo da própria carne, morando nele:

— Eu tinha você, é verdade, mas não era a mesma coisa. Essa história de dizer que os homens é que escolhem as mulheres é bobagem. São elas as mulheres que querem a gente e que, em geral, não são as mulheres que queremos...

Não falou mais, pois a noiva foi saindo do quarto. Ele a acompanhou, até o saguão. Viu-a que descia a escada, os pés meio chatos, o andar arrastado que nem parecia de moça nova. Se ao menos ela voltasse a cabeça para dizer de modo literário:

— Está tudo acabado entre nós!

Mas Heliodora era incapaz de ser literária. No momento em que a fitou, pela última vez, seu rosto estava bovino e pesado. E se o autor aqui termina o conto, é que nada mais aconteceu na vida daqueles dois e, na verdade, de tão modesto, o que foi contado nem merecia ter sido! Esquecia-me de dizer que, ao voltar ao quarto, Felício reparou nas flores. Pensou que tivessem sido postas ali pela dona da pensão.

— Pólen de flor, no quarto, dá ozenal! E atirou os ramos pela janela.

Helena Silveira, jornalista e escritora. Autora de livros de contos (*A Humilde Espera* e *Mulheres Frequentemente*). Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras. Escreveu *No Fundo do Poço*, peça teatral. ✱ Walter Levy, pintor e gravador, tendo efetuado o seu primeiro individual em Bad Lippringe, Alemanha. Em 1974, o Museu de Arte Moderna organizou uma retrospectiva de suas atividades no Brasil.

VESTIDA DE PRETO

MÁRIO DE ANDRADE

Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem si o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade. Minha impressão é que tenho amado sempre... Depois do amor grande por mim que brotou aos três anos e durou até os cinco mais ou menos, logo o meu amor se dirigiu para uma espécie de primo longínqua que freqüentava a nossa casa. Como se vê, jamais sofri do complexo de Édipo, graças a Deus. Toda a minha vida, mamãe e eu fomos muito bons amigos, sem nada de amores perigosos.

Maria foi o meu primeiro amor. Não havia nada entre nós, está claro, ela como eu nos seus cinco anos apenas, mas não sei que divina melancolia nos tomava, si acaso nos achávamos juntos e sozinhos. A voz baixava de tom, e principalmente as palavras é que se tornavam mais raras, muito simples. Uma ternura imensa, firme e reconhecida, não exigindo nenhum gesto. Aquilo aliás durava pouco, porque logo a criança chegava. Mas tínhamos então uma raiva impensada dos manos e dos primos, sempre exteriorizada em palavras ou modos de irritação. Amor apenas sensível naquele instinto de estarmos sós.

E só mais tarde, já pelos nove ou dez anos, é que lhe dei nosso

único beijo, foi maravilhoso. Si a criança estava toda junta naquela casa sem jardim da Tia Velha, era fatal brincarmos de família, porque assim Tia Velha evitava correrias e estragos. Brinquedo aliás que nos interessava muito, apesar da idade já avançada para eles. Mas é que na casa de Tia Velha tinha muitos quartos, de forma que casávamos rápido, só de boca, sem nenhum daqueles cerimoniais de mentira que dantes nos interessavam tanto, e cada par fugia logo, indo viver no seu quarto. Os melhores interesses infantis do brinquedo, fazer comidinha, amamentar bonecas, pagar visitas, isto nós deixávamos com generosidade apressada para os menores. Iam para os nossos quartos e ficávamos vivendo lá. O que os outros faziam, não sei. Eu, isto é, eu com Maria, não fazíamos nada. Eu adorava principalmente era ficar assim sozinho com ela, sabendo várias safaresas já mas sem tentar nenhuma. Havia, não havia não, mas sempre como que havia um perigo iminente que juntava o seu crime à intimidade daquela solidão. Era suavíssimo e assustador.

Maria fez uns gestos, disse algumas palavras. Era o aniversário de alguém, não lembro mais, o quarto em que estávamos fora

convertida em dispensa, cômodas e armários cheinhos de pratos de doces para o chá que vinha logo. Mas quem se lembrasse de tocar naqueles doces, no geral secos, fáceis de disfarçar qualquer roubo estavam longe disso. O que nos deliciava era mesmo a grave solidão.

Nisto os olhos de Maria caíram sobre o travesseiro sem fronha que estava sobre uma cesta de roupa suja a um canto. E a minha esposa teve uma invenção que eu também estava longe de não ter. Desde a entrada no quarto eu concentrara todos os meus instintos na existência daquele travesseiro, o travesseiro cresceu como um donado dentro de mim e virou crime. Crime não, "pecado" que é como se dizia naqueles tempos cristãos... E por causa disso eu conseguira não pensar até ali, no travesseiro.

— Já é tarde, vamos dormir — Maria falou.

Fiquei estarelecido, olhando com uns fabulosos olhos de imploração para o travesseiro quente, mas quem disse travesseiro ter piedade de mim, Maria, essa estava simples de mais para me olhar e surpreender os efeitos do convite: olhou em torno e afinal, vasculhando na cesta de roupa suja, tirou de lá uma toalha de banho muito quentinha que es-

tendeu sobre o assoalho. Pôs o travesseiro no lugar da cabeceira, cerrou as venezianas do janelão sobre a tarde, e depois deitou, arranjando o vestido pra não amassar.

Mas eu é que nunca havia de pôr a cabeça naquele restico de travesseiro que ela deixou pra mim, me dando as costas. Restico sim, apesar do travesseiro ser grande. Mas imaginem numa cabeleira explodindo, os famosos cabelos assustados de Maria, citação obrigatória e orgulha de família. Tia Velha, muito ciumenta por causa dum neto preferida que ela imaginava deusa, era a única a pôr defeito nos cabelos de Maria.

Você não vem dormir também? ela perguntou com fragor, interrompendo o meu silêncio trágico.

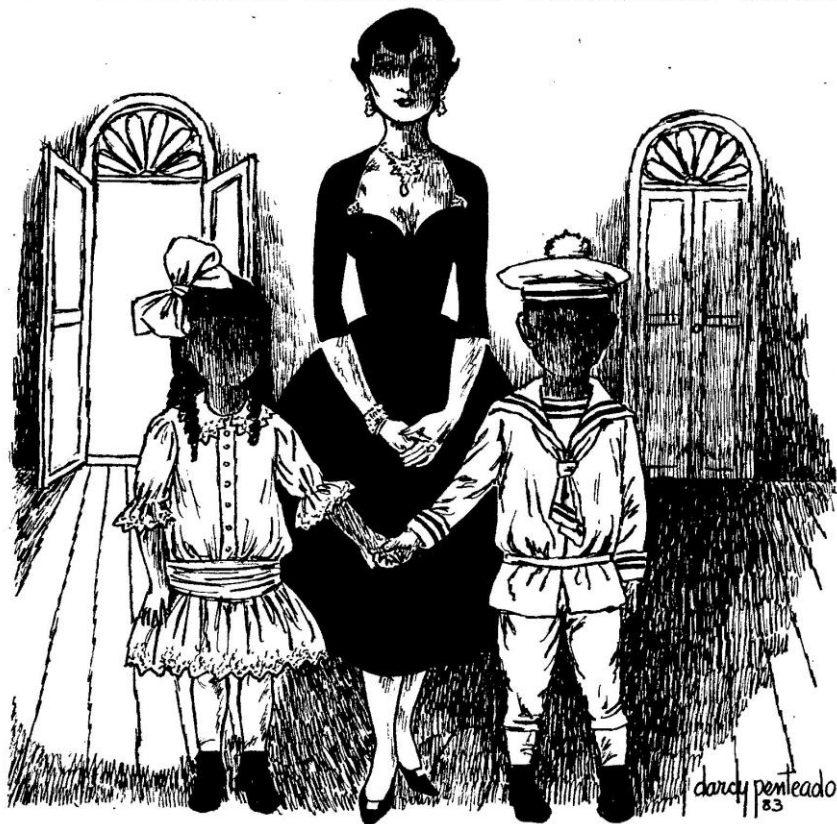
Já vou que eu disse — estau conferindo a conta do armazém.

Fui me aproximando incomparavelmente sem vontade, senti no chão tomando cuidado em si quer tocar no vestido, puxei também o vestido dela estava completamente assustado, que dificuldade! Pus a cara no travesseiro sem a menor intenção de. Mas os cabelos de Maria, assim era pior, tocavam de leve no meu nariz, eu podia aspirar, marido não es-

pirra. Senti, senti que aspirar seria muito ridículo, havia de ser um espirro enorme, os outros escutavam lá da sala-de-visita longínqua, e daí é que o nosso segredo se desvendava todinho.

Fui afundando o rosto naquela cabeleira e veio a noite, sendo os cabelos (mas juro que eram cabelos macios) me machucavam os olhos. Depois que não vi nada, ficou fácil continuar enterrando a cara, a cara toda, a alma, a vida, naqueles cabelos, que, maravilhosa até que o meu nariz tacou num pescocinho roliço. Então fui empurrando os meus lábios, tinha uns bonitos lábios grossos, nem eram lábios, era beijo, minha boca foi ficando encanudada até que encontrou o pescocinho roliço. Será que ela dorme de verdade?... Me ajitei muito sem-cerimônia, mulherzinhal e então beijei. Quem falou que este mundo é ruim! só recordar... Beijei Maria, rapazes! eu nem sabia beijar, está claro, só beijava mamãe, boca fazendo bulha, contacto sem nenhum calor sensual.

Maria, só um leve entregar-se, uma levíssima inclinação pra trás me fez sentir que Maria estava comigo em nosso amor. Nada mais houve. Não, nada mais houve. Durasse aquilo uma noite grande, nada mais haveria por-



que é engraçado como a perfeição fixa o gente. O beijo me deixou completamente puro, sem minhas curiosidades nem desejos de mais nada, adeus pecado e adeus escuridão! Se fizera em meu cérebro uma enorme luz branca, meu ombro bem que doía no chão, mas a luz era violentamente branca, proibindo pensar, imaginar, agir. Beijando.

Tia Velha, nunca eu gostei de Tia Velha, abriu a porta com um espanto barulhento. Percebi muito bem, pelos olhos dela, que o que estávamos fazendo era completamente feio.

Levantei... Vou contar pra sua mãe, Jucal!

Mas eu, levantando com a lealdade mais cínica deste mundo!

Tia Velha me dá um doce?

Tia Velha eu, sempre detestei Tia Velha, o tipo da bondade Berlitz, injusta, sem método pois Tia Velha teve a malvezade de escorrer por mim todo um olhar que só alguns anos mais tarde pude compreender inteiramente. Naquele instante, eu estava só pensando em disfarçar, fingindo uma inocência que poucos segundos antes era real.

Vamos! saiam do quarto!

Fomos saindo muito mudos, numa bruta vergonha, acompanhados de Tia Velha e os pratos que ela viera buscar para a mesa de chá.

O estranhismo é que principiava, nesse acordar à força provocado por Tia Velha, uma indiferença inexplicável de Maria por mim. Mais que indiferença, frieza viva, quase antipatia. Nesse mesmo chá indo achou jeito de me maltratar diante de todos, fiquei zozos.

Dez, treze, quatorze anos... Quinze anos. Foi então o insulto que julguei definitivo. Eu estava fazendo um ginásio sem gosto, muito arrastado, cheio de revoltas íntimas, detestava estudar. Só no desenho e nas composições de português tirava os melhores notas.

Vivia nisso: dez nestas matérias, um, zero em todas as outras. E todos os anos era aquela já esperada fatalidade: uma, duas bombas (principalmente em matemática) que eu tornava apenas o cuidado de apagar nas exames de segunda época.

Gostei, eu continuava gostando muito de Maria, cada vez mais, conscientemente agora. Mas tinha uma quase certeza que ela não podia gostar de mim, quem gostava de mim... Minha mãe... Sim, mamãe gostava de mim, mas naquele tempo eu chegava a imaginar que era só por obrigação. Papai, esse foi sempre insuportável, incapaz duma carícia. Como incapaz de uma repressão também. Nem mesmo comigo, a tara da família, ele jamais ralhava. Mas isto é caso pro outro dia. O certo é que, decidido em minha desesperada revolta contra o mundo que me rodeava, sentindo um orgulho de mim que jamais buscava esclarecer, tão absurdo o pressentimento, o certo é que eu já principiava me acalmando por um caso perdido, que não adiantava melhorar.

Esse ano até fora uma bomba só. Eu entrava da aula do professor particular, quando enxerguei o sapato na varanda e Maria entre os demãos. Passei bastante encabulado, todos em férias, e os livros que eu trazia na mão me denunciando, lembrando a bomba, me achincalhando em minha imperfeição de caso perdido. Esbocei um gesto falsamente alegre de bom dia, e fui no escritório pegado, escondendo os livros na escrivaninha de meu pai, lá já voltar para o meio de todas, mas Matilde, a peste, o implicante, a deusa estúpida que Tia Velha perdia com suas preferências:

— Passou seu namorado, Maria.

Não caso com bombeado ela respondeu imediato, numa voz tão feia, mas tão feia, que parei estarelecido. Era a decisão final, não tinha dúvida nenhuma. Maria não gostava mais de mim. Bobo de assim parado, sem fazer um gesto, mal podendo respirar.

Além um caso recente vinha se ajuntar ao insulto pra decidir de minha sorte. Nós seríamos até pobres, comparando com a família de Maria, gente que até viajava na Europa. Pois pouco antes, os pais tinham feito um papel bem indecente, se opondo ao casamento duma filha com um rapaz diz-que pobre mas ótimo. Houvera rompimento de amizade, mal-estar na parentagem toda, o caso virara escândalo mastigado e remastigado nos comentários de hora de jantar. Tudo por causa do dinheiro.

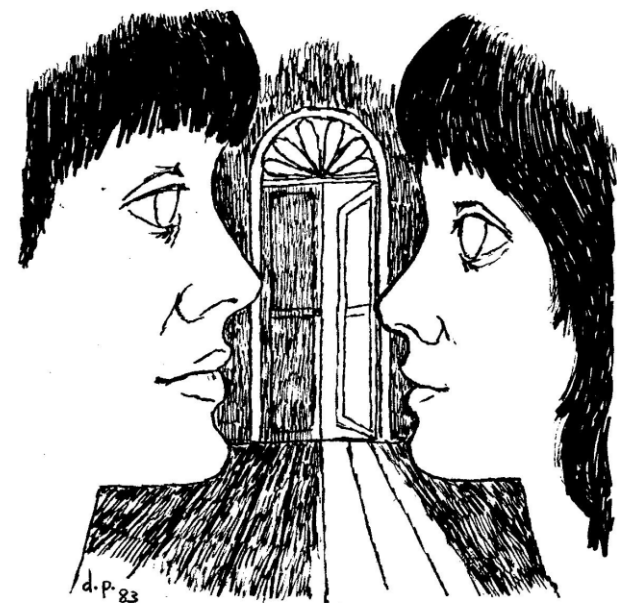
Si eu insistisse em gostar de Maria, casar não casava mesmo, que a família dela não havia de me querer. Me passou pela cabeça comprar um bilhete de loteria. "Não caso com bombeado"... Fui abraçando os livros de mansinho, acariiciando-os junto ao rosto, pousei a minha boca num copo, suja de pó suado, retirei a boca sem desgosto. Naquele instante eu não sabia, hoje sei: era o segundo beijo que eu dava em Maria, último beijo, beijo de despedida, que o cheiro desagradável do papel confirmava. Estava tudo acabado entre nós dois.

Não tive mais coragem pra voltar à varanda e conversar com... os outros. Estava com uma raiva desprezadora de todos, principalmente de Matilde. Não, me parecia que já não tinha raiva de ninguém, não valia a pena, nem de Matilde, o insulto partira dela, fora por causa dela, mas eu não tinha raiva dela não, só tristeza, só vazio, não sei... creio que uma vontade de ajoelhar. Ajoelhar sem mais nada, ajoelhar ali junto do escrivaninha e ficar assim, ajoelhar. Afinal das contas eu era um perdido mesmo, Maria tinha razão, tinha razão, tinha razão, que tristeza!...

Foi o fim? Agora é que vem o mais esquisito de tudo, ajuntando anos pulados. Acho que até não consigo contar bem claro tudo o que sucedeu. Vamos por ordem: Pus tal firmeza em não amar Maria mais, que nem meus pensamentos me traíam. De resto a mocidade raiava e eu tinha tudo a aprender. Foi espantoso o que se passou em mim. Sem abandonar meu jeito de "perdido", o cultivando mesmo, ginásio acabado, eu principiava gostando de estudar. Me batia, súbita, aquela vontade irritada de saber, me tornava estudiosíssimo. Era mesmo uma impaciência raivosa, que me fazia devorar bibliotecas, sem nenhuma orientação. Mas brilhava, fazia conferências empoladas em sociedades de rapazes, tinha idéias que assustavam todo o mundo. E todos principiavam maldando que eu era muito inteligente mas perigoso.

Maria, por seu lado, parecia uma doída. Namorava com Deus e todo o mundo, aos vinte anos ficava noiva de um rapaz bastante rico, noivado que durou três meses e se desfez de repente, pra dias depois ela ficar noiva de outro, um diplomata riquíssimo, casar em duas semanas com alegria desmedida, rindo muito no altar e partir em busca duma embaixada européia, com o secretário chique seu marido.

Às vezes meio tanto com estes acontecimentos fortes, acompanhados meio de longe, eu me recordava do passado, mas era só pra sorrir da nossa infantilidade e devorar numa tarde um livro incompreensível de filosofia. De mais a mais, havia a Rose pra de noite, e uma linda namoradinha oficial, a Violeta. Meus amigos me chamavam de "jardineiro", e



eu punha na coincidência daquelas duas flores uma força de destinação fatalizada. Tinha mesmo que topando numa livraria com "The Gardener" de Tagore, comprei o livro e comecei estudando o inglês com loucura. Maria de Andrade conta num dos seus livros que estudou o alemão por causa duma embaixada tordilha... eu também: meu inglês nasceu duma Violeta e duma Rose.

Não, nasceu de Maria. Foi quando uns cinco anos depois, Maria estava pra voltar pela primeira vez ao Brasil, a mãe dela, queixosa de tamanha ausência, conversando com mamãe na minha frente, arrancou naquele seu jeito de gorda desabrida:

— Pois é, Maria gostou tanto de você, você não quis... e agora ela vive longe de nós.

Pela terceira vez fiquei estarelecido neste conto. Percebi tudo num tiro de canhão. Percebi ela doidejando, noivando com um, casando com outro, se atordando com dinheiro e brilho. Percebi que eu fora uma besta, sim agora que principiava sendo alguém, estudando por mim fora dos ginásios, vibrando em versos que muita gente já considerava. E percebi horrorizado, que Roseli nem Violeta, nem nada! era Maria que eu amava como louco! Maria é que amava sempre, como louco: oh como eu vinha sofrendo a vida inteira, desgredidíssimo, aprendendo a vencer só de raiva, me impondo ao mundo por despiques, me superiorizando em mim só por vingança de desesperado. Como é que eu pudera me imaginar feliz, pior: ser feliz, sofrendo daquele jeito! Eu? eu não! era Maria, era exclusivamente Maria toda aquela superioridade que estava aparecendo em mim... E tudo aquilo era uma desgraça muito cocho mesmo. Pois não andavam falando muito de Maria? Contavam que pintava a sete, ficava célebre com as extravagâncias e aventuras. Estivera pouco antes das portas do divórcio, com um caso escandaloso por demais, com um pintor de nomeada que só pintava efeitos de luz. Maria falada, Maria bêbada, Maria passada de mão em mão, Maria pintada nou...

Se dera como que uma transposição de destinos... E tive um pensamento que ao menos me salvou no instante: si o que tinha de útil agora em mim era Maria, si ela estava se transformando no Jucal imperfeitíssimo que eu fora, si eu era apenas uma projeção dela, como ela agora apenas uma projeção de mim, si nos trocáramos por um estúpido engano de amor: mas ao menos que eu ficasse bem ruim, mas bem ruim mesmo outra vez, pra me igualar a ela de novo. Foi a razão da briga com Violeta, impiedosa, e a farsa dessa noite — bebedeira tamanha que acabou ficando desacomodado, numa série de vertigens, com médico, escândalo, e choro largo de mamãe com minha irmã.

Bom, tinha que visitar Maria, está claro, éramos "gente grande" agora. Quando soube que ela devia ir a um banquete, pensei comigo: "ótimo, vou hoje logo depois de jantar, não encontro ela e deixo o cartão". Mas fui cedo demais. Cheguei na casa dos pais dela, seriam nove horas, todos aqueles requintes de gente rica, criado que leva cartão numa salva de prata etc. Os da casa estavam ainda jantando. Me introduziram na saletinha da esquerda, uma espécie de luíquinze muito sem-vergonha, dourado por inteiro, dando pra hol central. Que fizesse o favor de esperar, já vinham.

Contemplando a gravura cor-de-rosa, senti de repente que tinha mais alguém na saleta, virei. Maria estava na porta, olhando pra mim, se rindo, toda vestida de preto. Olhem: eu sei que a gente exagera em amar, não insisto. Mas si eu já tive a sensação da vontade de Deus, foi ver Maria assim, toda de preto vestida, fantásticamente mulher. Meu corpo soluçou todinho e tornei a ficar estarelecido.

— Ao menos diga boa-noite, Jucal...

"Boa-noite, Maria, eu vou-me embora"... meu desejo era fugir, era ficar e ela ficar mas, sim, sem que nos tocássemos sequer. Eu sei, eu juro que sei que ela estava se entregando a mim, me prometendo tudo, me cedendo tudo quanto eu queria, naquele se

deixar olhar, sorrindo leve, mãos unidas caindo na frente do corpo, toda vestida de preto. Um segundo, me passou na visão devorá-la numa hora estilhaçada de quarto de hotel, foi horrível. Porém, não havia dúvida: Maria despertava em mim os instintos da perfeição. Balbuciei afinal um boa-noite muito indiferente, e as vozes amontoadas vinham do hall, dos outros que chegavam.

Foi este o primeiro dos quatro amores eternos que fazem de minha vida uma grave condensação interior. Sou falsamente um salitório. Quatro amores me acompanharam, cuidam de mim, vêm conversar comigo. Nunca mais vi Maria, que ficou pelas devorações, divorciada afinal, hoje dizem que com um austríaco interessado em feiras internacionais. Um aventureiro qualquer. Mas dentro de mim, Maria... bom: acho que vou falar banalidade.

(Rio, 1939 — S. Paulo, 17-II-43)

Mário de Andrade (SP, 1893-1944), um dos pioneiros do movimento modernista, escreveu *Paulicéia Desvairada*, publicado em 1922, ano da Semana de Arte Moderna. Depois de escrever *A Escrava que não é Heura* (1925) e *Losango Cáqui* (1926) entra numa fase de nacionalismo estético utilizando o folclore e a etnografia em busca de um específico brasileiro. Publica então *Cis do Jabuti* (poesia) e *Macunaíma* (ficção). Foi musicista, ensinou piano e dedicou-se à história da música. ✱ Darcy Perreault, ilustrador, pintor, cenógrafo, teatrólogo. Autor de quatro romances, entre os quais *Nivêdo* e *Jerônimo*.

PÍLULAS PARA A PAZ

RUBENS TEIXEIRA SCAVONE

Tudo começou quando a equipe de John Luther Freeman deu por encerradas as experiências com irracionais. Os resultados foram tão extraordinários que logo se pensou em passar aos racionais. E só depois então o Governo seria informado.

Os lobos eram mantidos por duas semanas sem alimento algum. Soltos no picadeiro, o resultado era o previsto: aniquilação recíproca, ferocidade triplicada pela fome. Luta tão encarniçada que depois de poucos minutos os vencedores nem mais tinham forças para alimentar-se dos vencidos.

Então, a droga: P.P.P., como foi nomeada pelo Doutor Luther Freeman. Uma pílula minúscula envolvida por um naco de carne, distribuída a cada animal famélico. O tempo necessário aos efeitos era de dez minutos. Depois, a metamorfose (como designava Luther Freeman). As jaulas eram abertas, os lobos demonstravam para sair. Movimentavam-se como que desconcertados, egressos de um longo sono. O torpor durava dois ou três minutos. Examinavam-se reciprocamente, incrédulos. Não havia nenhuma agressão, era como se já estivessem alimentados. Uma série inicial de fracos rosados, sinais de embaraço e certo acerrar-se que poderia ser tido como amoroso (seria aquilo que alguns sociólogos chamavam 'cossão' do grupo?). Finalmente, a tração de carícias linguais, como fêmeas afagando filhotes.

Depois, a segunda parte da experiência.

O alimento era atirado ao picadeiro. Apenas curiosidade. Um a um, aproximavam-se da carne sangrenta. Cheiravam-na, sentiam-lhe a consistência. Começavam a comer sem pressa, sem tumulto ou contenda. Cada qual concentrado em seu pedaço, sem importar-se com a porção alheia, tranqüilos como se estivessem sós.

A equipe filmava, gravava, anotava. Insistia-se na prova, monotonamente igual. A decisão veio. Homens, deveriam experimentar em homens a droga milagrosa. Mas que homens, de onde? Deveriam ser semelhantes aos animais famintos. Terríveis, inumanos. De onde? Por certo das penitenciárias, os mais cruéis, os mais temíveis. Aqueles considerados irreversíveis. A equipe movimentou-se. E claro, agia credenciada pelo Governo, às expensas do órgão máximo de segurança, com prioridade total. Desde que o Doutor Luther Freeman obtivera o Prêmio Nobel com suas tentativas com a reserpina e a clorpromazina, desde que enveredara pelos ensaios de Linus Pauling, era amparado sem reservas pelo Departamento SW-45 e secundado pelo Ministério do Bem-Estar Psíquico. E isso equivalia a

auxílio irrestrito, acima da ordem econômica, acima da própria ética. Importava apenas o objetivo magno: restaurar naquela sociedade o equilíbrio indispensável à vida. Naquele mundo superhabitado, superpoluído, superviolento e superviolado.

Em menos de dez dias chegou a primeira leva de homens-cobaia. Nem mesmo lhes sabiam a origem, condenados por quais crimes. Pela aparência nada se podia intuir. Em verdade — pilheriou o mais jovem dos cientistas — Lombroso estava enganado. Mas a doutora, a canadense, sabia, conquanto não se entendesse como. O mais gordo violara três irmãs, espartilhando a menor, incendiando-lhe a casa. O mais velho garteara suas vítimas, depois dos estupros. O alto, calvo, que rilhava os dentes, de cima de um prédio, com um fuzil de mira telescópica, atingira dezesseis estudantes num pátio universitário.

As doses, semelhantes às dos irracionais, ajustavam-se aos pesos. Os condenados desconheciam as finalidades do experimento. O de cabeça enorme ria o tempo todo, fixava-se nas pernas da doutora canadense quando submetido ao eletrocardiograma. Depois foram todos conduzidos ao hospital. As doses eram liberadas gradualmente em seus organismos, testava-se a duração, imaginava-se que os efeitos poderiam ser permanentes assim que se obtivesse um optimum. E foram alojados no dormitório feminino. As jovens que lá estavam sabiam da experiência, mas também sabiam que aqueles homens haviam sido advertidos sobre a respectiva conduta, logo nos primeiros dias do tratamento. Os assassinos passaram a ser cordeiros. Nada ocorreu, por mais intensas que fossem as solicitações femininas. Tudo foi bem considerado. Não ocorreu amortecimento da sexualidade, como revelou o especialista sueco. Apenas irrestrito atendimento às determinações de Luther Freeman. Os homens logo começaram a falar entre si e com as moças. O primeiro efeito da droga foi a expansão da comunicabilidade. Louvavam a qualidade dos alimentos, contavam coisas do passado, resuscitavam a infância. O mais jovem contava seus planos para o futuro, queria ter muitos filhos. No quarto dia a doutora canadense iniciou as entrevistas. Começou a indagar dos crimes cometidos. Os homens não se alteraram, foi como se relatassem eventos de responsabilidade de outras pessoas. Um deles ruborizou-se. Outro contou que lia agora o Novo Testamento. Outro insistiu em relembrar uma lagoa tranqüila na qual costumava pescar em sua juventude. Outro ainda falou muito sobre a mãe, cujos cabelos longos e alvos

eram presos por um pente enorme, de tartaruga.

A equipe científica reuniu-se, triunfo acabado. A droga antiviência fora descoberta. A panacéia contra a agressão exibiu-se. A proposta absurda de John Luther Freeman ganhara realidade: o comportamento humano não se nutria dos traumas do passado; não se condicionava ao ambiente; não brotava de disfunções biológicas; de impulsos conflitantes ou da necessidade indeclinável da conservação da espécie ou muito menos de desejos recalçados. Ali estava a evidência, simples. A violência era o resultado de certa alquimia incorreta, talvez erro da evolução. Assim, como tal, podia ser extirpada, controlada.

O Governo foi então informado.

A redenção humana estava à vista. As guerras poderiam enfim ser evitadas. A "pílula para a paz" poderia ser fabricada em massa. Adicionada a todos os alimentos, ingrediente obrigatório na nutrição humana. O sonho imemorial, a paz perene, utopia ancestral. A criatura humana obsequiando-se em ritos de mansidão. Não seria esse porventura o objetivo de todas as religiões?

A resposta governamental não se fez esperar.

Fantástico, extraordinário, os bilhões não haviam sido desperdiçados. Mas os governantes, antes da nova etapa, exigiram certo informe, preliminar, antes que os frutos da triunfa fossem colhidos. Queriam saber: se a química da paz fora encontrada, seria possível a descoberta da química da violência?

John Luther Freeman começou a dobrar o ofício recebido. Admitiu a responsabilidade da resposta. Afastou-se aos poucos da mesa de trabalho, avançou para a imensa paisagem que tinha aos seus pés, desdobrando-se sobre o deserto, postado que estava naquele quase transparente quadrágono andor. Lâmpadas de memória, fuga inespérada, clorões imaginativos, em segundos as abstrações projetaram-se veementes, em verdade desgarradas de séculos, de milênios, certamente impressas no D.N.A. O bem e o mal não coexistem apenas nas mitologias, não se digladiam apenas nas lendas iranianas ou nos textos arcaicos da Gilgamesh ou do Popo Vul. O dualismo é concreto, está ali, bem visível na essência humana, testificado no que se chama história da civilização. As montanhas de ossos de Treblinka e de Sobibor, eis a síntese. A transferência do malefício é multiforme. Como acontecia com as bonecas feéricas dos Nganzu, perfuradas por centenas de agulhas, não longe da espada que voza a jugular do animal atormentado depois do lúgubre bailado às vistas da multidão. Luther

Freeman enfrentou a luz violenta da tarde. O astro fibrilava, consumia-se aos poucos eclipsado pela montanha distante também incandescente. A esfera estelar agigantou-se afogando o grito de todos os sacrificados. A mesma condição que ocorria no âmago das estrelas mas que nada geraria. Pois era apenas a amostra dos origens, talvez do grande e inevitável final. A paisagem calcinada de Hiroshima, os duzentos mil cadáveres, figuras macabras de Hieronimus Bosch.

O cientista releu mais uma vez o ofício, resolveu-se. A equipe foi convocada. Seus componentes estranharam, argumentaram, debateram. Depois de muitas horas retornaram ao Governo com outra indagação. Afinal, a droga fora descoberta por eles e assistia-lhes o dever e o direito de saber. Qual a justificativa daquela pergunta? Qual o motivo governamental de falar em agressão?

O Governo não se importou, afinal era ele o Governo, os outros apenas cientistas. A questão foi renovada com mais veemência: pode ou não ser obtida a pílula da violência?

De novo a equipe reuniu-se, a resposta não se fez esperar. Quem procede à análise é senhor da síntese. Ela é porém desnecessária, a violência já existe, é própria da condição humana. E daí? A derradeira indagação em seu laconismo encerrava como que um desafio. O Governo consultou-se. Poucos homens, muitos computadores. Sentencioso: já que é assim, não importa. A descoberta foi nossa, conservemo-la para nós, para uso interno. Que a felicidade edênica reine para todo o sempre, mas apenas dentro de nossas fronteiras. Não haverá mais ódios raciais; inexistirão a inveja e a injustiça. Mas só para nós, para o bem-estar nacional.

E a produção em massa se iniciou.

Todavia, nenhum segredo assim permanece para sempre. Índices internacionais surgiram. Na Assembléia Geral das Nações Unidas a questão foi levantada. Que estaria acontecendo naquele país? Derrubavam-se penitenciárias, dissolviam-se tribunais, libertavam-se os insanos. Ocorriam rumores: haveria mesmo a "pílula para a paz"? Ou seria apenas técnica política, recurso logístico para ludibriar os adversários potenciais, enfraquecendo a corrida armamentista?

Um embaixador, baixo e vermelho, pediu a palavra pela ordem na plenária das Nações Unidas. Ouviram-no calados. "E, por isso mesmo, meu país exige que se divulgue a fórmula da pílula." Mas a recusa foi monita. Não, a pílula da fraternidade é nossa.



A Assembléia dissolveu-se. A imprensa vociferou ameaças. Logo mais os silos abriram-se, as ogivas ajustaram-se, as luzes de alerta cintilaram, os templos acolheram milhões, nas fímbrias da exosfera centenas de cometas deixaram seus rastros mortais. A pátria de John Luther Freeman ficou só, obstinada. Como prelúdio, a nação que exigira a fórmula pulverizou três cidades. As outras nações, que a secundaram na exigência, começaram a se

unir para a retaliação da pátria de Luther Freeman. Pois era a alternativa, a pílula correspondia ao sonho universal...

Depois disso, como trogloditas em cavernas, a equipe ainda lutava. Não se tratava agora de ocultar a droga da paz, mas de inventar a "pílula da guerra", que restabelecesse em seu povo a capacidade de destruir, de golpear o inimigo. Pois, pela descoberta inicial essa faculdade há muito se extinguira.

Nota da redação: o conto acima foi publicado pela primeira vez no **Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo**, em 1974. A revista **Omni (Publications International Ltd., New York)** em seu número de janeiro da corrente ano publica um trabalho de Tabitha Powledge (pág. 24) exatamente com o título **Pílula da paz (Peace Pill)**. O autor anuncia a descoberta realizada por cientistas holandeses de certa droga, denominada DU-27716, que seria capaz de refrear a agressão humana. Como se vê, portanto, um exemplo significativo: a ficção científica antecipando a realidade.

Rubens Scavone, escritor, professor universitário e Procurador da Justiça do Estado de São Paulo. Especialista em literatura anglo-americana é ainda autor de obras de ficção científica. Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, 1973. ★ Márcio Scavone, formado em fotografia e comunicações pela Ealing School of London. Manteve estúdio em Londres e atualmente atua em São Paulo. Realizou exposição individual no MASP, em 1982.



A Assembléia dissolveu-se. A imprensa vociferou ameaças. Logo mais os silos abriram-se, as ogivas ajustaram-se, as luzes de alerta cintilaram, os templos acolheram milhões, nas fimbrias da exosfera centenas de cometas deixaram seus rastros mortais. A pátria de John Luther Freeman ficou só, obstinada. Como prelúdio, a nação que exigira a fórmula pulverizou três cidades. As outras nações, que a secundaram na exigência, começaram a se

unir para a retaliação da pátria de Luther Freeman. Pois era a alternativa, a pílula correspondia ao sonho universal...

Depois disso, como trogloditas em cavernas, a equipe ainda lutava. Não se tratava agora de ocultar a droga da paz, mas de inventar a "pílula da guerra", que restabelecesse em seu povo a capacidade de destruir, de golpear o inimigo. Pois pela descoberta inicial essa faculdade há muito se extinguiu.

Nota da redação: o conto acima foi publicado pela primeira vez no *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, em 1976. A revista *Omní* (Publications International Ltda., New York) em seu número de janeiro do corrente ano publica um trabalho de Tabbitha Powledge (pág. 24) exatamente com o título *Pílula de paz* (Peace Pill). O autor anuncia a descoberta realizada por cientistas holandeses de certa droga, denominada DU-27716, que seria capaz de reprimir a agressão humana. Como se vê, portanto, um exemplo significativo: a ficção científica antecipando a realidade.

Rubens Scavone, escritor, professor universitário e Procurador da Justiça do Estado de São Paulo. Especialista em literatura anglo-americana é ainda autor de obras de ficção científica. Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, 1973. ✱ Márcio Scavone, formado em fotografia e comunicações pela Ealing School of London. Mantém estúdio em Londres e atualmente atua em São Paulo. Realizou exposição individual no MASP, em 1982.

MAL-ENTENDIDO

ORÍGENES LESSA

Os dois garotos brincam na praia. Um, branquinho, queimado de sol, os olhos claros, quase negro de tamanho sol toda manhã. O outro, negrinho retinto de avós na senzala, de família no morro. Os dois descem à praia diariamente. O primeiro, de um nono andar, apartamento de frente; tapete no chão, lustres de cristal de muitas bocas, orgia de espelhos nas paredes. O outro, de um morro qualquer, barraco de madeira com São Jorge enfeitado de flor, um "dois-dois" de barro pintado, vaso de arruda na porta. Os amigos se encontram à hora certa, camaradagem de pé na areia igualitária. O primeiro traz bola. O segundo traz jogo. O primeiro é bem nutrido, atestado vivo de que caldo de vitamina batido em liquidificador é mesmo bom. O segundo é fino e sujo, os dentes inexplicavelmente claros e fortes, o riso irreverente, a gaforinha de areia sempre renovada nas peles da praia. Paulinho chama-se um, porque o avô foi Paulo e com ele começou a fortuna da casa. O outro

chama-se Jorge, porque Ogum é padrinho.

Descem os dois todo dia. Quando Paulinho vem acompanhado pelos pais, Jorginho assiste, com um grave olhar de técnico aposentado, a pelada em que a censura familiar não deixa preto se meter. Quando Paulinho vem só com a empregada — e é quase sempre — nem é preciso pedir licença. Jorginho tem lugar seguro, que ele é o artilheiro-mor da vizinhança. E a pelada se prolonga. Por ele, a manhã toda, a tarde toda, a vida toda. Não tem escola, não tem compromissos. Amendoim torrado ele só vende é mesmo à noite, ora à porta do Rian, ora do Roxy. Mas ao fim de meia hora, de uma hora, a pelada vai-se desfazendo. Parentes e empregadas vêm recolher os futuros Garrinchas, os Pelés e Zagalos em formação. Paulinho fica mais tempo. E quando está só, ele e Jorginho descansam na areia. Inseparáveis na pelada — Paulinho arma o jogo, Jorginho apanha o couro e arremata de maneira inapelável — uma funda rivalidade os separa em

tudo mais. Nunca se entendem. Porque Paulinho é importante, Jorginho é coitado. Paulinho vai à escola à tarde, de Cadillac. Jorginho vende amendoim na boca da noite. Oito anos, Paulinho. Nove anos, Jorginho. Reconhecendo a superioridade incrível do negro, no bate-bola, reclamando a sua colaboração, garantidora de tentos, Paulinho se vinga depois. E com a sua falta de diplomacia, tão própria da idade, faz valer os seus títulos, para humilhar o companheiro.

— Tua casa tem tapete no chão?

Resposta negativa de Jorge.

— A minha tem. Até no quarto da empregada.

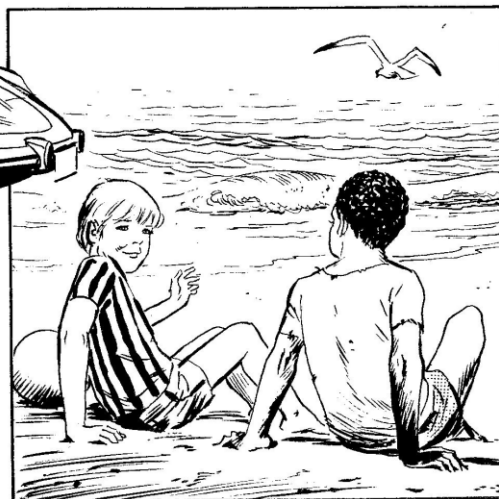
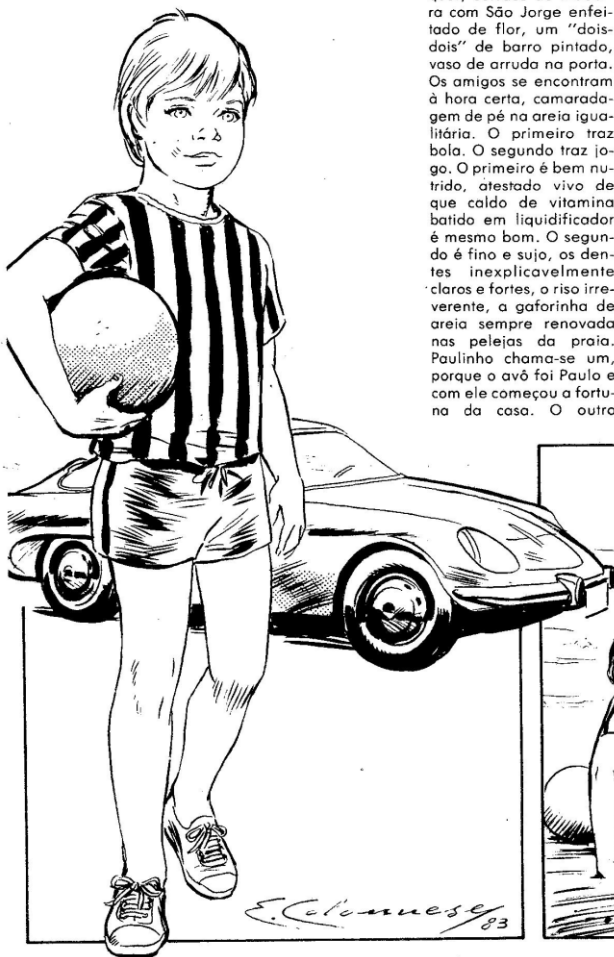
E continua:

— Tem lustre de cristal?

Jorginho pergunta o que é. Paulinho explica. Jorginho, não tem. Luz no seu barraco vem dos fífós. Um vidro de sal de fruta, o outro de Phymatosan.

— Teu pai tem sítio em Petrópolis?

— Não — responde sério Jorginho.



— O meu tem... Teu pai tem usina em Campos?

— Não.

— O meu tem.

— Teu pai tem iate?

— Não.

— O meu tem.

— Quantos apartamentos teu pai tem?

— Nenhum.

— O meu tem dez. Só em Copacabana. O resto é na Tijuca.

Jorginho baixa os olhos, acaricia o monte de areia que está juntando.

— Teu pai tem televisão?

Nos olhos de Jorginho passa uma nuvem de tristeza. Nem responde.

— O meu tem — informa Paulinho.

Apanha a bola molhada, procura limpá-la dos grãos de areia, pergunta de novo:

— Teu pai é deputado?

Jorginho não sabe o que seja aquilo, mas já diz que não, pelas dúvidas. Deve ser coisa importante.

— Teu pai tem automóvel?

Jorginho sorri tristemente, negando.

— O meu tem — diz novamente em triunfo o

garoto bem-nascido. — O meu tem. Um JK 61 que eu vou na escola, um 62 que ele vai pra cidade, o Oldsmobile da mamãe, a camioneta do sítio, pra gente ir pra Petrópolis.

Jorginho está completamente esmagado. Paulinho sorri, orgulhoso. E agora ele nem pergunta mais, apenas informa:

— O meu pai tem quarenta ternos de roupa, o teu não tem...

Jorginho sente-se o menor dos moleques do morro.

— O meu pai tem três casas de campo, o teu não tem!

Jorginho sente-se o menor dos moleques do Rio.

— O meu pai tem dez cavalos de corrida, aposto que o teu não tem!

Jorginho sente-se o menor dos moleques do Brasil.

— O meu pai tem mais de cem milhões de cruzeiros, garanto que o teu não tem!

Jorginho sente-se o menor dos moleques do mundo.

— O meu pai é amigo do Governador, o teu não é, pronto!

Jorginho sente-se o menor de todos os mortais.

Mas Paulinho ainda não está satisfeito.

— O meu pai tem retrato no jornal, o teu não tem, tá!

É quando Jorginho pula vitorioso. Dessa vez tem resposta. Retira do bolsinho do calção rasgado um pedaço amarrado de jornal. Exibe-o, peito cheio, orgulhoso no olhar.

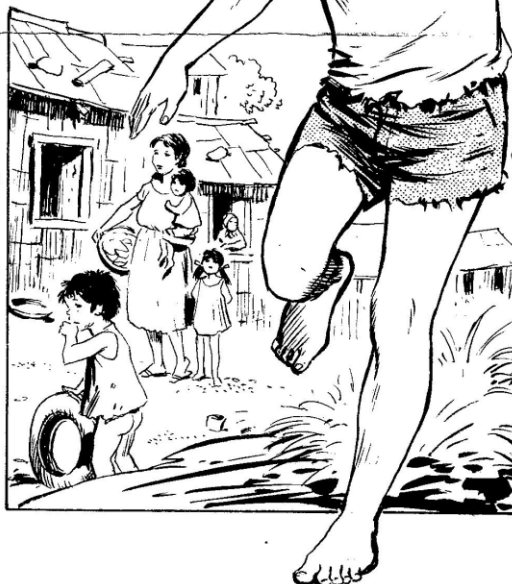
— Isso não! O meu também tem.

E em tom de desafio, irretorquível:

— Tu pensa que é só teu pai que é ladrão?

(1963, Zona Sul.)

Origenes Lessa, escritor e jornalista. Autor de *O Feijão e o Sonho*, *Belins*, *Homem do Mar* (contos) e *Evangelho de Lázaro* (romance). Várias obras sobre literatura infantil. Membro da Academia Brasileira de Letras. 34. Eugênio Colanese, desenhista, ilustrador, premiado com Medalha de Ouro de Ilustração, em Buenos Aires. Colaborador com *Insuvar*, da Fleetway Publications, Inglaterra.



SOLFIERI

ÁLVARES DE AZEVEDO

... Yet one kiss on your pale
clay
And those lips once so warm
— my heart! my heart.
BYRON, Cain.

SABEIS-LO, Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme o gosto a omásia, no leito da vendida se pendura o crucifixo lívido. É um requintar de gozo blasfemo, que mescla o sacrilégio à convulsão do amor, o beijo lascivo à embriaguez da crença!

Era em Roma. Uma noite a lua ia bela como vai ela no verão por aquele céu morno, o fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bela. Eu passeava a sós pela ponte de... As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se faziam ermas, e a lua de sonolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. — A face daquela mulher era como de uma estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas.

Eu me encostei à aresta de um palácio. A visão desapareceu no escuro da janela... e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melódica: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento à noite nos cemitérios, cantando a néquia das flores murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu ninguém: saiu. Eu seguí-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumiu-se no céu, e a chuva caía às gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão.

Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim ela parou: estávamos num campo.

Aqui, ali, além eram cruzes que se erguiam de entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo a criatura pálida não fora uma ilusão: as urzes, as cicutas do campo santo estavam quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquele sono dormido à chuva, causaram-me uma febre. No meu delírio passava e repassava aquela brancura de mulher, gemiam aqueles soluços, e todo aquele devaneio se perdia num canto suavíssimo...

Um ano depois voltei a Roma. Nos beijos das mulheres nada me saciou; no sono da sociedade me vinha aquela visão...

Uma noite, e após uma orgia, eu deixara dormida no leito dela a Condessa Barbara. Dei um último olhar àque-la forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. Saí. Não sei se a noite era límpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: os lábios daquela criatura eu beberei até a última gota de vinho do deleite...

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro cirios batiam num caixão entretanto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dela, naquela tez lívida e embaçada, o vi-drento dos olhos mal apertados... Era uma defunta!... e aqueles traços todos me lembraram uma idéia perdida...

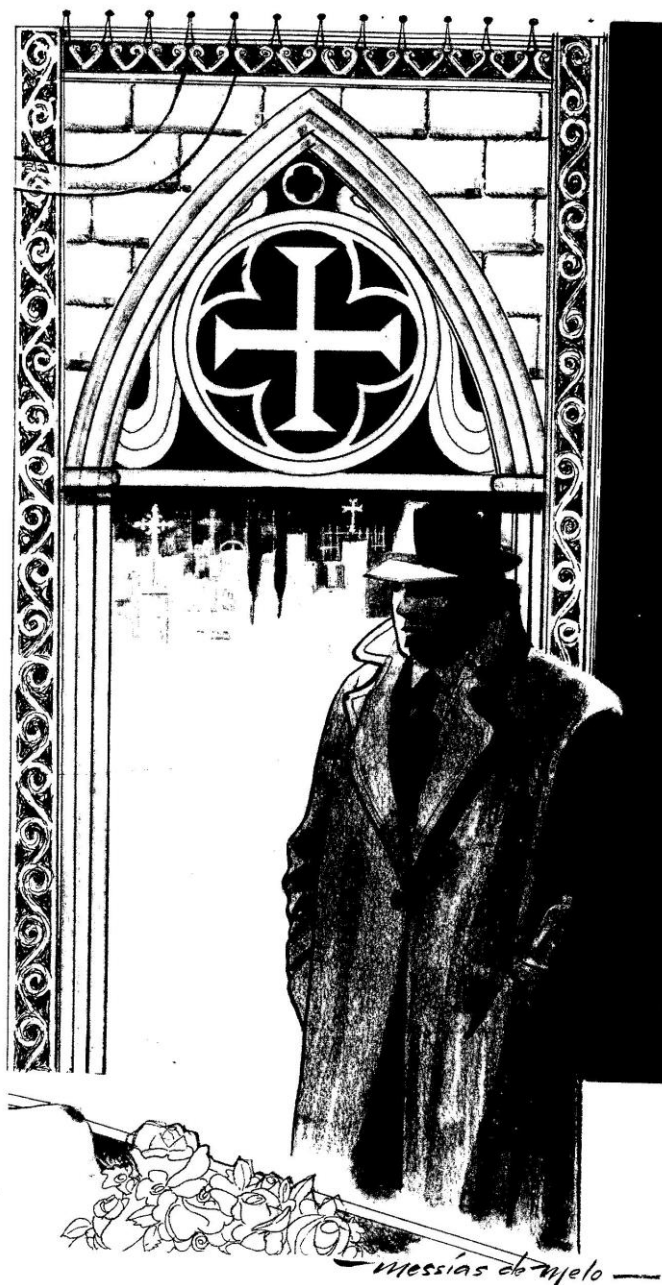
— Era o anjo do cemitério! Cerrei as portas da igreja, que, ignoro porque, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...

Sabeis a história de Maria Stuart degolada e do algoz, "do cadáver sem cabeça e do homem sem coração" como o conta Brantôme? — Foi uma idéia singular a que eu tive. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim: rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capa como a noiva os despe à noiva. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros dava-lhe aquela palidez de ambar que tustira os mármore antigos. O gozo foi ferveroso — cavei em perdição aquela vigília. A madrugada passava já frouxa nas janelas. Aquele calor de meu peito, a febre de meus lábios, à convulsão de meu amor, a donzela pálida parecia reanimar-se. Súbito abriu os olhos empanados. Luz sombria alumiu-os como a de uma estrela entre névoa, apertou-me em seus braços, um suspiro ondeou-lhe nos beijos azulados... Não era já a morte: era um desmaio. No aperto daquele abraço havia contudo alguma coisa de horrível. O leito de látego onde eu passara uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me daquele aperto do peito dela... Nesse instante ela acordou...

Nunca ouvistes falar da cataplepsia? É um pesadelo horrível aquele que gira ao acordado que empreadam num sepulcro; sonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos, e as faces banhadas de lágrimas alheias, sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar desmaiara. Embucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu





— messias do gelo —

sudário como uma criança. Ao aproximar-me da porta topei num corpo, abaixei-me, olhei: era algum coveiro do cemitério da igreja que aí dormia de ébrio, esquecido de fechar a porta...

Sai. Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

— Que levais aí?

A noite era muito alta: talvez me cressem um ladrão.

— É minha mulher que vai desmaiada...

— Uma mulher!... Mas essa roupa branca e longa? Serás acaso roubador de cadáveres?

Um guarda aproximou-se. Tocou-lhe a fronte: era fria.

— É uma defunta...

Cheguei meus lábios aos dela. Senti um bafejo morno.

— Era a vida ainda.

Vede, disse eu.

O guarda chegou-lhe os lábios: os beijos áspers roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo... o punhal já estava nu em minhas mãos frias...

Boa noite, moço, podes seguir, disse ele.

Caminhei. — Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo; e eu sentia que a moça ia despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem, corri com mais esforço...

Quando eu passei a porta ela acordou. O primeiro som que lhe saiu da boca foi um grito de medo.

Mal eu fechara a porta, bateram nela. Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavam da orgia. Reclamaram que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto, e abri.

Meio hora depois eu as deixava na sala bebendo ainda. A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausência.

Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insânia, e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dor o ouvi-la.

Dois dias e duas noites levou ela de febre assim... Não houve sanar-lhe aquele delírio, nem o rir do frenesi. Morreu depois de duas noites e dois dias de delírio.

A noite sai; fui ter com um estatúário que trabalhava perfeitamente em cera, e paguei-lhe uma estátua dessa virgem.

Quando o escultor saiu, levantei os tijolos de mármore de meu quarto, e com as mãos cavei aí um túmulo.

Tomiei-a então pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do sono eterno com o lençol de seu leito. Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele.

Um ano — noite a noite — dormi sobre as lajes que a cobriam... Um dia o estatúário me trouxe a sua obra. Paguei-lha e paguei o segredo...

Não te lembras, Bertram, de uma forma branca de mulher que entrevistes pelo véu

do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solfieri?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho queima assaz os lábios? quem pergunta o nome da prostituta com quem dormiu e sentiu morrer a seus belios, quando nem há dele mistar por escrever-lho na lousa?

Solfieri encheu uma taça e bebeu-a, la erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo?

— Pelo inferno que não! por meu pai que era conde e bandido, por minha mãe que era a bela Messalina das ruas, pela perdição que não! Desde que eu próprio calciei aquela mulher com meus pés na sua cova de terra, eu vo-la juro!

— guardei-lhe como amuleto a capela de defunta. Ei-la!

Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.

— Vades-la? murcha e seca como o crânio dela!

NR: A atualidade deste conto possibilitou ao ilustrador reproduzir o ambiente, imprimindo-lhe toques de modernidade, como se a narrativa transcorresse em nossa época.

Expoente máximo da literatura no gênero ultra-romântico, Álvares de Azevedo (SP, 1831-Rio, 1852) foi um poeta-cantor dos males do coração. Seguidor das idéias de Byron e Musset, levou ao clímax seu individualismo, reiterando desesperadamente a morte em seus poemas e narrativas. cursou Humanidades no Colégio Pedro II, no Rio, e Direito em São Paulo, atingindo somente o 4.º ano. Morreu aos 20 anos, não sendo reunido em livro sua obra *Uns dos Vinte Anos*. É autor de *Livro de Fra Gendário* e *Macário*. * Messias de Mello, pintor, ilustrador e cartunista. Participou do Fourth International Salon of Cartoons, em Montreal, Canadá. Grande Medalha de Ouro e Prêmio Aquisição no II Salão Nacional dos Jornalistas.

O SOFÁ

MAFRA CARBONIERI

-I-

O colchoeiro fez um sofá para vender. Era forrado de gobelino verde. Duas fileiras de botões pretos iam comprimindo o respaldo e o assento, até os braços, onde a cercadura de sutache dava ao sofá um jeito de roupão velho. No desenho do pano entrelaçavam-se uma flor e uma folha.

Sempre o encanador passava pela porta da loja e olhava o sofá, junto aos colchões. O colchoeiro cumprimentava-o com um dedo na testa. Os pés do sofá eram pretos.

O encanador acomodou-se pesadamente numa cadeira e o colchoeiro em outra. Seriam seis horas da tarde, a julgar pela porta de ferro descida ao meio. Bebera já o encanador quase uma garrafa de leite-de-camela, com salame. Pensou em cuspir a ponta do cigarro. Porém arrastou o sapatão, erguendo os olhos mareados. Era caro. O colchoeiro pôs as mãos na cabeça. Era barato. Disse uma explicação e abriu os braços. O encanador cruzou-os no peito, desconfiado. Depois coçou a barba de três dias. O colchoeiro esticou o dedo, esfregou-o na palma com aflição. O encanador virou-se de lado, sentindo no bolso de trás a chave de fenda e o ali-

cate. O colchoeiro ficou melindrado. Deu um passo e sentou-se no sofá. O encanador, fungando, jogou o cigarro no piso cimentado da loja. Comprou o sofá.

-II-

O carroceiro saltou da boléia. Desfez o nó. O encanador puxou a corda.

— Pegue pelos pés.

O sofá começou a descer os degraus escavados no barranco.

— Por aqui.

— Está escuro — disse o carroceiro.

A mulher do encanador veio enxugando as mãos no avental. O marido gritou:

— Acenda a luz.

A mulher ria com a gola da blusa na boca, o pescoço enviesado. Escandida a gengiva sem dentes. Foi e voltou depressa. Agora a luz da sala se derramava pela porta.

— Onde vai pôr?

— Perto do rádio.

la ficar o sofá perto do rádio. A casa teria três cômodos e um sofá. Da esquina até a ponte nenhuma casa tinha sofá.

— Então precisa empurrar a mesa — falou a mulher.

E numa decisão agitada correu para a sala, afastou a mesa, uma cadeira caiu.

Quando o carroceiro foi embora, o encanador e a mulher olharam o sofá.

-III-

Agarrando-se à cortina de crochê, no quarto, a filha doente da cabeça não queria passar do banheiro, com medo do sofá. Para disfarçar a perturbação o encanador riu da bobinha. Apertou o nariz com dois dedos, assoou-se, limpou a mão na calça de zarte. A mulher sentou-se rente ao braço, emocionada com o sutache.

— Uma trancinha.

Abriu as pernas, a saia afundou no meio, o gato apareceu na porta da rua. A mulher sentia-se proprietária.

— Venha.

O marido hesitava. Seria capaz de sujar o tecido verde. Depois ocupou a outra ponta. Tudo na vida só servia para sujar. Por hábito um se aproximou do outro. O gato subiu no sofá. Ninguém fez conta.

A bobinha dava uma volta pela sala de chão batido. Criou coragem.

— Ehl

Embora menina, já parecia mulher, as pernas se entortavam no andar, a cabeça grande fora raspada por causa dos pilhos. Três frangos de estimação dormiam com ela no catre. Como os outros meninos do bairro a bobinha garimpava no lixo e catava lepos* nas sarjetas do centro. Também deitava com seu androjo de carneiro no

água servida da rua, comia terra, carregava às costas um saco de estopa.

— Ehl

Babou um grunhido de admiração, entendendo que no pano havia flores verdes.

O encanador cotucou a mulher. Permaneciam sentados. Tinham trinta anos e um sofá. Eram velhos. Nos dois postes de madeira além da ponte uma faixa atravessava o caminho de lado a lado: "Estamos com o democrata Farid." Embaixo a água fedia.

A mulher não ia deixar ninguém se aproveitar do que era dela. Certamente viria o seu Monteiro, de camisa toda furada, arrastando o inchado da perna. Não sentaria no sofá. Seu Monteiro pregava a Bíblia a partir do terceiro martelo de pinga. A mulher de seu Monteiro, por uma doença nos olhos, ficava sempre com as pálpebras grudadas. Não sentaria. Os meninos unhavam na boca a ferida brava. Difícil seria conter a Veva Papuda. As negrinhas do Jerônimo passariam de largo. A menina das cabritas. A dona Alexandra. Ninguém sentaria.

-IV-

— Vamos comer — disse a mulher.

Na mesa da cozinha: cachaca, virado, caldo de osso e pão dormido.

Veva Papuda morava nos fundos. Sendo uma pobre de São Vicente de Paulo, de vez em quando recebia a visita dos confrades. Vinham os vicentinos com um pacote de macarrão, uma lata de margarina, um saquinho de arroz, um sabão, um embrulho de bolachas. Dinheiro não. Pois Veva Papuda bebia. Davam da porta, sem entrar no cômodo, vendo os percevejos no pescoço da pobre.

— Boa tarde, dona Genoveva. Melhorzinha?

Saía do catre um cheiro de urina mofada. Veva Papuda arranhava o papo. Antes de dobrar a esquina os confrades marcavam num papel as boas ações da semana. Missas ouvidas. Terços rezados. Pobres visitados. Enterros acompanhados.

A mulher do encanador negociava com Veva Papuda. Por uma garrafa de cachaca e um fumo de corda a pobre se desfazia da esmola.

O encanador chupou o copo. Veva Papuda enrolava a palha seca. A bobinha mastigava o virado. Junto ao fogão, enquanto removia os gravetos sobre a cinza e uma fagulha cintilava, a mulher do encanador enxergava o sofá na sala, forrado de sombra. A luz da cozinha se esticava a uma parte do respaldo, arrancando dali um brilho verde.

-V-

— Você viu?

— Um luxo.

— Não sei quem vai pagar.

Dona Alexandra disse:

— Vale mais um gosto. Nada se leva do mundo. Da porta viam o sofá.

— O homem ficou rico.

A mulher do encanador afogava o riso na gola.

— Antes fosse.

A bobinha descia o trilheiro do pasto com a menina das cabritas. Vinham falando alto. Seu Monteiro fechou o livro, sentou-se no degrau da escada, cuspiu a catarra da que um frango veio bicar. A voz da bobinha parecia molhada em baba.

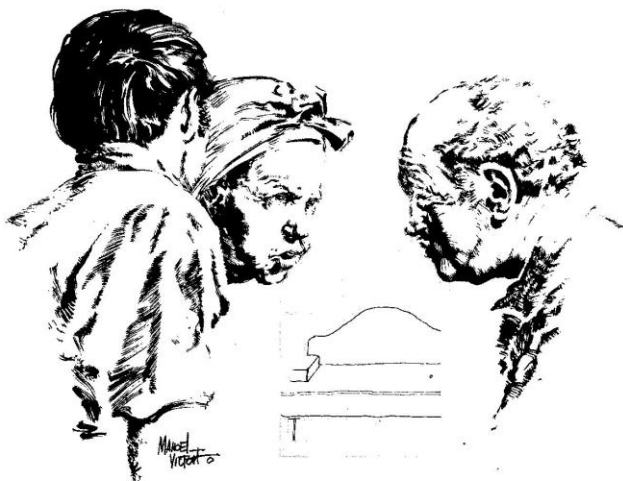
-VI-

Agora a bobinha reza no quarto, ajoelhada. Enroscando-se na cortina de crochê, interrompe a reza. Pega a faca de ponta, vai ao sofá e rasga uma flor verde do forro. Põe o farrapo aos pés do Jesusinho de gesso. Dá uma risada.

— Ave Maria. Cheia de graça. Ave Maria. Cheia de Graça. Amém.

A mulher do encanador bateu nas mãos da bobinha com o ferro de desentupir o ralo até quebrar-lhe os dedos. À tarde, vindo bêbado da rua e percebendo o acontecido, o encanador sovou a filha com o cabo da chave de fenda, e pisoteando-lhe as mãos, fez o sangue espirrar pelo cômodo.

Enquanto a bobinha urrava de dor, caída de





bruços no chão, os vizinhos fechavam portas e janelas. Seu Monteiro foi para a esquina, irritado.

— Acabou-se o sossego.

O vendedor de bilhetes ajelhou o corpo na muleta e sugeriu:

— Compre uma fração.

— Não gosto de ver a louca chorar.

— A inocente?

Seu Monteiro disse:

— O sofá durou pouco.

O colchoeiro explicou

que o remendo demoraria uma semana. Talvez uns dez dias. O médico prosseguiu:

— Gangrena. Será preciso amputar.

-VII-

Balançando a cabeça o delegado arrecadou o ferro de desentupir o ralo, a chave de fenda, o farrapo de gobelino e o Jesusinho de gesso.

Houve uma noite em que a bobinha levantou-

se do catre, agitando numa convulsão a rigidez do corpo, os braços envolvidos em gaze e esparadrapo.

— A minha mão. Pai. Eu quero a minha mão. Só uma. Só uma.

Tropeçou numa garrafa. O encanador virou-se na cama, resmungando. A mulher encolheu-se com o susto.

— Vá dormir.

A bobinha amanheceu morta.

Depois desse dia a mu-

lher do encanador passa as suas horas na margem do rio, amoldando no barro formas grotescas que lembram as mãos dum monstro.

E ficam ao sol, rachadas, mãos de barro seco.

-VIII-

Num sábado o carroceiro perguntou onde pôr o sofá.

*Lepos: toco de cigarro, na gíria estudantil.

Manoel Carbonieri, contista e poeta. Autor de poemas reunidos em *O Canto Fúrtivo* (Prêmio Governador do Estado - 1965). Contos em três volumes: *Os Gringos* (Prêmio Governador do Estado - 1967), *Arma e Bala* (1.º lugar no 5.º Concurso de Contos do Paraná - 1972) e *Homem Envasado* (Prêmio de Contos - 1973). Manoel Victor Filho, professor de desenho, pintor, ilustrador e programador visual. Ilustrou as obras infantis de Monteiro Lobato.

PERTURBADORA MISS DOLLY

MIROEL SILVEIRA

O DIFÍCIL ERA esperar os momentos em que o capitão ficava ocupado. Esses momentos eram raros. Responsabilidade ele tinha sobre o navio roncando pelo oceano afora, mas as tarefas estavam todas divididas, o que lhe restava mesmo era tomar conta de Miss Dolly.

Despreocupadamente, fingidamente, ele quase nunca se afastava mais do que alguns metros da cabina, e quando saía levava a chave. As horas menos perigosas eram ainda as das refeições, que ele, de resto, muitas vezes inventava de tomar lá mesmo, fechado a chave, com certeza para saborear mais ainda a companhia de Miss Dolly.

Mas, a bordo, isso não era proibido?

Era e é. Mas o capitão trazia Miss Dolly e pronto. A tripulação tinha inveja e ódio, mas nunca ninguém se lembrou de dar uma denúncia aos diretores da empresa de navegação. Aquelas viagens tão longas, intermináveis, o navio tão velho e cambaleante, arrastando-se como um asmático entre Santos e Cape Town, Cape Town e Aden, Aden e Colombo, Colombo e Cingapura, Cingapura e Sidney, Sidney e Auckland, Auckland e Samoa, Samoa e Taiti, Taiti e Guayaquil, e de lá novamente para um roteiro sempre incerto, demorado, ao sabor das cargas que outros barcos maiores e melhores não tivessem querido pegar...

O navio era pequeno, e chamava-se *Dolly*, refúgio de um grupo de barcos apreendidos na última guerra. Por isso a misteriosa criatura, confinada lá no camarote do capitão, chamava-se também *Miss Dolly*. Ninguém, a princípio, soubera que nome dar-lhe.

Miss Dolly soube. Era o único ser feminino do barco, essa perturbadora *Miss Dolly* que a crescendo na imaginação dos tripulantes com a força de uma criatura proibida e violentamente desejada.

Também não fora o acaso que reunira, naquele barco, aquela tripulação. Quase todos ali estavam por um processo natural de rejeição, sobre de outros lugares não merecidos. O capitão, por exemplo. Não tinha nenhum dos vícios habituais — a embriaguez, os tóxicos, a ganância — mas era um homem incontrolável. Não sabia dizer duas palavras sem subordinação que não fosse de serviço. Era seco, tenso, sofria de uma espécie de pobreza interior que o impedia de abrir-se com os demais, como se não suportasse o dispêndio da mínima parcela de esforço afetivo. Os outros — não eram muitos, a tripulação não chegava a vinte —, embora na aparência diferentes todos, tinham sempre um ponto em comum: paixão pelo indizível fascínio da mulher, criatura inatingível e incompreensível.

Um amor em cada porta?

A frase não servia para os tripulantes do *Dolly*. Quando desembarcavam, ainda flu-

tuando dos longos dias no mar, as poucas horas em terra não bastavam nunca para estabelecer um mínimo de relação humana com as vagabundas que encontravam. Era beber, beber e esconder dinheiro, dormir com a primeira que se ajeitasse, e depois enfrentar no dia seguinte a ressaca, o vazio dos gestos sem amor, e novamente a tentação de *Miss Dolly*.

Foi Cristóbal — um panamenho — o primeiro a localizar a perturbadora presença a bordo. A princípio guardou segredo, queria certificar-se. Observou, espiou cautelosamente o capitão, até que teve certeza: *Miss Dolly* entrara no navio oculta em certa mala enorme, que o capitão fiscalizava na hora de embarcar.

Aquela certeza foi um fermento desesperado no cérebro pequeno de Cristóbal. *Miss Dolly* latejava dia e noite em suas preocupações, afasava lembranças, concentrava tudo num eixo de atenção vertiginosa. Mas não podia revelar nada a ninguém. O capitão não podia saber que ele sabia. E os outros menos ainda. O capitão tratava de desembarcá-la assim que pudesse, e os outros iriam disputar-lhe a posse de *Miss Dolly*.

Só de pensar Cristóbal rangia os dentes, quando ficava de madrugada escondido num dos escaletres presos ao lado externo do convés. Dali podia observar sem ser visto o camarote do capitão, acompanhando com os olhos trêmulos na hora em que, às tantas da madrugada, saía para fiscalizar a rota e respirar um pouco. A porta, durante alguns segundos, ficava entreaberta deixando uma réstia palpitante de luz chamando na escuridão. Mas Cristóbal não podia entrar, podia só despejar pelos olhos ardentes aquele fogo que lhe secava a garganta e o obrigava a acudir com fúria o sexo dolorido.

Conseguiu, um dia, descobrir a chave igual à do camarote do capitão. Guardou-a o dia inteiro como um cachorro esconde o osso, rosnando. À noite parecia interminável — quando sabe o capitão não ia fazer a sua ronda costumeira e ele teria que ficar ali, se consumindo?

Mas de repente começou a ouvir os ruídos costumeiros que precediam o levantar do capitão — um pigarro, dois pigarros, a tossezinha do cachimbo e depois viu a luz se acender através da porta. Como seu coração pulava! Teve que abrir a boca como quem boceja, várias vezes, expirar tudo quanto tinha no pulmão e tentar um relaxamento geral dos músculos. Não adiantava. Era um toque-toque desbragado, de estourar as veias do pescoço.

O capitão saiu. Fechou como sempre a porta a chave, alhando cautelosamente em redor. Fez alguns passos — iria voltar? — não, continuou pelo corredor e sumiu na direção do castelo da proa.

Num segundo Cristóbal já estava fora do escaletre, e com

pernas que nem sentia chegava à porta do capitão — à porta de *Miss Dolly*. Enfiou precipitadamente a chave na fechadura — mas como fez barulho, por *Dios!* — e não se conteve, entrou estabonadamente no camarote iluminado. Em torno, nada. Lá no fundo, a porta menor que dava para a outra câmara. Não houve tempo para indecisões: avançou para a porta e tentou a maçaneta. Também fechada!

Ainda estava segurando a maçaneta, e movendo-a afiladamente em todos os sentidos, quando sentiu outra mão sobre a sua. *Por la Virgen, el capitán!*

Não era.

Sorrindo para ele com o mesmo nervosismo de tenso volúpia, o rosto queimado de Gustavo, o piloto sueco, se desmanchava em decepção e também se afastava do camarote afora em fuga precipitada.

Tiveram que dividir o segredo, que Gustavo descobria vigiando Cristóbal, como este vigiava o capitão. Quando o panamenho se ocultava, no escaletre, o sueco se deixava no chão, por baixo do barco, e acabava ouvindo as falanges solitárias com que Cristóbal enchia aquelas esperas pela madrugada.

— No viene... no sale el capitán! Y *Miss Dolly*... quiero verla, será una rubia, ya me doy cuenta!

Para que o segredo não se espalhasse, Gustavo exigiu que o panamenho lhe contasse detalhadamente tudo quanto sabia a respeito de *Miss Dolly* e de sua presença a bordo. A princípio Cristóbal relutou, não queria falar mas, de repente, começou a achar alívio em falar nela. Quando a decrevia, mentindo pormenores para o outro, era como se de certa forma o possuísse, pois o outro a ignorava por completo, e ele não, ele sabia como a criatura era, nem que fosse apenas por adivinhação.

As conversas prolongadas e arrepiadas de criaturas tão diferentes — o gorducho panamenho e o metálico sueco chamaram a atenção de muita gente, principalmente do cozinheiro, Ling-Fo-Shi-Nu, cujo nome em seu sutil idioma queria dizer Amanhecer Risonho. Amanhecer Risonho, marinheiro de tantas travessias, entendeu o princípio que a aproximação dos dois fosse como sempre acontecia nas viagens demoradas: após alguns dias de oceano, os campos de simpatia se delineavam, e dentro deles surgiram como que amizades da adolescência, cheias de romantismo — um quase namoro.

Viu, porém, que não era isso. Os dois conversavam, mas não se ouviam um ao outro. Cada qual falava, por sua vez, mas o olhar do que estava em silêncio andava longe, num caminho de delírio particular. Alguém baratinho? Não, que Amanhecer Risonho nesse assunto se entendia, fora frequentador de tantos casos

dos velhos portos chineses, quando ópio e mulher valiam menos que cachorro...

Conseguiu surpreender o duplo monólogo do panamenho e do sueco, e quase levou facadas de ambos ao segui-los sem que percebessem numa investida noturna à câmara de *Miss Dolly*. Tanto rumor fizeram, no susto e nas explicações, que, ao abandonarem precipitadamente o camarote, o capitão entreviu-os fugindo pelas sombras do deck.

No dia seguinte, esperaram punição, pois era bem possível que o dragão — o capitão — os tivesse identificado mesmo a distância. Mas não houve qualquer providência de ordem superior contra ninguém. Apenas, o zeloso guardião do Jardim das Delícias amanheceu ainda mais taciturno e ausente.

A princípio isso deixou os três aliviados do pavor, mas em seguida o panamenho, que era mestre em adivinhar as manobras do capitão, lembrou que aquele silêncio podia ser apenas um adiantamento por conveniência; até o porto seguinte, que era Bombaim, quatro dias depois. Quatro dias depois, por dizer, três noites depois apenas. Quase não havia tempo para mais nada. Amanhecer Risonho era o mais afilado, lembrava-se com nervosismo de um castigo que sofrera durante semanas ao ser abandonado numa das ilhas perdidas dos Fiji. Mais tarde reclamara em tribunal marítimo mas por aquelas bandas o lei que ainda imperava era o mesmo a do fato consumado, e tudo fora justificado como "insubordinação política".

Gustavo plorou a situação lembrando também que o capitão, antes de mais nada, certamente ia ter o cuidado de desembarcar *Miss Dolly* disfarçadamente, para não ter contra si, ao puni-los, uma infração altamente grave que o comprometesse. Então, iam ficar sem *Miss Dolly*? E ainda por cima ser castigados?

O barco avançava pesadamente no mar como um bicho salvando-se do óleo — suas patas pareciam cada vez mais molhadas e pegajosas. O calor era mais do que intolerável, era enlouquecedor para quem ousasse sair da sombra ou descer aos porões. A tripulação se desmanchava pelo convés superior, procurando nos instantes de folga os raros pontos em que não havia sol e um pouco de brisa ilusória arrefecia a temperatura. De vez em quando um homem das máquinas subia com os olhos arregalados, como se viesse diretamente dos fornos do inferno, e ficava longo tempo estupidificado, sem enxergar nada, na tarefa difícil de sentir o ar nos pulmões.

Foi impossível, naquela situação e com aquele desespero geral, agravado pelo particular desvario dos três, manter oculto o segredo de *Miss Dolly*. Quando Cristóbal percebeu, estava argumentando com o imediato, como se ele

já soubesse há longo tempo da situação:

— *Nosotros acá nos muriendo, y ese perro miserable con Miss Dolly oculta en su cuarto!*

A notícia pareceu maravilhosa ao imediato, que há tanto tempo esperava um motivo concreto para diminuir o acesso ao posto superior. Traçou de espalhá-la com rapidez, acrescentando alguns detalhes ocluidores sobre os encantos de *Miss Dolly*. Logo a novidade tomou conta do navio, já não era mais propriedade de Cristóbal, nem de Gustavo, nem de Amanhecer Risonho, nem de ninguém: parecia explicar tudo — o calor exasperante, a fome de sexo, a frustração que as mulheres traziam sempre, e para a qual haviam buscado o desesperado remédio de embarcar.

Ao chegar a noite a situação estava completamente definida: de um lado, o capitão e sua egotisticamente possuída *Miss Dolly*. Do outro, quase vinte homens em jejum, dispostos a tudo. Sabiam o que queriam, mas ainda não tinham decidido como obter o que desejavam. Mesmo depois de socados os quatro de recolher, as sombras dos homens se esgueiravam pelas decks numa interminável discussão. O objetivo era *Miss Dolly*, mas alguns queriam simplesmente possuí-la, outros evitar que saísse de bordo, outros ainda que o capitão se obrigasse a partilhá-la entre todos.

As idéias mais insensatas foram discutidas como se não o fossem, até que o bom senso e a expertise de Amanhecer Risonho descobriu o caminho que a todos pareceu o melhor: narcotizar o capitão.

Mas de que maneira?

Dois tentativas falharam, porque o capitão como que andava desconfiado, disfarçadamente cheirava e provava tudo antes de comer. Na terceira, porém — o prato era peixe com um molho violento de *curry*, e o gosto ativo do tempero indiano tornava a droga indetectável —, a tensão crescia em cada tripulante à medida que o capitão ia liquidando o prato, garfada a garfada.

Que interminável espera, aquela, até que o prato de carne fosse deglutido, e depois a sobremesa, e depois o cachimbo aromático principiasse a espalhar novas sugestões sensuais pelo refetório!...

Quando o cachimbo terminou, em vez de levantar-se rapidamente e retornar à sua cabina, como era usual, o capitão se atordou à mesa, remanchou, bocejou, segurou o queixo com as mãos, acendeu novo cachimbo, que se pôs a fumar como se o fumo fosse a erva, anestesiado. De repente, seu olhar que adormecia fuzilou. Uma desconfiada instantânea tomou conta de sua entorpecida inteligência, fazendo-o levar a mão ao bolso traseiro da calça, à procura de arma. Não tinha trazido nada consigo, deixara tudo no



camarote! Olhando em torno enraivecida, como um animal ferido, levantou-se e tentou correr para cima, para a salvação de Miss Dolly: as pernas já não respondiam, e quatro passos depois rolava ao chão como bêbado. Ergueu-se pela metade. Fitou um por um todos os que o cercavam, e não o ajudavam. Compreendeu. Fez esforços desesperados e conseguiu arrastar-se mais alguns metros, até que não pôde mais e encostou-se ao lambris do salão. Miss Dolly, Miss Dolly, agora quem te poderia salvar?

Já não tinha voz para responder, o capitão, mas antes de agir o imediato falou, falou enquanto o arrastava para cima, para a cabina de comando:

— Quero ver, seu miserável, se quando acordar direito você vai ter coragem de levar este caso aos tribunais marítimos! Com que direito, seu sujo, se você é que violou todas as leis, todos os regulamentos?

E Cristóbal, e Gustav, e Amanhecer Risonho extravasavam velhos recalques:

— Uma lei para si, outra para os outros!

— Por que não me deixaste

também a mim, traíste-me a mim?

— Todos morrendo assados no fogo, e ele com Miss Dolly! Puseram-na no camarote, sentada numa poltrona, para que visse tudo. Ele adormecia, caía-lhe a cabeça sem forças, mas quando a erguia, os olhos esmaecidos e remotos continuavam abertos — última trincheira de sua perdida batalha para salvar Miss Dolly.

Foi horrível. Primeiro o imediato quis impor uma ordem de hierarquia, mas Cristóbal e Gustav não se conformaram: tinham descoberto Miss Dolly antes, e isso é que devia ser levado em conta. Tentaram a solução dos dados, mas os outros marinheiros não concordaram em não participar: se a sorte é que iria decidir, então que disputassem todos!

Enquanto isso corria o rum, tomava-se aguardente. O capitão — cabeceava, semi-inconsciente, crispado em seu perdido esforço de recuperar domínio sobre si mesmo. E a porta que dava para o esconderijo de Miss Dolly permanecia fechada...

Foi horrível, o que presenciou dali por diante o capitão, em sua angústia de estar próximo ao que o narcótico lhe

deixava perceber apenas como se estivesse muito longe, condenado a um pesadelo indizível!

A bebida fora gradativamente anulando as barreiras de medo que a hierarquia impunha e, pouco a pouco, um marinheiro discutia com Gustav, outro desafiava o imediato, e Amanhecer Risonho já não conseguia mais entender-se com Cristóbal. Um punhal luziu. Palavrões explodiram, ninguém poderia saber quem deu o primeiro murro, e muito menos o último. Foi arrombada a portinha e chave de fenda a porta do esconderijo, e Miss Dolly veio para o tumulto arrastada. Logo correu sangue, e a vista do sangue pareceu embriagar mais a tripulação desatinada. Miss Dolly já não era mais o prêmio por que lutavam, mas a luta em si mesma é que lhes trazia uma feroz satisfação, um gosto de liberdade. Abaixo o capitão, abaixo o imediato, abaixo a escravidão à mulher!

Quando, horas depois, terminou tudo, o navio ainda cambaleava, trêpego em sua marcha reduzida, sem ninguém ao leme. O capitão já estava desperto, o único verdadeiramente, dolorosamente desperto. No meio da ba-

terna, alguém sem querer ou por querer havia cortado os amarras que o prendiam à poltrona.

Levantou-se estonteado, e procurou Miss Dolly, que havia sido arrastada para fora. Com o coração apertado, encontrou-a amontada debaixo da escada para o deck superior, rodeada de marinheiros bêbados de álcool, violência e orgasmos. Ao vê-la destruída, despedaçada como uma vítima que tivesse sido amarrada pelos membros a quatro cavalos postos a galopar em sentidos contrários, percebeu vertiginosamente que morria com ela a parte maior do seu ser, aquele seu coração fechado e dolorido que mulher nenhuma conseguira amorosamente afogar, nem mesmo sua mãe, ah! sua mãe tão dura e rígida em seus princípios que eram apenas medo de viver. Acabara Miss Dolly, e com ela acabara também sua última forma de sonhar.

Recolheu todos aqueles pedaços violentados — estavam hediondas as partes que permitiam calefação adequada! — e subiu como um autômato para o deck superior. Num gesto que também o arrastava junto, lançou-os ao mar oleo-

so, cinzento, opaco, e deu-lhe as costas para não ver. Mas um marinheiro que ainda não dormia de todo gravou para sempre o que seus olhos viam — os destroços de Miss Dolly subirem à tona, flutuarem não somente porque fossem de borracha ou de plástico, mas porque talvez seja condenação dos mitos sobreviverem à própria destruição.

Mircea Silveira, autor teatral, com prêmios do TBC, pelas suas peças *O Milagre dos Milagres* e *A Divina Pergunta*. Adaptou para a televisão *A Muralha* e para o cinema *Símbo*, *o Coelho*. Prêmio Ruy Guerra, Professor universitário (USP). ★ Aldemir Martins, Prêmio Bienal São Paulo e de Melhor Desenhista da Bienal de Veneza. Prêmio Ruy Guerra, 1982.

QUINA DA TORMENTA

LEONARDO ARROYO

JOÃO

Ela tem o mesmo rosto de sábado, as olheiras marcando fundo o círculo dos olhos. Só que está mais tranqüila. Mas o rosto ainda é o mesmo e o arranhão da face esquerda sobressai mais nítido na palidez que tomou todo o corpo. Ela não pode falar, não pode dizer que não, que não quer casar comigo. Se eu lhe falar agora, que ela não pode negar, talvez aceite e se case comigo e então nós dois vamos morar na casa número 4, onde há duas salas e a cozinha, e está vago. Eu iria para a fábrica logo de manhãzinha e ela ficaria arrumando a casa até que viessem os filhos. Então ela teria de trabalhar, porque as despesas aumentariam. Mas o trabalho para as mulheres na fábrica é leve, embora mal pago, e pouco seria prejudicado. Podia engordar mais facilmente até, as pernas inchando, porque as mulheres grávidas são poupadas. Conheço uma que, na fábrica de tecidos, ficava por ali apanhando os fios com a ponta de um pau. Quando estava cansada, sentava-se e ficava muito quieta olhando para as máquinas. Vinha o chefe da seção e lhe perguntava se não queria ir embora... que não, que era um cansaço passageiro, uma dor pequena nas pernas. Mas eu acho que toda essa facilidade escondia alguma sujeira, a fábrica poupava as mulheres grávidas, mas não deixava de explorar elas. Depois nasceria o filho e ia para a creche da fábrica.

Mas tudo isso não foi possível. Ela está aí, tranqüila, imóvel, dentro do caixão branco, cercado de velas. O pai, a mãe, olham para ela sem palavras, também tranqüilos. Todos perderam a voz, como a morta. Só José, perto da porta, fumando muito, como um desgraçado, não está tranqüilo. Mexe os pés no cimento, eu percebo daqui o ruído que ele faz com os pés enormes. Por que não para quieto? E por que não acaba de fumar de uma vez?

MÃE

Eu me lembro ainda quando ela era criança, pequena e viva. Tinha os cabelos compridos, lisos, pretos, e não dava trabalho nenhum. Só ela nascera. Os outros nem chegavam a nascer porque morriam antes de viver. Fiz, pela última vez, uma promessa desesperada, e ela, pequenina, aos poucos como uma árvore, vingara forte. Agora aí está, deitada, dormindo como os outros — Joãozinho, Miguel, Maria... Ah, aqueles já foram dormir há muito tempo. Bem, dormir não é exatamente o que eu estou pensando. O padre disse que tem um céu, para lá vão os puros. Joãozinho,

Miguel e Maria estão no céu, brincando entre nuvens. Clarimunda também vai para o céu, virgem que ela era, que não casaria, isso não, que era promessa feita a Nossa Senhora do Bom Parto.

Clarimunda cresceu como o abacateiro, sem dar trabalho até os dezessete anos. Mas então aconteceu alguma coisa que eu não compreendo. De repente ficou triste e vivia pelos cantos, de olhos baixos. Andava, de noite, pelo cortiço, como alma penada. Agora, sim, compreendo. Ela andava penando, penando. Mas, o quê? Bem, vou chorar por causa disso. Não devo chorar, ninguém está chorando. Vou trocar a vela que está quase no fim e beijar Clarimunda na face, tão pura, tão virgem que o padre disse para levá-la num caixão branco... Miguel morreu roxinho... Clarimunda está branca... Cadê o pai?

JOSÉ

Ela tinha medo de se encontrar comigo nos cantos do cortiço. Dizia que alguém podia ver, alguém podia ir contar para a mãe, que o pai não fazia questão, que era um coitão, um lesma. Ela tinha medo, engraçado, mas vinha e então era aquilo...

— Você me quer sempre, José?

— Eu quero. Por quê?

— Não me largue agora, José.

Ela corria os olhos pelos cantos do cortiço, cheio de sombras. Não havia ninguém lá, todo o mundo dormia cado e cansado. Não havia. Mas depois que eu agarrava ela e apertava ela, Clarimunda, de olhos enxutos, não tinha medo. Ficava mole e tremendo, com as pernas bambas, o vestido levantado até o barriga, respirando alto. Depois ela dizia:

— Não me largue agora, José.

Clarimunda, afinal, foi quem me abandonou, depois do nosso encontro, sábado, no canto do cortiço. Mas, como podia eu saber que tudo isso ia acontecer?

PAI

Não tem um céu para as moças? Tem. Então Clarimunda está no céu, embora ela esteja no caixão branco rodeado de velas. A mãe está lá, trocando uma vela e beijando a menina no rosto, com lágrimas nos olhos. João, José, a mãe, todos olham para ela, em silêncio. Os outros já se foram há muito tempo. Que horas são? O galo cantou e então não deve tardar o dia. O enterro vai ser de manhã. Mas a mãe, eu sempre disse, não deveria fazer aquela promessa. Onde se viu prometer conservar a filha, se vivesse,

sempre solteira e virgem? Quem é que fica virgem no mundo, eh? Ela estava louca, mas no fundo acho que tinha razão. Nossa Senhora do Bom Parto protegera a menina que cresceu forte e bonita. Tão bonita. Não puxou do pai nem da mãe. Ainda na última semana fiquei a olhar para Clarimunda, na sala, de tarde, enquanto chovia... Me lembro.

— Que é, pai?

— Hein?

— Que é que está olhando para mim?

— Eu?

E Clarimunda ficou atrapalhada. Deu um jeito no vestido e soltou-o sobre a barriga, formando largas pregas. Mas, eu pergunto: de que valeu a promessa se ela aí está, para sempre, sem vida?

MÃE

Está no fim esta vela. Preciso trocá-la. Onde puseram o maço de velas? Ah, está aqui. Muitas vezes as coisas parecem perdidas e estão debaixo do nosso nariz. Tem graça. As moças não deixam Clarimunda sossegada. Que acontece quando a gente morre? Será que alguma coisa continua? Eis aí uma questão difícil. Morrer? Não, isso não é morrer. Morrer é como o filho do seu Pedro, que ficou esmagado sob as rodas do caminhão, na rua. Isso sim é que é morrer. Mas, assim como Clarimunda, é dormir. Dormir... se ela respirasse então seria mesmo dormir. Mas não respira, meu Deus! Eh, vou enxugar as lágrimas, que os outros estão me olhando. Se começo a chorar talvez assuste Clarimunda, tão bonita assim, tão tranqüila. Pai está quieto e me lembro que ele nunca concordou com a promessa. Mas, que podia eu fazer? A vida é assim mesmo. Se eu não fizesse a promessa Clarimunda não viveria. Mas... então? Por que vou chorar? Clarimunda, Clarimunda, como você dorme bonito e como você sempre foi pura. Ah, vou beijar você Clarimunda, minha filha!

JOÃO

— Quanta gente na igreja, Clarimunda!

— É mesmo, João...

E saíamos da igreja, ela de branco, eu também de branco, que bonito! Olho-a com ternura, apertando-lhe a mão, louca para lá logo sem reservas, nem cuidado. Como seria? Deveria chorar, coitadinha, tão pura e tão frágil. Mas eu lá estava, forte como uma pedra de granito, para tentá-la com as mãos e com os braços, afastando longe o medo e trazendo para perto o prazer. Eh, vejo José fumando, fumando e arrastando os pés. José não está tranqüilo. E

por que José veio passar a noite aqui? Vou perguntar para ele. Sinto que há alguma coisa em tudo isso. Posso deixar a cadeira e olhar para Clarimunda, rodeada de velas. Ela está bonita e José fumando, fumando.

Olho para ele. Ele tem cara de quem sofre. Mas, devo mesmo perguntar? Pai e mãe olham para mim, me seguem espantados. Agora estou de pé. José está com o cigarro na boca e abriu os olhos vermelhos, grandes, como os de um fuguista, para o meu rosto. Chego perto dele e digo:

— Eh, José, então?

Ele não se mexe. Não tira o cigarro da boca. Brilham os olhos vermelhos, ah, não de fuguista mas de coelho, e susurra entre os dentes para o meu rosto...

— Bandido!

PAI

João se levantou e foi para perto de José. Eu não conheço eles muito bem. Me parecem estranhos. Mas por que Clarimunda teria ajeitado o vestido em pregas naquela noite?

MÃE

Clarimunda não sentiu o beijo que lhe dei. Ela está branca, perdeu muito sangue, coitada. Eu bem lhe disse que tomasse cuidado, que essas coisas de moças eram assim mesmo, mas precisavam de muito cuidado. Não se anda de pé no chão e nem se toma sorvete. Engraçado, sorvete gelado, face branca. Mas, o que quer João? Vai falar com José. José está inquieto, fumando, o cigarro nos lábios. Não posso ouvir o que João está dizendo... De manhã é o enterro, Clarimunda. Meu Deus, vou fazer café para os homens...

JOSÉ

Esse homem gosta de Clarimunda, está se vendo. Eu bem sabia, mas, que importava se Clarimunda era só minha? As mulheres devem ser de alguém e alguém tem que ter tudo. Foi de noite, no canto do cortiço, que ela me disse aquilo. Aquilo era a sua perdição. E eu lhe disse:

— Clarimunda, vou falar com D. Vevo. Ela arranja tudo isso.

— Eu tenho medo. Será que não vai me fazer sofrer?

— Não, eu lhe disse. Não vai sofrer. Precisa pôr uma sonda e sai tudo. Vai ficar sem nada... e ninguém perceberá qualquer coisa.

Ela foi e voltou para a cama. Não a vi. Então, ontem correu a notícia de que a moça da casa número 2 havia morrido. Sempre a gente morre. Eu vim ver. Clarimunda estava na cama, coberta com um lençol branco e João lá estava, de olhos parados,

olhando para o corpo adormecido, que ele não conhecia, isso não! Mas, que quer esse homem? Levanta-se e vem para o meu lado, com um ar de besta. Olho-o fixamente, me doem os olhos...

— Eh, José, então? a voz dele pergunta.

A voz dele é dura e me machuca os ouvidos, como uma martelada. Sinto os meus olhos brilharem e digo entre os dentes:

— Bandido!

PAI

Mulher é sempre atrapalhada. Mãe saiu da sala e deixou a menina sozinha. João e José estão lá perto da porta. José sentado, o cigarro na boca, olhando terrível para João. João está de pé, meio inclinado. Estão jogando a sério. Que querem eles? Amanhã já vou para a fábrica, que não posso perder mais dias. Vou ficar velha, ninguém percebe isso, eh, Clarimunda podia ter casado, dado filhos e eu então teria um neto. Havia de ser bom... bom... espere! Por



que Clarimunda ajeitou o vestido em pregos?

JOÃO

Me chamou de bandido aqui, perto de Clarimunda. Isso eu não posso suportar. Os olhos dele parecem duas brasas e o cigarro se queima sozinho. Por que ele não fala? E por que eu não falo também? Olhos de coelho. Ah, não podemos acordar Clarimunda, lá no caixão branco que é a sua pureza. José está me puxando, puxando. Eu sei que vou precisar chamar ele para o pátio do cortiço. Eu sinto que vou chamar ele para a rua...

— Eh, José, vamos lá fora.

Minha voz não é minha voz. Sou como a de um estranho que estivesse sendo estrangulado.

JOSÉ

Vai acontecer alguma coisa. O cigarro está me fazendo arder os olhos e esse homem, João, não sai daqui. Está inclinado para mim, numa provocação que eu vou aceitar. Que importa? Clarimunda não

se importa, também, dentro do seu caixão branco. Branco, branco, de pureza... Mas, cadê pureza? Ele vai falar, eu sinto. Vejo seus lábios tremem, tentar falar. Mas, agora, falou, como se as palavras doessem:

— Eh, José, vamos lá fora.

Eu me levanto. O cigarro me faz arder os olhos. Eu me levanto, sem olhar João, e vou lá fora, no pátio do cortiço... que será que vai acontecer?

MÃE

Ué! Só o pai está aí olhando para Clarimunda. João e José saíram daqui. Que vou fazer do café? Apagou uma vela. Vou acendê-la. Mas, onde foram aqueles homens? Deixo o café aqui, na mesa, perto do caixão branco, branco, puro como Clarimunda. De manhã será o enterro... Olha aí, já estão fazendo barulho no cortiço. Será gente para o enterro? Não, isso não é barulho de gente, assim tão abafado. Esse ruído de cabeças batendo em paredes. Gente não geme

assim abafado, como se duas pessoas juntas, agarradas uma na outra, estivessem pedindo socorro. Deve ser outra coisa. Espera, estão arrastando os pés lá fora, com ruídos sufocados. Agora batem nas paredes coisas moles... mas, que é isso?

PAI

Mãe entrou com a bandeja, as xicaras, o café. Para quê? Eles estão lá fora, no pátio do cortiço. Não devem estar fazendo coisa boa agora no escuro. Eh, esse barulho, que será? Não é boa coisa... isso não... mas por que Clarimunda ajeitou o vestido em pregos? Estou ficando velho e sem netos. Bem, amanhã vou voltar para a fábrica, depois do enterro. Essa gente é capaz de mexer no meu ordenado, nem respeitará Clarimunda. Eles vão me perguntar de que morreu Clarimunda... sei lá! Mas esse barulho lá fora está me deixando doido. São eles, são eles... Eu vou gritar, sinto que vou gritar:

— São eles, mãe!

MÃE

Machucaram-me os ouvidos. Pai gritou. Está ficando maluco e, desse jeito, pode acordar a menina. Doido e besta também. Gritando, Clarimunda, pura, pura, gente infeliz. Os gritos dele me fazem doer os ouvidos:

— São eles, mãe!

— Eles, quem? a minha voz é alta.

— João e José!

— Hein?

— João e José!

— Hein?

Leonardo Arroyo, escritor, jornalista e ensaísta. Autor de livros de contos (*Viagem para Málaga*, *Absoluto e o Rei*) e trabalhos sobre História. ✱ Armando Moura, desenhista, ilustrador e diretor de arte de agências de publicidade.



ARMANDO MOURA 83

O JARDINEIRO TIMÓTEO

MONTEIRO LOBATO

O casarão da fazenda era ao jeito das velhas moradias: — frente com varanda, uma ala e pórtico intergo. Neste ficava o jardim, também à moda antiga, cheio de plantas antigas cujas flores punham no ar um saudoso perfume d'antanho. Quarenta anos havia que lhe zelava dos canteiros o bom Timóteo, um preto branco por dentro. Timóteo o plantou quando a fazenda se abria e a casa ainda cheirava reboco fresco e tintas d'óleo recentes; e desde aí — lá se iam quarenta anos — ninguém mais teve licença de pôr a mão em "seu jardim".

Verdadeiro poeta, o bom Timóteo.

Não desses que fazem versos, mas dos que sentem a poesia sutil das coisas. Compusera, sem o sa-

bel, um maravilhoso poema onde cada plantinha era um verso que só ele conhecia, verso vivo, risonho ao refletir anualmente a primavera, desmedrada e sofrido quando junho sibilava no ar os látegos do frio. O jardim tornara-se a memória viva da casa. Tudo nele correspondia a uma significação familiar de suave encanto, e assim foi desde o começo, ao riscarem-se os canteiros na terra virgem ainda rescedente à escavação. O canteiro principal consagrava-o Timóteo ao "Sinhô-velho", tronco da estirpe e generoso amigo que lhe dera carta d'alforria muito antes da Lei Áurea. Nasceu feio e bonito, cercado de tijolos novos vindos do forno para ali ainda quentes, e embutidos no chão como rude círculo de coral; hoje, semides-

feitos pela usura do tempo e tão tenros que a unha os penetra, esses tijolos esverdecem nos musgos da velhice.

Veludo de muro velho, é como chama Timóteo a essa muscinea invasora, filha da sombra e da umidade. E é bem isso, porque o musgo foge sempre aos muros secos, vidrentos, estofeados de sol, para estender devagarinho o seu veludo prenunciador de tapete sobre os muros alquebrados, de emboço já carcomido e todo aberto em fendas.

Bem no centro erguia-se um nodoso pé de jasmim-do-cabo, de galhos negros e copa dominante, ao qual o zeloso guardião nunca permitiu que outra planta sobreexcedesse em altura. Simbolizava o homem que a havia comprado por dois contos de réis,

dum importador de escravos de Angola.

— Tenha paciência, minha negra! — conversava ele com as roseiras de setembro, teimosas em espichar para o céu brotos audazes. Tenha paciência, que aqui ninguém olha de cima para o Sinhô-velho.

E sua tesoura afiada punha abaixo, sem dó, todos os rebentos temerários.

Cercando o jasmineiro havia uma coroa de periquitos, e outra menor de cravinas. Mais nada.

Ele era homem simples, pouco amigo de complicações. Que fique ali sozinho com o periquito e as irmãs do cravo.

Dos outros canteiros dois eram em forma de coração.

Este é o de Sinhazinha; e como ele um dia há de casar, fica a par dele o canteiro do Sinhô-moço.

O canteiro de Sinhazinha era de todos o mais alegre, dando bem a imagem de um coração de mulher rico de todas as flores do sentimento. Sempre risonho, tinha a propriedade de prender os olhos de quantos penetravam no jardim. Tal qual a moça, que desde menina se habituara a monopolizar os corações da família e a dedicação dos escravos, chegando esta a ponto de, ao sobrevir a Lei Áurea, nenhum ter ânimo de afastar-se da fazenda. Emancipação? Loucura! Quem, uma vez cativo de Sinhazinha, podia jamais romper as algemas da doce escravidão?

Assim ela na família, assim o seu canteiro entre os demais. Livro aberto, símbolo vivo, crônica vegetal, dizia pela boca das flores toda a sua vidinha de moça. O pé de flor-de-noiva, primeira "planta séria" ali brotada, marcou o dia em que foi pedida em casamento. Até então só vicejavam nele flores alegres de criança: — esporinhas, bocas-de-leão, "borboletas", ou flores amáveis da adolescência — amores-perfeitos, damas-entre-verdes, beliz-de-frade, escovinhas, mi-só-lis.

Quando lhe nasceu, entre dores, o primeiro filho, plantou Timóteo os primeiros tufo de violeta.

— Começa a sofrer...

E no dia em que lhe morreu esse malogrado botãozinho de carne rósea, o jardineiro, em lágrimas, ficou na terra os primeiros goivos e as primeiras saudades. E fez ainda outras substituições: as alegres damas-entre-verdes cederam o lugar aos suspiros roxos, e a sempre-viva foi para o canto onde viviam as ridentes bocas-de-leão.

Já o canteiro do Sinhô-moço revelava intenções simbólicas de energia. Cravos vermelhos em quantidade, roseiras fortes, ouricadas de espinhos; palmas-d'asiano-rito, de folhas laminadas; junquinhos nervosos.

E tudo mais assim.

Timóteo compunha os anais vivos da família, anotando nos canteiros, um por um, todos os fatos de alguma significação. Depois, exagerando, fez do jardim um canchinho de notas, o verdadeiro diário da fazenda. Registrava tudo. Incidentes corriqueiros, pequeninas rusgas de cozinha, um lembrete azedo dos patrões, um namoro de mucama, um hóspede, uma geada mais forte, um cavalo de estimação que morria — tudo memorava ele, com hieróglifos vegetais, em seu jardim maravilhoso.

A hospedagem de certa família do Rio — pai, mãe e três sape-

quíssimas filhas — lá ficou assinalada por cinco pés de ora-pro-nóbis. E a venda do pampo calçado, o melhor cavalo das redondezas, teve a mudança de dono marcada pela poda dum galhinho jasmineiro.

Além desta comemoração anedótica, o jardim consagrava uma planta a cada subalterno ou animal doméstico. Havia a roseirachá da mucama de Sinhazinha; o sangue-de-odão do Tibúrcio; a rosa-maxixe da mulatinha Cesária, sirigaita enredada, de cara fuchicada como essa flor. O Vinagre, o Meteoro, a Mangerona, a Teléia, todos os cães que na fazenda nasceram e morreram, ali estavam lembrados pelo seu pedinho de flor, um resedá, um tufo de violetas, uma touça de perequêtas. O cão mais inteligente do caso, Otelo, morto hidrófobo, teve as honras duma sempre-viva rajada.

— Quem há de esquecer um bicho daqueles, que até parecia gente?

Também os gatos tinham memória. Lá estava a cinerária da gata branca morta nos dentes do Vinagre, e o pé de alecrim relembrativo do velho gato Ramão.

Ninguém, a não ser Timóteo, colhia flores naquele jardim. Sinhazinha o tolerava desde o dia em que ele explicou:

— Não sabem, Sinhazinha! Vão lá e arrapalham tudo. Ninguém sabe apenhar flor.

Era verdade. Só Timóteo sabia escolhê-las com intenção e sempre de acordo com o destino. Se as queriam para florir em dia de anos da moça, Timóteo combinava os buquês com estrofas vivas. Colhia-as, resmungando:

— Perpétua? Não. Você não vai pra mesa hoje. É festa alegre. Nem você, dona violetinha!... Rosa-maxixe? Ah! ah! Tinha graça a Cesária em festa de brancal...

E sua tesoura ia cortando os caules com ciência de mestre. Às vezes parava, a filosofar:

— Ninguém se lembra hoje do anjinho... Pra que, então, goivo nos vasos? Quietos fiquem aqui o senhor goivo, que não é flor de vida, é flor de cemitério...

E sua linguagem de flores? Suas ironias, nunca percebidas de ninguém? Seus louvores, de ninguém suspeitados? Quantas vezes não depôs na mesa, sobre um prato, um aviso a um hóspede, um lembrete à patroa, uma censura ao senhor, composto sob forma dum ramalhete? Ignorantes da língua do jardim, riam-se eles da maluquice do Timóteo, incapazes de lhe alcançar o fino das intenções.

Timóteo era feliz. Raras criaturas realizam na vida mais formoso delírio de poeta. Sem família, criara uma família de flores; pobre, vivia ao pé de um tesouro.

Éo feliz, sim. Trabalhava por amor, conversando com a terra e as plantas — embora a copa e a cozinha implicassem com aquilo.

— Que tanto resmunga o Timóteo! Fica ali mamorrando horas, o cochichar, a rir, como se estivesse no meio duma criança-dal...

É que na sua imaginação as flores se transfiguravam em seus seres vivos. Tinha cara, olhos, ouvidos... O jasmim-do-cabo pois não é que lhe dava a bênção todas as manhãs? Mal Timóteo aparecia, murmurando "A bênção, sinhô", e já o velho, encarnado na planta, respondia com voz alegre: "Deus te abençoe, Timóteo..."

Contar isso aos outros? Nuncai!



"Está louco", haviam de dizer. Mas bem que as plantinhas falavam...

— E como não hão de falar, se tudo é criatura de Deus, hom'es-sol...

Também dialogava com elas. Contentinha, heim? Boa chuva a de ontem, não?

— Sim, lá isso é verdade. As chuvas miúdas são mais criadeiras, mas você bem sabe que não é tempo. E o grilo? Voltou? Voltou, sim, o ladrão... E aqui roeu mais esta folhinha... Mas deixe estar, que eu curo ele!

E punha-se a procurar o grilo. Achava-o.

— Seo malfeitor!... Quero ver se continua agora a judiar das minhas flores.

Matava-o, enterrava-o. "Vira esterco, diabinho!"

Pelo tempo da seca era um regalo ver Timóteo a chorar amorosamente sobre as flores com o seu velho regador.

— O sol seca a terra? Bobice!... Como se o Timóteo não estivesse aqui de chover na mão.

— Chega também, vel! Então quer sozinho um regador inteiro? Boa moda! Não vê que as esporinhas estão com a língua de fora?

— E esta boca-de-lédo, ahi ahi está mesmo com uma boca de cachorro que correu veadol! Tome lá, beba, beba!

— E você também, seo resedá, tome lá seu banho pra depois namorar aquela dona hortênsia, moça bonita do "zoio" azul...

E lá ia...

Plantas novas que abrolhavam a primeira botão punham alvoroço de noivo no peito do poeta, que falava do acontecimento na copa, provocando as risadinhas impertinentes da Cesária.

— Diabo do negro velho, cada vez caducando mais! Conversa com flor como se fosse gente.

Só a moça, com o seu fino instinto de mulher, lhe compreendia as delicadezas do coração.

— Está aqui, Sinhá, a primeira rainha margarida deste ano! Ela fingia-se extasiada e punha a flor no carpete.

— Que beleza! E Timóteo ria-se, feliz, feliz...

Certo vez falou-se na reforma do jardim.

— Precisamos mudar isto, lembrou o moço, de volta dum passeio a São Paulo. Há tantas flores modernas, lindas, enormes, e nós toda a vida com estas cinerárias, estas esporinhas, estas flores calpuras...

Vi lá crisântêas magníficas, crisântêas deste tamanho e uma rosa nova, branca, tão grande que até parece flor artificial.

Quando soube da conversa, Timóteo sentiu gelo no coração. Foi agarrar-se com a moça. Ele também conhecia essas flores de fora, vira crisântêas em casa do coronel Barroso, e as tais dalias mexicanas no peito duma foiceira, no leilão do Espírito Santo.

Mas aquilo nem é flor, Sinhá! Coisas da estranha que o Canhoto inventa para perder as criaturas de Deus. Eles lá que plantam. Nós aqui devemos zelar das plantas de família. Aquela dália rajada, está vendo? É singela, não tem o crespo das dobradas; mas quem troca uma menina de saíinha de chita cor-de-rosa por uma semestadeira da cidade, de muita seda no corpo mas sem fé no coração? De manhã "fica assim" de abelhas e cutelos em roda delas... E eles sabem, eles não ignoram quem merece. Se os das cidades fossem de mais estimação, por que é que esses bichinhos de Deus ficam aqui e não

vão para lá? Não, Sinhá! É preciso ainda não sabe a vida. É preciso respeitar as coisas de dan-tes...

E o jardim ficou. Mas um dia... Ahi Bem sentira-se Timóteo tomado de aversão pela família dos ora-pro-nóbis!

Pressentimento puro... O ora-pro-nóbis pai voltou e esteve ali uma semana em conciliábulo com o moço. Ao fim deste tempo, explodiu como bomba a grande notícia: estava negociada a fazenda, devendo a escritura passar-se dentro de poucos dias.

Timóteo recebeu a nova como quem recebe uma sentença de morte. Na sua idade, tal mudança lhe equivalia a um fim de vida. Correu a agarrar-se à moça, mas desta vez nada puderam contra as armas do dinheiro os seus pobres argumentos de poeta.

Vendeu-se a fazenda. E certa manhã viu Timóteo arrumarem-se no fole os antigos patrões, as mucamas, tudo o que constituía alma do velho patrimônio.

— Adeus, Timóteo! — disseram alegremente os senhores-moços, acomodando-se no veiculo.

— Adeus! Adeus!...

E lá partiu o trola, a galope... Dobrou a curva da estrada...

Suruiu-se para sempre...

Pela primeira vez na vida Timóteo esqueceu de regar o jardim. Quedou-se plantado a um canto, a esmoer o dia inteiro o mesmo pensamento doloroso:

Branco não tem coração...

Os novos proprietários eram gente da moda, amigos do luxo e das novidades. Entraram na casa com franjamentos de nariz para tudo.

Velharias, velharias...

E tudo reformaram. Em vez da austera mobília de cabiúna, adotaram móveis pechisques, com veludinhos e frisos. Determinaram o empapelamento das salas, a abertura de um hall, mil coisas esquisitas... Diante do jardim, abriram-se em gargalhadas.

— É incrível! Um jardim destes, cheirando a Tomé de Sousa, em pleno século das crisântêas! E correram-na todo, a rir, como perfeitos malucos.

Olhe, Yvete, esporinhosi! É inconcebível que inda haja esporinhas no mundo!

— E periquito, Odete! Periquito!... disse uma das moças, torcendo-se em gargalhadas.

Timóteo ouvia aquilo com mil mortes n'alma. Não restava dúvida, era o fim de tudo, como sentira: aqueles bugres da cidade arrasarão a casa, o jardim e o mais que lembrasse o tempo antigo. Queriam só o moderno.

E o jardim foi condenado. Mandariam vir o Ambrogio para traçar um plano novo, de acordo com a arte moderníssima dos jardins ingleses. Reformariam as flores todas, plantando as últimas criações da floricultura alemã. Ficou decidido assim.

E para não perder tempo, enquanto o Ambrogio não chega ponho aquele macaco a me arrasar isto — disse o homem, apontando para Timóteo.

— O tição, vem cá!

Timóteo aproximou-se, com ar apatetado.

— Olha, ficou encarregado de limpar este mato e deixar a terra nuozinha. Quero fazer aqui um lindo jardim. Arrasa-me isto bem arrasadinho, entendes?

Timóteo, trêmulo, mal pode engolar uma palavra:

— Eu?

— Sim, tu! Por que não?



O velho jardineiro, atarantado e fora de si, repetiu a pergunta:

— Eu? Eu, arrasar o jardim?

O fazendeiro encarou-o, espantado da sua audácia, sem nada compreender daquela resistência.

— Eu? Pois me acha com cara de criminoso?

E, não podendo mais conter-se, explodiu num assomo estúpido de cólera — o primeiro e o único de sua vida.

— Eu vou mas é embora daqui, morrer lá na porteira como um cachorro fiel. Mas, olhe, moço, que hei de regar tanta praga que isto há de virar uma tapera de locais! A praga há de torrar o café. A peste há de levar até as vacas de leite! Não há de ficar aqui nem uma galinha, nem um pé de vassoural! E a família amaldiçoada, coberta de lepra, há de comer na gamela com os cachorros lazarentos!... Deixa estar, gente amaldiçoada! Não se as-

sassina assim uma coisa que dinheiro nenhum paga. Não se mata assim um pobre negro velho que tem dentro do peito uma coisa que lá na cidade ninguém sabe o que é. Deixa estar, branco de mãe casta! Deixa estar, canina! Deixa estar!...

E fazendo com a mão espalmada o gesto fatídico, saiu às arre-cuas, repetindo cem vezes a mesma ameaça:

— Deixa estar! Deixa estar!...

E longe, na porteira, ainda espalmava a mão para a fazenda, num gesto mudo:

— Deixa estar!

Anotícia. Os curianguês andavam o espaço silenciosos vãos de sombra pelas estradas desertas. O céu era todo um recamo fulgurante de estrelas. Os sapos coaxavam nas brejas e vagalumes silenciosos piscavam piques de luz no sombrio das capoeiras. Tudo adormecera no terra, em

breve pausa de vida para o resurgir do dia seguinte.

Só não ressurgirá Timóteo. Lá agoniza ao pé da porteira. Lá morre. E lá o encontrará a manhã enriejada pelo relento, de barco na grama orvalhada, com o mdo' estendida para a fazenda num derradeiro gesto de ameaça:

— Deixa estar!...

(1920)

Monteiro Lobato (Taubaté-SP, 1882-1948) é considerado o criador do moderno conto brasileiro. Revolucionou a literatura infantil. Criou a campanha de valorização da terra e do petróleo, daí emergindo os germes do nacionalismo que viria mais tarde. Autor de *Cidades Mortas*, *Negrinho*, *A Onda Verde*, *O Mundo de Luz*, *O Macaco que se faz Homem*. ✱ Ilustração de Italo Cenci, pintor e ilustrador brasileiro, com várias exposições no Brasil e exterior.



PEDAÇO DE CUMBERSA

VALDOMIRO SILVEIRA

— É! cabocriho entusiasmodal! Quando ela punha os pés na rua, calçada cuns sapatos rasos, trazendo uas meias cor-de-rosa, vestida de vestido cor-de-rosa também, cheio de fofas — misericórdia! —, não havia cristão, por mais sério que fosse, que não pegasse a pensar no quanto havia de ser bonito aquele corpo anão. A gente principiava pelas pés e ia subindo (no pensamento, já se vê) até o pescoço, parecido coa manga meia madura, e ficava a mó que tanta. A diaba da peste andava também dum jeito que por si só já era uma tentação: bombeava os quartos, como um monte de marmelada com muito açúcar e pouco ponto, bulia coa cabeça dum certo modo, batia cos braços de certo modo... home! nem é bom lembrar!

Pois eu, apesar de ser filho de boa gente, fiquei uns tempos enrubescido pelo tal. Não é de admirar, já visto; que um rapaz, que anda não igualou derreito, é mesmo que nem caldo novo, mal comparando: é ver criatura de saia, já coa cachola avariada. A morena morava ali pros lados da mina e vivia sempre assada e cuidada que dava gosto; na casa não havia nem um cisco de mesinha pra qualquer pinto comer, parava tudo varrido, feito um altar; as paredes, sempre cobertas de chito expandido e alegre, tinham santos e santas e quadros de guerra e moços e moças do tom. Um, como eu, possuava na rua, olhava e apreciava aquilo; depois, vendo a dona da casa andar e falar e rir, não se esquecia mais do caminho e volta e meia 'tava remexendo por ali.

Andei compeendo aberta de falar coa morena, muitos dias; não achava furo, porque o Vito queria 'ser o dono dela, a todo custo; o Vito pousava lá, de manhãzinha saía, dava uns giros, mas, com poucas horas de ausência, percurava a cancha outra vez. Ora eu nunca fui amigo de rixas, nem dúvidas; enjettei muita briga boa, havia agora de querer uma briga dessas, do pra mó, proximiente de arrasto de asa a já mulher que afinal vinha a ser das do polo aberto? Evitei o Vito quanto pude, mas porém a bateadeira do coração já não me era pouca p'r amor de aquela perigosa. Um dia de domingo, sabendo que a Vito ia pra São Pedro e falhava, artilhei meu pangaré, só

de luxo, e fiz estrada no rumo da mina.

É vergonha dizer, confundo eu digo: quando me vi perto do mato, quando ela me pregou aqueles olhos tiranos, e lindos, senti a moleza nas curvas e por um pouquinho não cai. Perguntei se um rapaz que não vivia no comércio, podia chegar na casa dela, e a cabocriho foi-me dizendo que podia, pois não, pra prosa qualquer um podia chegar. Entrei, botei meu chapéu num canto, em riba do cabo de reio, senti num tamborete e fui tirando um elto de cumbersa. Inté hoje me alembra que a voz da Carola era tal e qual a fala duma sobri, sem ejaçã nem um.

Palavra puxa palavra, o negócio foi-se encarreando. Contei minha vida inteira, porque ela quis saber umas coisas da minha vida; e, como havia uns pedaços tristes, ela às vezes quôji chorava; contou, depois, por que rezou solu do marido, um malvado que furtava muito dela, que a enganava por causa das outras e por cima de tudo ainda fazia co'ela coa judiação tão grande; por derreio, sendo a minha vida, a bem dizer, irmã da dela, calmo' nos braços um do outro, soluçando soluços que não acabavam mais. E foi assim que a minha sonneiro subiu a uma altura em desmundo; quando se encontra no mundo uma pessoa que tenha sofrido os mesmos pesares que a gente, a mó' que se fica logo cativo dessa pessoa.

Hoje bem que me arrependo, apesar que o que está feito não está por fazer — e isso de se eu subusse é prosa fiada: afinal, história que acontece pra todos, pois não acontece? A Carola gastou de mim, ou ao menos amostava gostar: fugia, altas horas da noite, e ia-me chamar, dizendo que não podia estar sozinha sem mim, temperava café com pouco doce, fazia promessa p'r eu ser fiel toda a vida, coisas que inté nem se deve' repetir. Eu, inté (era só aquela sonneira, mas dormir mesmo, quando?), 'tava atado dum vez.

O Vito não desconfiava de nada. Mas sujeito cumento como o Vito, só o Vito mesmo! Nunca vi Só de a Carola uma 'casida me dar adeus um tantinho de longe, o diário espezinhou-se; já no sufragante reparei que o adeus lhe amargou, pelo simples

sinai de ele me olhar com cara de negor pousada e riscar na terra a mangarua que trazia por costume. A Carola, esse dia, sofreu o que uma alma de pecador não sofre no inferno: palavradas, indiretas e mais indiretas, nomes feios, uma apuração brabo! Nem bem a noite fechou, recebi um recado que me chamava, e o recado era da Carola: segurei meu alecrim, enfiei a francana aqui na cinta, e rompi; subi inté que o Vito foi locado como um co-chorro, tudo por meu respeito, e me vi na obrigação de tomar conta da quitanda.

Ái é que foi o choro da gralha: O tempo bom, rapaz! parecia que eu 'tava mas era vivendo num céu aberto. Carinho da morena, saúde de ferro e cobre na 'gibeira... calculei! Aquela empreito da estrada nova tinha-me dado um resultado: a notaria que me pagaram foi tanta e de tantas cores, que me relampeava nos olhos, quando eu puxava o maco pra fazer qualquer despeisa. Eu não quero que isto seja de regra assim: mas sempre lhe digo que jereba, pra querer bem à gente de verdade, precisa ver ao menos a corzinha verde dum nota de dez. O tempo bom, rapaz!

Tave fim, o bom tempo. Apareceu na vila, vindo desses fundos de São Paulo, um peralta atoa de nome Fernando, cobruado e embonecrado, mas porém feio que nem urutau. Engarçou-se pela Carola, andou-lhe dizendo graças e pilhérias, e a Carola 'tava firme comigo tal e qual aquela pedra mais grande da corredeira perto da ponte. O home' insistiu, fazendo mostra de suas riquezas, de seus arreios prateados, de seus machos marchadores, de sua roupa cara... e a Carola não dá de afrouxar na palca que li nha por mim. Neste entanto, meus recursos lá se foram pela água abaixo, e eu principiei a não poder mais comprar certas estícties que ela pertendia, uns lequinhos, uns brinços, umas pulseiras: notei logo que a afeição diminuía, que os mimos iam esfriando, que a diaba escancarava a boca junto de mim, fazendo pouco caso e outras muitas.

Pra encurtar rezões: a'ordinário começou a pular fora dos trilhos. Eu, tanto que percebi a leréia, tratei de pillar os dois coa boca na botija: perparei terreno pra

história, menti que ia de viagem demorada, e voltei no mesmo dia; só pra rua, pra voltar na mesma hora —, inté que uma vez, uma noite, esperei o cobra atrás dum pau de 'coita-cavalo, a parzinho coa cerca, e o dito cobra chegou pelas onze, mais ou menos.

É difícil contar o que eu fiz, assim que vi o guampudo: só sei que o meu alecrim lhe gemeu na testa, e o guampudo rolou no chão que nem um passarinho, mole e sem barulho. A noite era de quarto minguinte, escura a conta inteira. Parei, um tempão, encostado no 'coita-cavalo, e dei de ruminar no serviço que arranjara: a consciência me doeu. Eu, pobre de mim! — devendo um crime tão horroroso, de esperar meu semelhante pra lhe fazer mal fora de horas e com traição! Meu coração ficou gelado, rapaz! Negócio c'a justiça, num lugar que tem um promotor terrível: como o daqui, não paga a penal. Já eu parecia que 'tava sentindo os mãos dos soldados nos largatos dos meus braços. Passei um bocado bem ruim!

Quando senão quando, o machucado suspirou. Que suspiro, Santa Virge! — vinha arrancado lá de longe, devagarinho, seu tanto ou quanto arrastado: fazia dól! Pra mim, que já me via mesmo atropalhado, aquele suspiro foi um golpe: entrou-me cortando as carnes e deixando entre meio delas uma friura de intangir. Saltei feito um embrulho pro lado do ofendido, risquei um palito de fósfor... e estive co' não-cai, vendo que ele não era o seu Fernando. Pois era o Mequinho, coitado do filho de sa Mariana, tão quieto e pacífico Reuni quanta força me restava, e pedi perdão pro Mequinho. Ele abriu os olhos, meio emboçados ainda pelos restos da vertige', e falou-me por este jeito, sem tirar nem pôr:

— Intão, devêra', Mané da Silva, devêra' você teve coragem' de me fazer isto? Eu, que não bulo coa vida de ninguém, mereço agora ser esperado por detrás dum pau, de traição, e espancado? Por que, Mané da Silva? p'r amor de a Carola? Mas a Carola recebe quanto calpira hai: sou eu, inté, que pago os delictos dos mais? Você bem sabe que o veldre não roncando, o tatu não vem furtar mel... Você devia primeiro esbordoar o Antoninho, o

Juvêncio, o Ernesto da Mumbuca, o Zezinho Magro, o Joaquim de nhá Zefa, um dilúvio deles!

— Você fala sem mentir, Mequinho? — perguntei eu.

— Falo inté coa mão sobre um livro santo — me disse ele.

Ora o Mequinho é um caboco de fiança: o que ele diz pode-se escrever e acreditar. Vêlo, rapaz, veja na que fui cair! Por isso você não abra os ouvidos ao que esse povinho fermoso fala, que tudo é mentira: mulher, quando sai pro mundo com tenção de entrar na vida, já sai completa pra tudo que hai mau e perverso. O Mequinho prometeu que não fazia queixa à autoridade, e eu ossois seguei: mas larguei duma vez a Carola, triste no princípio, depois consolado, logo depois alegre inté. Porque, enfim, quem se livra dum rabicho tão destinado é como quem se livra duma prisão.

Agora pra diante é que me aconteceu coisa inda mais pior... (Leréias)

Figura expressiva do conto regionalista na literatura brasileira, Valdomiro Silveira (Coca Branca SP, 1973-Santos, 1941) fixa o vida do caboco, cujo modo de falar procurou reproduzir. Juiz e homem público, foi Deputado e Secretário da Educação e Justiça do Estado. Publicou *Os Cabocos* (1920), *Nos Serras e Nos Fornos* (1927), *Mixungão* (1937), *Leréias, Histórias contadas por eles mesmos* (1945). * Aylton Thomaz, desenhista, ilustrador, trabalhando para editores e agências publicitárias. É autor de vários livros de desenho, entre eles *Curso Completo do Desenho Cômico*.

D.O. Leitura

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S/A — IMESP
Diretor-Superintendente: Caio Plínio Aguiar Alves de Lima
D.O. LEITURA — Editor: Ruy Marcucci
Redação: Rua da Mooca, 1921 — Telefone: 291-3344 — ramal 344.
Composto e impresso nas oficinas da IMESP.

